UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Biociências, Botucatu
Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação

Bruno dos Santos Riccardi
Herick Henrique da Silva
Julia Claudinéia Santos Candiotta
Júlia Vitória Francisco de Aquino
Samara Leticia Amato da Rocha

ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PERSPECTIVA “CIDADE DAS CRIANÇAS” NA (RE)OCUPAÇÃO DE PRAÇAS URBANAS: ESTUDO DE CASO COM FOCO NA ACESSIBILIDADE E NO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Orientador: **André Santachiara Fossaluza**

Botucatu
2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Biociências, Botucatu
Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação

Bruno dos Santos Riccardi
Herick Henrique da Silva
Julia Claudinéia Santos Candiotta
Júlia Vitória Francisco de Aquino
Samara Leticia Amato da Rocha

ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PERSPECTIVA “CIDADE DAS CRIANÇAS” NA (RE)OCUPAÇÃO DE PRAÇAS URBANAS: ESTUDO DE CASO COM FOCO NA ACESSIBILIDADE E NO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Orientador: **André Santachiara Fossaluza**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências, Campus de Botucatu, UNESP, para obtenção do título de Licenciado(a) em Ciências Biológicas.

Botucatu
2026

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉC. AQUIS. TRATAMENTO DA INFORM.
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CÂMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ROSANGELA APARECIDA LOBO-CRB 8/7500

Análise da aplicação da perspectiva "cidade das crianças" na (re)ocupação de praças urbanas : estudo de caso com foco na acessibilidade e no engajamento da comunidade escolar / Bruno dos Santos Riccardi ... [*et.al.*] - Botucatu, 2026.
110 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Botucatu
Orientador: André Santachiara Fossaluza

1. Educação ambiental. 2. Praças. 3. Acessibilidade. 4. Participação social. 5. Escolas. I. Riccardi, Bruno dos Santos. II. Silva, Herick Henrique da. III. Candiotta, Julia Claudinéia Santos. IV. Aquino, Júlia Vitória Francisco de. V. Rocha, Samara Leticia Amato da.

BRUNO DOS SANTOS RICCARDI, HERICK HENRIQUE DA SILVA, JULIA CLAUDINÉIA SANTOS CANDIOTTA, JÚLIA VITÓRIA FRANCISCO DE AQUINO, SAMARA LETICIA AMATO DA ROCHA

ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PERSPECTIVA “CIDADE DAS CRIANÇAS” NA (RE)OCUPAÇÃO DE PRAÇAS URBANAS: ESTUDO DE CASO COM FOCO NA ACESSIBILIDADE E NO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Estadual Paulista, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado(a), do curso de Graduação em Ciências Biológicas.

Botucatu, 29 de agosto de 2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANDRE SANTACHIARA FOSSALUZA
Data: 29/08/2026 10:33:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. André Santachiara Fossaluza
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Botucatu, Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação (DCHCNA)

Documento assinado digitalmente
gov.br
NIJIMA NOVELLO RUMENOS
Data: 29/08/2026 10:38:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Níjima Novello Rumenos
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Botucatu, Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação (DCHCNA)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar e com profundo carinho, ao nosso orientador, Prof. Dr. André Santachiara Fossaluza. Nossa sincera gratidão por ter aceitado conduzir este trabalho desde os primeiros passos, por ter acolhido a nossa ideia de buscar algo novo e por ter topado encarar com o grupo o desafio de explorar assuntos inéditos. Sua paciência constante, dedicação, disponibilidade para sentar e construir conosco a cada etapa, somadas ao seu olhar crítico e compromisso humano, foram essenciais para este aprendizado e para nossa formação.

Expressamos nossa imensa gratidão ao Instituto de Biociências de Botucatu, da Universidade Estadual Paulista (UNESP, IBB). Mais do que o espaço de realização deste trabalho, a UNESP foi o lar da nossa formação acadêmica, científica e humana, proporcionando experiências, aprendizados e caminhos que levaremos para a vida toda ao celebrarmos a conquista da nossa graduação.

Agradecemos à equipe do projeto Fábrica das Infâncias, em Jundiaí/SP, pelo acolhimento generoso e por compartilhar experiências inspiradoras sobre a participação das crianças nos espaços urbanos. Nosso agradecimento estende-se também à equipe responsável pelo Parque Naturalizado Teotônio da Silva Gomes, junto com a Horta Urbana do Jardim Guanabara, pelas ricas contribuições e ações apresentadas ao nosso grupo, especialmente à arquiteta e urbanista Alissandra Bernardini de Oliveira, da Prefeitura Municipal de Jundiaí.

Ainda, agradecemos às Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Educação da Prefeitura Municipal de Botucatu pela receptividade e apoio no planejamento e realização da pesquisa.

De forma muito especial, expressamos nosso profundo reconhecimento e carinho à equipe gestora, aos professores e aos funcionários da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) José Antônio Sartori, que acolheram nossa pesquisa com generosidade, confiança e entusiasmo desde o primeiro momento. Em especial, agradecemos à diretora Kátia Generoso e aos professores Everton, Aline e Elizabete, pelo apoio constante, pela disponibilidade em colaborar, pela confiança em nosso trabalho e por viabilizarem todas as etapas das atividades desenvolvidas com as crianças. A receptividade, o comprometimento e a parceria de vocês foram essenciais

para a concretização desta pesquisa e tornaram essa experiência acadêmica ainda mais significativa e inesquecível.

Por Júlia Vitória Francisco de Aquino

A Deus e à vida, minha gratidão por me concederem força, resiliência e persistência ao longo destes anos. Agradeço por cada porta que se abriu, por me apresentar a uma nova realidade e por um mundo de oportunidades que transformou a minha jornada, permitindo-me superar medos e dificuldades, e alcançar conquistas antes inimagináveis.

À minha mãe, Kelly: meu porto seguro, minha maior inspiração e o motivo de tudo. Não existem palavras suficientes para te agradecer. Obrigada por ser meu esteio, por todo o amor incondicional, pela dedicação diária e por fazer o possível e o impossível para que eu pudesse chegar até aqui. Se hoje conquisto esse espaço, é por você

À minha família, por todo o apoio e carinho ao longo dessa caminhada. Em especial à minha avó, Márcia, e ao meu pai, Luis, por acreditarem no meu potencial e me cercarem de cuidado em cada etapa. E aos meus irmãos, Rayssa e Wellington, que acompanharam cada passo de perto e compartilharam dessa jornada comigo, meus mais sinceros e infinitos agradecimentos.

À minha orientadora, Arielle, que me guia com carinho e sabedoria desde o meu segundo ano de graduação: meu muito obrigada por ter sido uma figura tão essencial na minha formação acadêmica e pessoal, e na minha construção dentro do laboratório. Ao meu orientador, André, agradeço por ir muito além do TCC e das aulas: sua orientação despertou em mim uma verdadeira mudança, ensinando-me a me posicionar, a falar mais e a perder o medo de me expor. Seu apoio foi o ponto de virada na minha formação.

Aos meus amigos da vida, que sempre estiveram ao meu lado de forma leve, atenta e carinhosa em todas as fases, escutando meus desabafos e vibrando com cada conquista; e às amizades valiosas que fiz durante a graduação, por compartilharem essa caminhada, aliviarem o peso dos dias difíceis e me presentearem com aprendizados e memórias que levarei para sempre.

Ao Laboratório de Toxicologia de Produtos Naturais e Sintéticos, por ter sido parte fundamental da minha trajetória. Aos amigos que fiz no laboratório, meu agradecimento sincero por cada ajuda, ensinamento e por me acolherem, permitindo que eu me encontrasse dentro do universo da pesquisa.

Por fim, guardo em meu coração e na memória aqueles que não estão mais aqui. Esta vitória também é por vocês, que permanecem vivos em mim e em cada passo que dou. Afinal, este momento não é apenas meu, mas de todos que estiveram ao meu lado ao longo desses cinco anos.

Por Júlia Claudinéia Santos Candiotta

Primeiramente, agradeço a Deus, minha rocha e fortaleza. Sem a Sua graça, força e luz nos momentos de incerteza, eu não teria chegado até aqui. Obrigado por guiar cada um dos meus passos e renovar minhas forças a cada novo dia.

À minha amada filha Maria Eduarda Candiotta Marcondes, que é a razão de tudo. Você foi meu maior combustível, meu porto seguro e o motivo pelo qual jamais pensei em desistir. Cada noite de sono perdida e cada esforço valeram a pena por você e para você.

À minha família, meu alicerce. Agradeço pelo apoio incondicional, pela paciência e por acreditarem no meu potencial, mesmo quando eu duvidava de mim mesma(o). O amor e o incentivo de vocês foram fundamentais em toda essa jornada.

Aos amigos que fiz ao longo desses cinco anos de faculdade, o meu muito obrigada(o). Dividir as angústias, os trabalhos, as risadas e as conquistas com vocês tornou a caminhada mais leve. Juntos, superamos as dificuldades e construímos memórias que levarei para a vida toda.

Por fim, agradeço por ter tido a coragem de enfrentar e superar todos os meus medos ao longo desses cinco anos. Esta conquista não é apenas o fim de um ciclo acadêmico, mas a prova de que sou capaz de ir além do que jamais imaginei.

Por Samara Letícia Amato da Rocha

Primeiramente, agradeço a Deus por toda a obra realizada em minha vida durante estes cinco anos de graduação. Foi Ele quem me deu forças para permanecer

firme diante das dificuldades, renovando minha esperança e me fazendo acreditar que, apesar de todas as lutas, tudo daria certo ao final desta caminhada.

À minha mãe, Eliana, dedico um agradecimento mais do que especial. Obrigada por, desde sempre, nos ensinar que jamais devemos desistir dos nossos sonhos. Obrigada por caminhar ao meu lado em todos os momentos, sejam eles felizes ou difíceis, acolhendo minhas inseguranças, celebrando minhas conquistas e me incentivando a seguir em frente. Sua dedicação em criar três filhos sozinha sempre foi meu maior exemplo de força, coragem e amor. Você me mostrou, diariamente, o verdadeiro significado de proteção, cuidado e perseverança. Nunca me senti sozinha, porque sempre soube que poderia contar com você. Sua força é admirável, e eu a levo como inspiração para toda a minha vida.

Aos meus irmãos, Robson William e Pedro Henrique, meus eternos meninos, agradeço por estarem ao meu lado ao longo dessa trajetória. Mesmo entre brincadeiras, discussões e as diferenças que fazem parte da relação entre irmãos, saibam que o amor que sinto por vocês é imenso. Sempre estarei aqui para protegê-los e apoiá-los, assim como vocês também fizeram por mim.

Aos amigos que a graduação me presenteou, deixo minha gratidão. Vocês tornaram a caminhada muito mais leve e possível. Compartilhamos momentos de alegria, medo, ansiedade, cansaço, conquistas e superações que levarei comigo para sempre. Cada amizade construída fez diferença nesta jornada e tornou a experiência ainda mais especial.

Ao meu orientador, Prof. Dr. André Santachiara Fossaluza, agradeço a paciência, disponibilidade, dedicação e rigor científico durante toda a construção deste trabalho. Desde os primeiros passos desta pesquisa, sua orientação foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e profissional. Obrigada por conduzir este processo com tanto respeito, atenção e compromisso. Sua sensibilidade em compreender que, antes de sermos professores/pesquisadores, somos pessoas que também enfrentam desafios e isso fez toda a diferença nesta caminhada. Levarei seus ensinamentos para além da graduação.

Por mim, agradeço a mim mesma. Por não desistir, mesmo quando o caminho parecia difícil. Por enfrentar cinco anos de desafios, conquistas, perdas, aprendizados e transformações. Que esta conquista seja um lembrete de que somos mais fortes do

que imaginamos e de que, quando caminhamos com perseverança, coragem e esperança, somos capazes de transformar sonhos em realidade.

Por Bruno dos Santos Riccardi

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família, meu porto seguro, expresso minha mais profunda gratidão. Aos meus pais, Roque e Luciara, que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui, agradeço o amor incondicional, pelos sacrifícios silenciosos e por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava. Ao meu irmão, Nicolas, obrigado pela companhia, pelo incentivo e por tornar essa trajetória mais leve. Vocês são minha base e minha maior motivação.

Aos meus amigos da faculdade e aos de infância, agradeço por compreenderem minhas ausências e por celebrarem comigo cada pequena conquista. Obrigado pelas palavras de incentivo, pelos momentos de descontração e por estarem presentes nos dias difíceis. A amizade de vocês foi essencial para que eu mantivesse o equilíbrio entre os estudos e a vida.

À minha namorada, Aline, meu agradecimento mais especial e carinhoso. Você foi, sem dúvida, uma das pessoas mais importantes nessa trajetória. Obrigado por estar ao meu lado em cada momento, nos dias de cansaço, nas noites de estudo, nas horas de ansiedade e nas pequenas conquistas que celebramos juntos. Obrigado pela paciência infinita, pelo carinho, pela compreensão e por nunca soltar a minha mão, mesmo quando eu precisava me ausentar para me dedicar a este trabalho. Sua presença foi meu refúgio e sua confiança em mim, meu combustível. Ter você ao meu lado tornou tudo mais leve e mais significativo. Este trabalho também é um pouco seu.

Ao meu orientador de Iniciação Científica, Prof. Dr. Renato Ferretti, minha sincera e especial gratidão. Agradeço por ter me acolhido no laboratório desde o início da graduação e por ter acompanhado de perto todo o meu crescimento ao longo desses anos. Mais do que um orientador, você foi um mentor, que compartilhou seu conhecimento com generosidade, incentivou minha curiosidade científica e acreditou no meu potencial em cada etapa. Obrigado pela paciência nas orientações, pelas correções cuidadosas e por transformar o laboratório em um ambiente de aprendizado e crescimento.

Ao orientador desse trabalho incrível, Prof. Dr. André Santachiara Fossaluza, minha sincera gratidão. Obrigado pela orientação dedicada, pela paciência em cada correção e por compartilhar seu conhecimento com generosidade. Suas contribuições foram fundamentais para a construção deste trabalho, e sua confiança no meu potencial foi um incentivo constante. Levo comigo não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o exemplo de profissionalismo e dedicação na área de Educação.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho. A cada um, meu muito obrigado.

Por Herick Henrique da Silva

Agradeço, primeiramente, à minha família, por todo o amor, apoio, dedicação e incentivo ao longo de toda a minha trajetória. Em especial, à minha mãe, que nunca mediu esforços para que eu tivesse as melhores oportunidades e pudesse construir o meu próprio caminho. Mesmo não tendo tido a oportunidade de concluir os próprios estudos, sempre fez o possível e o impossível para que eu pudesse estudar, crescer e alcançar objetivos que, por diferentes circunstâncias, não lhe foram possíveis. Cada esforço, cada renúncia e cada palavra de incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Por isso, esta conquista não é somente minha, mas também dela. A conclusão desta graduação representa não apenas a realização de um sonho pessoal, mas também o resultado de todo o amor, dedicação e sacrifícios que ela fez ao longo da minha vida para que eu pudesse chegar mais longe.

Ao meu irmão, agradeço por ser também uma fonte de inspiração para que eu continue buscando crescer, tanto pessoal quanto profissionalmente. Espero me tornar, cada vez mais, um profissional capacitado e alguém em quem ele possa se espelhar, assim como desejo estar sempre presente para ajudá-lo, apoiá-lo e compartilhar com ele tudo aquilo que a vida e a profissão ainda me ensinarão.

Aos meus amigos de infância e a todas as amizades que construí ao longo desses anos, deixo minha sincera gratidão por todo o apoio, companheirismo e carinho. Agradeço especialmente por sempre se prontificarem a me ajudar nos momentos de maior dificuldade, por ouvirem minhas preocupações, compartilharem minhas conquistas e tornarem os momentos difíceis mais leves. Cada amizade

construída ao longo dessa trajetória teve sua importância e, de alguma forma, contribuiu para que eu chegasse até aqui.

Um agradecimento especial à Profa.ª Dra.ª Maria Carolina, que teve um papel muito importante na minha trajetória acadêmica. Agradeço por todo o apoio, incentivo e pelas palavras que me motivaram a continuar estudando e a buscar o ingresso no ensino superior. Seu incentivo foi importante para que eu acreditasse que a universidade também poderia fazer parte da minha trajetória. Parte de quem sou hoje e do profissional que pretendo me tornar é resultado das pessoas que acreditaram em mim e me incentivaram a seguir em frente, e você certamente faz parte disso.

Por fim, deixo um agradecimento especial ao nosso orientador, Prof. Dr. André Fossaluza, por toda a dedicação, paciência e confiança ao longo desses cinco anos de formação e, especialmente, durante a construção deste lindo trabalho. Desde o meu ingresso na faculdade, sua atuação como docente foi fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Agradeço por todas as oportunidades de aprendizado, pelos conselhos, pelas orientações e, principalmente, por sempre incentivar meu desenvolvimento e acreditar no meu potencial, inclusive nos momentos em que eu mesmo tive dificuldade para reconhecê-lo. Muito obrigado por ter feito parte dessa trajetória e por contribuir não apenas para a realização deste trabalho, mas também para a pessoa e o profissional que estou me tornando.

A todos vocês, minha mais sincera gratidão. Parte de quem sou hoje, daquilo que conquistei e do profissional que ainda pretendo me tornar carrega um pouco de cada pessoa que esteve ao meu lado durante essa caminhada.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo desenvolver um projeto coletivo de revitalização de uma praça pública em frente a uma escola de Botucatu (SP), com base nas opiniões e necessidades da comunidade escolar, visando à melhoria do uso, da inclusão e da apropriação social do espaço. O referencial teórico pautou-se na perspectiva da Cidade das Crianças, na educação ambiental crítica e na acessibilidade universal. A metodologia, de caráter misto, envolveu visita técnica ao programa Cidade das Crianças em Jundiaí (SP), diagnóstico da praça e do seu entorno, aplicação de questionários junto à comunidade escolar e desenvolvimento de oficinas educativas com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais de uma escola pública municipal em Botucatu. Os dados obtidos foram analisados por meio de estatística descritiva e da Investigação Temática freireana. Os resultados evidenciaram problemáticas relacionadas à infraestrutura, à conservação e a acessibilidade: 52,4% das pessoas adultas participantes consideraram o espaço "nada seguro" para a brincadeira autônoma e 76,2% apontaram a má conservação de calçadas e bancos. A análise dos desenhos resultantes das oficinas educativas realizadas com as crianças revelou a predominância de seis temas geradores, com destaque para “Brincar e Lazer” (46,4%) e “Infraestrutura e Conforto” (19,6%). A discussão, articulada à perspectiva da Cidade das Crianças e à educação ambiental crítica, evidenciou as crianças como protagonistas na leitura do espaço urbano e subsidiou diretrizes para a requalificação da praça, incluindo adequações de acessibilidade e espaços de convivência.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Praças. Acessibilidade. Participação Social. Escola.

ABSTRACT

This study aimed to develop a collective project to revitalize a public square located in front of a school in Botucatu (SP), based on the opinions and needs of the school community, with the goal of improving the space's usage, inclusivity, and social appropriation. The theoretical framework was grounded in the Children's City perspective, critical environmental education, and universal accessibility. The mixed-methods methodology involved a technical visit to the Children's City program in Jundiaí (SP), an assessment of the square and its surroundings, the administration of questionnaires to the school community, and the conducting of educational workshops with 3rd-grade students (early elementary level) from a municipal public school in Botucatu. The data obtained were analyzed using descriptive statistics and Freirean Thematic Investigation. The results highlighted issues regarding infrastructure, maintenance, and accessibility: 52.4% of participating adults considered the space "not at all safe" for independent play, and 76.2% pointed out the poor condition of sidewalks and benches. Analysis of the children’s drawings produced during the workshops revealed the predominance of six generative themes, most notably "Play and Leisure" (46.4%) and "Infrastructure and Comfort" (19.6%). The discussion, framed by the Children's City perspective and critical environmental education, highlighted the role of children as protagonists in interpreting urban space and informed guidelines for the square's redevelopment, including accessibility improvements and areas for social interaction.

Keywords: Environmental Education. Squares. Accessibility. Social participation. School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **16**

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **21**
2.1. O ENTORNO ESCOLAR COMO TERRITÓRIO EDUCATIVO 21
2.2. EDUCAÇÃO CRÍTICA E PEDAGOGIA DO LUGAR 21
2.3. CIDADE DAS CRIANÇAS E PARTICIPAÇÃO INFANTIL 22
2.4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL 22
2.5. ACESSIBILIDADE UNIVERSAL, DESENHO INCLUSIVO E O DIREITO AO ESPAÇO PÚBLICO 23
2.6. PESQUISA PARTICIPATIVA, QUALITATIVA E ÉTICA NA ESCUTA DAS CRIANÇAS 24

3. OBJETIVOS **26**

4. METODOLOGIA **27**
4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO 27
4.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA 28
4.3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS 28
4.3.1. Visita técnica de referência 29
4.3.2. Roteiro de diagnóstico socioespacial e ambiental do território 29
4.3.3. Questionário estruturado com a comunidade escolar e moradores(as) 30
4.3.4. Roteiro de escuta e atividades participativas com as crianças 32
4.3.4.1. Procedimentos éticos 33
4.3.4.2. Roteiro das oficinas educativas participativas 33
4.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS 34
4.4.1. Análise estatística descritiva e categorização temática (Dados da comunidade) 34
4.4.2. Análise da expressão gráfica infantil e investigação temática (Dados das crianças) 35
4.4.3. Triangulação metodológica de dados 36

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES **37**
5.1. PARÂMETRO DE REFERÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA “CIDADE DAS CRIANÇAS” (JUNDIAÍ, SP) 37
5.1.1. Equipamentos públicos, memória e desemparedamento da infância 38
5.1.2. Conservação da biodiversidade, hortas urbano-escolares e espaços de convivência 38

5.2. Diagnóstico socioespacial e físico-ambiental da praça 39
5.2.1. Fluxo de veículos e pedestres 40
5.3. PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR E DOS(AS) MORADORES(AS) SOBRE A PRAÇA 44
5.3.1. Perfil dos(as) participantes e frequência de uso 45
5.3.2. Avaliação da infraestrutura, acessibilidade e segurança 46
5.3.3. Demandas e sugestões da comunidade para o espaço público 49
5.4. A LEITURA INFANTIL DO TERRITÓRIO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS 50
5.4.1. Categorização e análise dos desenhos 50
5.4.2. Distribuição dos dados e frequência dos elementos 51
5.5. TEMAS GERADORES DA INFÂNCIA NA PRAÇA URBANA 54
5.5.1. Percurso metodológico da investigação temática 54
5.5.2. Análise dos temas geradores 56
5.5.2.1. Brincar e lazer 56
5.5.2.2. Infraestrutura e conforto 57
5.5.2.3. Natureza e ambiente 58
5.5.2.4. Segurança e mobilidade 60
5.5.2.5. Comércio, Cultura e serviços 61
5.5.2.6. Convivência e inclusão 62
5.5.3. Complementaridade entre as percepções de adultos(as) e crianças 63
5.6. DIRETRIZES SOCIOAMBIENTAIS E URBANÍSTICAS PARA A REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA 64
5.6.1. Desenho holográfico do local 66
5.6.2. Proposição de requalificação da praça 70

6. CONCLUSÃO 77

REFERÊNCIAS 79

APÊNDICE 1 - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RCLE) 82
APÊNDICE 2 - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ RESPONSÁVEIS 84
APÊNDICE 3 - REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 86
APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO PARA COLETA DE DADOS 88
APÊNDICE 5 - DESENHOS ELABORADOS PELAS CRIANÇAS DURANTE AS OFICINAS PARTICIPATIVAS 91

1. INTRODUÇÃO

Espaços públicos localizados no entorno de unidades escolares, tais como praças, parques e zonas de permanência junto às calçadas, integram organicamente o cotidiano de crianças, famílias, professores(as) e demais trabalhadores(as) da educação, constituindo pontos convergentes nos momentos de chegada e saída do ambiente escolar. Contudo, na lógica dominante do planejamento urbano contemporâneo, tais territórios ainda são prioritariamente concebidos como meras zonas de transição e regulação dos fluxos de tráfego, em que o deslocamento de veículos automotores se sobrepõe à qualidade da permanência, à segurança viária e às condições de convivência dos pedestres (Sennett, 2014). Essa lógica corrobora a crítica de Jacobs (2011) e Gehl (2013) ao urbanismo centrado no automóvel, que compromete a vitalidade e a vida social das ruas e praças. Essa configuração limita especialmente a vivência das crianças na cidade, reduzindo oportunidades de brincar, explorar o ambiente e exercer sua autonomia, elementos reconhecidos como fundamentais para o desenvolvimento humano (Tonucci, 2005; 2019).

Nesse contexto, amplia-se a compreensão de que os processos educativos extrapolam os limites físicos da escola e podem ocorrer em diferentes espaços da cidade. Assim, o entorno escolar passa a ser compreendido como parte de um território educativo, no qual planejamento urbano, convivência, aprendizagem e participação social se articulam (Gruenewald, 2003). Essa perspectiva fundamenta a presente pesquisa ao reconhecer a praça localizada em frente à escola como um espaço potencial para o desenvolvimento de experiências educativas, ambientais e comunitárias.

Essa compreensão encontra respaldo em referenciais do campo da Educação que defendem a importância da experiência, das interações sociais e do contexto vivido nos processos de aprendizagem. John Dewey (1916; 1938) argumenta que a educação se constitui pela reconstrução contínua da experiência, de modo que espaços públicos como praças e ruas deixam de ser meros locais de circulação e passam a configurar situações concretas de aprendizagem. Complementarmente, Lev Vygotsky (1984) evidencia que o desenvolvimento humano resulta das interações

sociais mediadas pela cultura, de forma que a qualidade do ambiente frequentado pela criança interfere diretamente em suas possibilidades de comunicação, participação e construção de significados. Sob essa perspectiva, o espaço urbano deixa de constituir apenas um cenário físico e passa a integrar o processo formativo, favorecendo experiências de pertencimento, autonomia e convivência.

Ao permitir a integração entre os conhecimentos científicos e contexto territorial, a praça urbana articula-se também como um espaço que permite a realização de ações educativas formais, não formais e informais, em interface com diversas áreas do conhecimento, especialmente com as Ciências, a Biologia e a Educação Ambiental. Conforme sinaliza Marandino (2008), os espaços de educação não formal proporcionam vivências investigativas e interativas capazes de conectar conteúdos conceituais a contextos socioculturais e ambientais concretos, favorecendo a alfabetização científica e a sensibilidade ecológica. Além das funções urbanísticas e recreativas, a praça escolar abriga parcelas da biodiversidade urbana (arborização, avifauna, entomofauna e solo), configurando-se como um "laboratório vivo" em que noções sobre ecossistemas, ciclos biogeoquímicos, conservação e serviços ecossistêmicos podem ser investigadas de forma contextualizada (Tonucci, 2005).

Ademais, no campo da Educação Ambiental (EA) Crítica, assume-se que os territórios cotidianos constituem lócus privilegiados para a superação da visão ingênua ou puramente conservacionista do ambiente. A literatura especializada distingue a EA em diferentes matrizes teórico-práticas, variando de correntes conservacionistas e pragmáticas a vertentes críticas e emancipatórias, que analisam a natureza como resultado de complexas inter-relações entre sociedade, cultura, política e bioma (Layrargues; Lima, 2014). Lucie Sauvé (2005) ressalta que o ambiente não deve ser reduzido à dimensão dos ecossistemas intocados, mas compreendido como o espaço de vida e de pertencimento comunitário (*oikos*), onde se tecem as relações sociais, a identidade cultural e a responsabilidade coletiva com o lugar. Assim, a requalificação socioambiental de uma praça pública escolar vai além da mera intervenção paisagística: constitui uma oportunidade pedagógica para o exercício da práxis socioambiental, incentivando o cuidado com o bem comum, a valorização da flora e fauna urbanas e a participação cidadã na gestão do território.

Para que a praça exerça efetivamente as suas funções educativas, ecossistêmicas e sociais, é imperativo que o espaço seja projetado sob o princípio da acessibilidade universal e da inclusão plena. No entorno de unidades escolares, tais exigências ganham contornos ainda mais críticos, considerando a diversidade de usuários, que abrange desde crianças em diferentes etapas de desenvolvimento até pessoas com deficiência, idosos e indivíduos com mobilidade reduzida.

O espaço público democrático precisa garantir o uso autônomo, seguro e equitativo por toda a comunidade escolar e do bairro. No Brasil, o ordenamento jurídico e técnico, representado pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e pelos parâmetros normativos da ABNT NBR 9050, estabelece balizas compulsórias para a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas e comunicacionais, servindo como instrumentos teórico-metodológicos para a avaliação diagnóstica e para a proposição de intervenções físicas no ambiente construído (Brasil, 2015; ABNT, 2020).

Contudo, a promoção da acessibilidade e a apropriação do espaço não dependem exclusivamente da aplicação de normas técnicas e intervenções físicas; exigem o engajamento ativo dos sujeitos que habitam o território. Paulo Freire (1987; 1996) nos ensina que a práxis educativa libertadora apoia-se no diálogo rigoroso, na escuta atenta e na problematização da realidade, rechaçando leituras impositivas sobre o meio. A escuta e a reflexão compartilhada com a comunidade escolar não representam mero adereço metodológico, mas o próprio cerne do processo formativo, permitindo que estudantes, professores(as), famílias e moradores(as) elaborem uma leitura crítica do espaço onde vivem e construam, coletivamente, as diretrizes para a sua transformação.

Essa postura metodológica alinha-se à Pedagogia Crítica do Lugar formulada por Gruenewald (2003), a qual postula a necessidade de descolonizar e reabitar os lugares, convertendo o espaço vivido em contexto de reflexão sociopolítica, ação comunitária e aprendizagem emancipatória. Em paralelo, para situar o nível de protagonismo das crianças nos processos decisórios sobre os ambientes que frequentam, Harry Shier (2001) propõe o Modelo dos Níveis de Participação, oferecendo critérios para analisar em que medida as opiniões infantis são

efetivamente escutadas, consideradas e integradas nas tomadas de decisão que impactam a vida coletiva.

Do ponto de vista da investigação empírica com crianças em contextos educacionais, é imprescindível balizar as metodologias participativas por um rigoroso compromisso ético. Conforme destacam Conceição, Souza e Chahini (2025), a escuta da infância nas pesquisas educacionais evoluiu da ultrapassada concepção da criança como "objeto de estudo" ou ser "incapaz" para o seu reconhecimento pleno como sujeito ativo de direitos e coautora do conhecimento. Nesse sentido, a realização de atividades participativas demanda não apenas a anuência dos responsáveis legais via Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), mas fundamentalmente o consentimento informado da própria criança mediante o Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE), garantindo uma linguagem acessível, o respeito à sua alteridade, a proteção de sua imagem e o direito de opinar livremente.

A condução do diagnóstico territorial e das propostas de reocupação apoia-se nos pressupostos das metodologias qualitativas e participativas das Ciências Sociais e da Educação. Como elucida Haguette (2010), a abordagem qualitativa, ao empregar instrumentos como a observação participante, diagnósticos socioespaciais e oficinas dialogadas, rompe com a dicotomia entre sujeito e objeto, ao reconhecer que a transformação da realidade social nasce da interação simbólica e da ação comunitária engajada. A participação direta da comunidade escolar fortalece o sentimento de topofilia e de pertencimento, gerando corresponsabilidade na manutenção e no cuidado permanente com o espaço público ocupado.

Diante dessas premissas teórico-metodológicas, esta pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira os princípios da perspectiva da Cidade das Crianças podem orientar a reocupação e a requalificação de uma praça urbana localizada em frente a uma unidade escolar no município de Botucatu (SP). Trata-se de uma pesquisa de caráter empírico, qualitativo e participativo que articula levantamento bibliográfico, diagnóstico socioambiental do território e escuta da comunidade escolar e de moradores(as) do entorno. As etapas empíricas englobam observações participantes do contexto, oficinas participativas e educativas desenvolvidas com estudantes, amparadas pelos procedimentos éticos e de assentimento exigidos para

a pesquisa com crianças, além do mapeamento de percepções e demandas efetuado junto a pais, professores(as) e moradores(as) por meio de questionários.

Pretende-se, em última análise, compreender de que forma a proposição da requalificação dessa praça pode superar a atual vulnerabilidade viária, ampliando a acessibilidade física, promovendo mais interações com o ambiente e fortalecendo o sentimento de pertencimento comunitário. Busca-se demonstrar que a transformação de áreas urbanas em espaços públicos inclusivos, seguros e ambientalmente qualificados reafirma o papel do entorno escolar como um território educativo fundamental para o ensino de Ciências e Biologia, a Educação Ambiental e a construção da cidadania.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O ENTORNO ESCOLAR COMO TERRITÓRIO EDUCATIVO

A compreensão do entorno escolar como território educativo representa um deslocamento da concepção tradicional de educação centrada exclusivamente no espaço escolar. Nessa perspectiva, os processos de ensino e aprendizagem passam a ser compreendidos em estreita relação com os contextos sociais, culturais e ambientais vivenciados pelos sujeitos.

John Dewey (1916; 1938) fundamenta essa compreensão ao defender que a educação ocorre por meio da experiência. Para o autor, aprender significa reconstruir continuamente as experiências vividas, estabelecendo relações entre teoria e prática. Dessa forma, espaços públicos como praças, parques e ruas deixam de constituir apenas locais de circulação e passam a integrar situações concretas de aprendizagem.

Complementando essa perspectiva, Vygotsky (1978) compreende que o desenvolvimento humano é resultado das interações sociais mediadas pela cultura. O ambiente em que a criança vive influencia diretamente suas possibilidades de comunicação, participação e construção de significados. Assim, a qualidade do entorno escolar interfere tanto nas relações estabelecidas entre os sujeitos quanto nas oportunidades educativas proporcionadas por esse espaço.

2.2. EDUCAÇÃO CRÍTICA E PEDAGOGIA DO LUGAR

A educação crítica proposta por Paulo Freire compreende o processo educativo como prática política, fundamentada no diálogo e na problematização da realidade. Para o autor, ensinar implica criar condições para que os sujeitos interpretem criticamente o mundo e atuem sobre ele, superando práticas educativas baseadas apenas na transmissão de conteúdos.

Essa concepção mostra-se particularmente relevante quando aplicada ao território escolar, pois permite compreender o espaço urbano como objeto de investigação e transformação coletiva. A praça localizada no entorno da escola deixa

de ser apenas um equipamento público e passa a constituir um elemento concreto para a leitura crítica da realidade.

Nessa direção, Gruenewald (2003) amplia essa discussão ao propor a Pedagogia Crítica do Lugar. O autor argumenta que os processos educativos devem articular a valorização dos lugares vividos à análise das relações sociais, históricas e ambientais que os constituem. A educação, portanto, contribui tanto para fortalecer o sentimento de pertencimento quanto para desenvolver uma postura crítica diante das desigualdades presentes no território.

2.3. CIDADE DAS CRIANÇAS E PARTICIPAÇÃO INFANTIL

A proposta da Cidade das Crianças, desenvolvida por Francesco Tonucci, constitui uma crítica aos modelos urbanos centrados no automóvel e na circulação de veículos. Segundo o autor, o planejamento das cidades deve considerar prioritariamente as necessidades das crianças, uma vez que uma cidade segura para elas tende a ser mais inclusiva para todos os cidadãos.

Nessa perspectiva, a autonomia infantil deixa de ser apenas uma característica do desenvolvimento individual e passa a representar um indicador da qualidade do espaço urbano. Ambientes que favorecem deslocamentos seguros, convivência e permanência ampliam as possibilidades de participação social e de apropriação do território.

A efetivação dessa participação pode ser analisada a partir do Modelo dos Níveis de Participação, elaborado por Harry Shier (2001), que propõe diferentes graus de envolvimento das crianças nos processos decisórios. O modelo permite avaliar se a participação ocorre apenas de forma consultiva ou se há compartilhamento efetivo das decisões, aspecto particularmente relevante para pesquisas que buscam incorporar a perspectiva infantil na construção de propostas para o espaço urbano.

2.4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Os espaços públicos urbanos assumem crescente relevância como ambientes de educação não formal, uma vez que ampliam as possibilidades de aprendizagem

para além da sala de aula e favorecem a aproximação entre os conhecimentos científicos e as experiências cotidianas. Diferentemente dos espaços de educação formal, esses ambientes permitem que os sujeitos estabeleçam relações diretas com os fenômenos naturais e sociais presentes no território, promovendo processos investigativos contextualizados.

Segundo Marandino e colaboradores(as) (2016), os espaços de educação não formal contribuem para a alfabetização científica ao possibilitar a observação, a investigação e a problematização de situações reais. No contexto desta pesquisa, a praça localizada em frente à escola apresenta potencial para constituir um ambiente educativo, pois reúne elementos da biodiversidade urbana, como arborização, avifauna, entomofauna e diferentes componentes do solo, permitindo a abordagem interdisciplinar de conteúdos relacionados às Ciências Biológicas.

Entretanto, a utilização pedagógica desses espaços não deve restringir-se à observação da natureza. A Educação Ambiental Crítica (EAC) compreende que as questões ambientais são inseparáveis das dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas que estruturam os territórios. Conforme discutem Layrargues e Lima (2014), essa perspectiva rompe com abordagens conservacionistas centradas apenas na preservação dos recursos naturais, passando a compreender os problemas ambientais como expressão das relações estabelecidas entre sociedade e natureza.

Nessa mesma direção, Sauvé (2005) compreende o ambiente como espaço de vida e de pertencimento, no qual se constroem identidades, vínculos afetivos e responsabilidades coletivas. Sob essa perspectiva, a requalificação da praça analisada nesta pesquisa não se limita à melhoria da infraestrutura urbana, mas constitui uma oportunidade para fortalecer processos educativos, incentivar o cuidado com o patrimônio público e ampliar o compromisso da comunidade com a conservação da biodiversidade urbana.

2.5. ACESSIBILIDADE UNIVERSAL, DESENHO INCLUSIVO E O DIREITO AO ESPAÇO PÚBLICO

A discussão sobre acessibilidade ultrapassa o cumprimento de exigências legais, constituindo um princípio fundamental para a promoção da cidadania e da

participação social. Quando se trata do entorno de unidades escolares, essa questão torna-se ainda mais relevante, pois esses espaços são utilizados diariamente por crianças, idosos, pessoas com deficiência, familiares e trabalhadores da educação, que apresentam diferentes necessidades de mobilidade e uso do espaço público.

Nesse contexto, o conceito de desenho universal orienta a elaboração de ambientes capazes de atender à diversidade humana sem necessidade de adaptações posteriores. Assim, a acessibilidade deve ser compreendida como condição indispensável para garantir autonomia, segurança, permanência e igualdade de oportunidades na utilização dos espaços urbanos.

No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) reconhece a acessibilidade como um direito fundamental para o exercício pleno da cidadania. Complementando esse marco legal, a ABNT NBR 9050 estabelece parâmetros técnicos para o planejamento e a avaliação de espaços públicos, contemplando aspectos como circulação, pisos táteis, rampas, travessias, mobiliário urbano e sinalização acessível.

Neste estudo, esses referenciais não são empregados apenas como normas técnicas de adequação física, mas como instrumentos analíticos para avaliar as condições atuais da praça e subsidiar propostas de requalificação capazes de promover inclusão, autonomia e uso democrático do espaço pela comunidade escolar.

2.6. PESQUISA PARTICIPATIVA, QUALITATIVA E ÉTICA NA ESCUTA DAS CRIANÇAS

A opção pela pesquisa qualitativa fundamenta-se na necessidade de compreender as percepções, experiências e significados atribuídos pelos sujeitos ao espaço investigado. Conforme destaca Haguette (2010), essa abordagem possibilita interpretar fenômenos sociais em sua complexidade, valorizando as experiências vividas e as relações estabelecidas entre os participantes e o território.

Associada à abordagem qualitativa, a pesquisa participativa amplia o envolvimento da comunidade na construção do conhecimento, reconhecendo estudantes, professores, famílias e moradores como colaboradores ativos do processo investigativo. Essa perspectiva mostra-se particularmente coerente com os

objetivos deste estudo, uma vez que a proposta de requalificação da praça depende da compreensão das necessidades e expectativas daqueles que utilizam cotidianamente esse espaço.

A participação das crianças constitui um dos principais elementos desta investigação. Entretanto, sua inclusão nos processos de pesquisa exige procedimentos metodológicos e éticos que assegurem o reconhecimento da infância como sujeito de direitos. Conforme argumentam Conceição, Souza e Chahini (2025), a escuta infantil deve superar perspectivas adultocêntricas e reconhecer a capacidade das crianças de interpretar, produzir conhecimentos e contribuir para a transformação dos espaços que frequentam.

Por essa razão, todas as etapas da pesquisa observaram os princípios éticos estabelecidos para pesquisas com seres humanos, mediante utilização do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), destinado aos responsáveis legais, e do Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE), apresentado às crianças em linguagem acessível. Esses procedimentos asseguram não apenas a conformidade ética da investigação, mas também o respeito à autonomia, à participação e ao protagonismo infantil.

3. OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as potencialidades socioambientais e pedagógicas de uma praça urbana localizada no entorno de uma escola pública na Rua Júlio Vaz de Carvalho, em Botucatu (SP), elaborando diretrizes participativas de requalificação fundamentadas na perspectiva da "Cidade das Crianças", na Educação Ambiental Crítica (EAC), na acessibilidade universal e no ensino de Biologia.

Para alcançar o objetivo proposto, delineamos objetivos específicos que orientaram o desenvolvimento de cada etapa da pesquisa, articulando a fundamentação teórica, a coleta de dados e a proposição de diretrizes. Nesse sentido, os objetivos específicos buscam, de forma articulada e complementar, aprofundar a compreensão do contexto estudado e subsidiar a construção de um projeto de requalificação da praça que atenda, de fato, às necessidades e expectativas da comunidade escolar:

- Mapear e compreender as percepções da comunidade escolar (estudantes, familiares e professores) e dos moradores(as) do entorno sobre a praça, identificando demandas e sugestões relativas à infraestrutura, segurança, acessibilidade, biodiversidade e apropriação social do espaço.
- Caracterizar as condições físicas, ecológicas e socioespaciais da praça e do entorno escolar, identificando o uso do solo, os conflitos de mobilidade entre pedestres e veículos, a presença da flora/fauna urbana e as barreiras à permanência e à acessibilidade universal.
- Sintetizar diretrizes socioambientais e urbanísticas que subsidiem propostas de requalificação para a praça, articulando-a como um ecossistema urbano acolhedor, acessível e funcional enquanto espaço de Educação Ambiental e laboratório vivo para o ensino de Ciências e Biologia.

4. METODOLOGIA

4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa tem como recorte espacial o entorno escolar localizado na Rua Júlio Vaz de Carvalho, nº 1321, no bairro Vila Nossa Senhora de Fátima (Jardim Continental), no município de Botucatu (Figura 1), estado de São Paulo. A delimitação da área concentrou-se na interface entre a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor José Antônio Sartori e o espaço público adjacente, abrangendo a praça urbana situada em sua frente, os passeios públicos (calçadas) e as vias de acesso imediato.

A escolha do local fundamentou-se em critérios de relevância socioambiental e territorial, por constituir o principal ponto de convergência, circulação e permanência cotidiana de estudantes, familiares, profissionais da educação e moradores(as) da comunidade.

Além disso, é relevante destacar que a parceria com esta escola foi indicada e possível devido à atuação de uma das integrantes do grupo nesta unidade escolar por meio de um projeto de extensão. Assim, a proposta é derivada de um processo dialógico entre a estudante e a equipe de gestão da escola, a qual, inclusive, recomendou a realização das atividades com os(as) estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais da escola, os(as) quais se constituíram como o público-alvo principal das oficinas participativas da pesquisa, contando também com a participação de professores(as), equipe gestora, pais/responsáveis e moradores(as) do entorno na etapa do diagnóstico territorial.

Para a caracterização inicial do contexto escolar e comunitário, utilizou-se a plataforma QEdu como fonte primária de dados secundários, extraindo indicadores educacionais e o perfil socioeconômico da unidade. A caracterização do espaço físico e biológico deu-se por meio de protocolo de visita técnica e levantamento cadastral urbano preliminar.

Por fim, é relevante destacar a articulação realizada previamente com as Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Educação, movimento que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Figura 1. Localização do município de Botucatu no estado de São Paulo

Fonte: Adaptado de Wikipédia (2026).

4.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA

A presente investigação enquadra-se como uma pesquisa de abordagem mista (qualitativa e quantitativa integrada), de natureza aplicada e com objetivos exploratórios-descritivos, adotando o estudo de caso como estratégia de delineamento (Yin, 2015).

A abordagem qualitativa permite apreender os significados, percepções e valores atribuídos pelos sujeitos ao espaço vivido (Richardson; Peres, 2012; Haguette, 2010). A natureza aplicada justifica-se pelo propósito de gerar diretrizes socioambientais e urbanísticas capazes de subsidiar a requalificação prática do território. O estudo de caso, por sua vez, possibilita a investigação aprofundada do ecossistema urbano e social em seu contexto real (Yin, 2015).

A pesquisa assume caráter participante e crítico, ancorada na práxis de Paulo Freire (1996), ao reconhecer a comunidade escolar e as crianças como sujeitos ativos na leitura do mundo e na coprodução do conhecimento sobre o seu próprio território.

4.3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados estruturou-se em quatro etapas complementares:

4.3.1. Visita técnica de referência

Como etapa preparatória de repertório técnico e pedagógico sobre urbanismo voltado à infância, realizou-se uma visita técnica de observação ao Programa Cidade das Crianças, no município de Jundiaí (SP), com o acompanhamento da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente do município.

O objetivo desta etapa consistiu em identificar parâmetros de políticas públicas urbanas, mobiliário e estratégias de ocupação infantil para embasar a elaboração dos instrumentos de análise de campo, assim como reconhecer as experiências já desenvolvidas em outros territórios e que poderiam inspirar as proposições resultantes desta pesquisa.

4.3.2. Roteiro de diagnóstico socioespacial e ambiental do território

O diagnóstico físico, ambiental e social do entorno escolar fundamentou-se em observações sistemáticas em campo com o auxílio de diário de bordo, matrizes de checagem (*checklists*) e registros fotográficos. O roteiro de observação foi estruturado em quatro eixos analíticos:

- **Infraestrutura e Acessibilidade Universal**: Avaliação das condições das calçadas, travessias, rampas, sinalização e barreiras arquitetônicas, tendo como parâmetro técnico os critérios da ABNT NBR 9050 e da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015).
- **Conflitos de Mobilidade e Segurança Viária**: Mapeamento dos fluxos de veículos e pedestres nos horários de pico (entrada e saída escolar), pontos de conflito e velocidades praticadas.
- **Aspectos Ecológicos e Conservação Ambiental**: Mapeamento da cobertura vegetal (arborização e permeabilidade do solo), áreas de

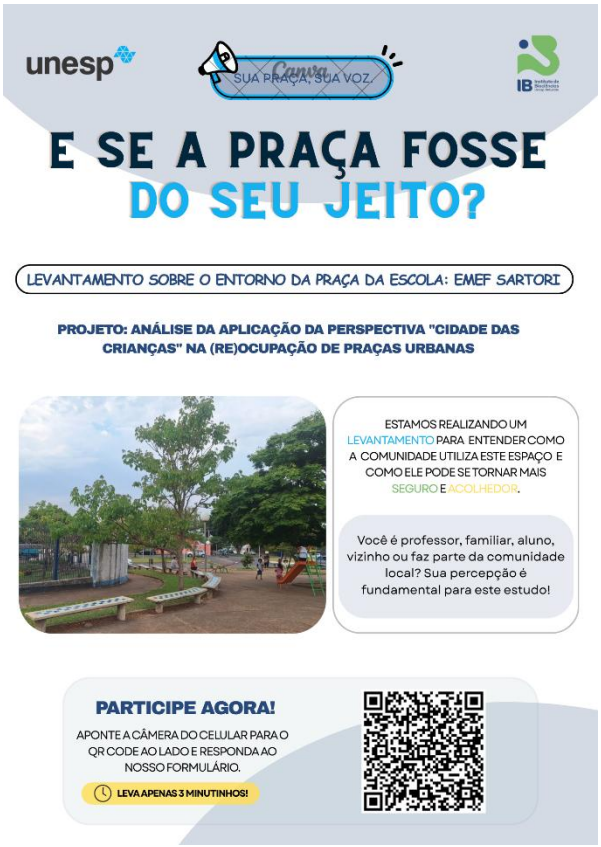
sombreamento, presença de fauna urbana e estado de conservação do mobiliário e dos equipamentos.

- **Dinâmicas Sociais de Uso**: Observação dos padrões de permanência, da faixa etária dos usuários e das atividades desenvolvidas nos diferentes períodos do dia.

4.3.3. Questionário estruturado com a comunidade escolar e moradores(as)

Para a apreensão das percepções do público adulto (familiares, professores, funcionários e moradores do bairro), elaborou-se um questionário disponibilizado via plataforma *Google Forms*. Para garantir a ampla adesão e a compreensão sobre os objetivos do estudo, produzimos um material de divulgação audiovisual explicativo, encaminhado às famílias mediante mediação da equipe gestora da unidade escolar, além de um cartaz de divulgação (Figura 2).

Figura 2. Cartaz de divulgação afixado no entorno da unidade escolar



Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as) por meio da ferramenta Canva.

O instrumento de coleta foi dividido em quatro blocos normativos:

- **Bloco 1 - Registro de Consentimento livre e Esclarecido (RCLE)**: Apresentação dos objetivos, garantias éticas e aceite de participação (Apêndice 1).
- **Bloco 2 - Perfil Socioafetivo e Frequência de uso**: Identificação da relação do(a) participante com a escola/bairro e padrões de frequência na praça.
- **Bloco 3 - Avaliação qualitativa do espaço público**: Valoração em escalas sobre iluminação, segurança, conservação, conforto térmico, arborização e acessibilidade.
- **Bloco 4 - Preposições e diretrizes**: Questões abertas e fechadas voltadas ao registro de demandas e sugestões de intervenção local.

Na sequência, apresentamos o instrumento de coleta completo, contemplando as questões e alternativas disponibilizadas aos(às) participantes:

Quadro 1. Questionário estruturado aplicado junto à comunidade escolar e aos(às) moradores(as) do entorno (Disponível em formato gráfico no Apêndice 4)

Seção	**Questão**	**Alternativa / Tipo de resposta**
Perfil e frequência (Dados Quantitativos)	1. Qual sua relação com a escola?	● Pai/Mãe ou Responsável de aluno(a) ● Morador(a) da região ● Funcionário(a) da escola ● Professor(a), coordenador(a) ou diretor(a) da escola
	2. Com qual frequência você visita ou passa pela praça?	● Diariamente ● 3 a 4 vezes por semana ● 1 a 2 vezes por semana ● Raramente (menos de 1 vez por semana)
	3. Quanto tempo você costuma permanecer na praça por vez?	● Apenas de passagem ● Menos de 15 minutos ● De 15 a 45 minutos ● Mais de 1 hora
Avaliação do Espaço (Escala de Intensidade)	4. Em relação à iluminação da praça no período da noite, você considera:	● Muito boa ● Boa ● Regular ● Pouca/Insuficiente

Seção	Questão	Alternativa / Tipo de resposta
		• Inexistente
	5. Quanto você considera que a praça é segura para uma criança brincar sem o acompanhamento de uma pessoa adulta?	• Muito segura • Pouco segura • Nada segura
	6. Como você avalia a conservação das calçadas e bancos (acessibilidade)?	• Muito conservados • Pouco conservados • Nada conservados (precisam de reforma urgente)
	7. Quanto o barulho e o fluxo de carros atrapalham a permanência na praça?	• Atrapalham muito • Atrapalham pouco • Não atrapalham
Desejos para o Projeto (Fechamento)	8. O quanto você gostaria de ver os seguintes elementos em uma nova praça?	Escala: Muito / Pouco / Indiferente • Brinquedos modernos • Mais árvores e sombras • Rampas e pisos acessíveis • Espaços para sentar-se e conversar • Pontos de água
	9. Se você pudesse mudar alguma coisa hoje na praça, o que seria?	Resposta curta/dissertativa
	10. Caso queira trazer outra sugestão, comentário ou crítica, utilize este espaço livremente.	Resposta longa/dissertativa

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as).

4.3.4. Roteiro de escuta e atividades participativas com as crianças

A definição da turma participante das oficinas resultou de um diálogo prévio com a equipe de gestão escolar, a qual orientou a escolha das turmas de 3º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (EF-AI) como recorte da pesquisa.

Essa definição considerou, por um lado, a maior concentração de estudantes atípicos(as) matriculados(as) nessas turmas, o que tornava a proposta da Cidade das Crianças especialmente relevante para a escuta desse público; por outro lado, a avaliação da gestão escolar de que essas turmas apresentavam maior disponibilidade e engajamento para a realização das atividades, por não estarem submetidas às

pressões típicas dos anos finais do Ensino Fundamental, como avaliações externas de larga escala e a transição para outra unidade escolar.

Assim, o público-alvo das oficinas educativas participativas foi constituído pelos(as) estudantes regularmente matriculados(as) nas turmas de 3º ano da EMEF Prof. José Antônio Sartori.

4.3.4.1. Procedimentos éticos

Antecipadamente à execução das oficinas, encaminhamos aos(às) adultos(as) responsáveis pelos(as) estudantes o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) (Apêndice 2) e apresentamos, diretamente às crianças, com a presença de um(a) professor(a) responsável como testemunha, o Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE) (Apêndice 3), redigido em linguagem lúdica e acessível (Conceição; Souza; Chahini, 2025).

Apenas os(as) estudantes com ambos os termos autorizados integraram a amostragem empírica.

4.3.4.2. Roteiro das oficinas educativas participativas

O roteiro das oficinas educativas participativas foi elaborado de forma dialógica entre nós e os(as) professores(as) da escola, em um processo de construção coletiva que buscou alinhar os objetivos da pesquisa às práticas pedagógicas e à realidade do cotidiano escolar. Nesse diálogo, foram definidos conjuntamente os procedimentos, os materiais, os espaços e os tempos das atividades, de modo a garantir que as oficinas fossem adequadas à faixa etária das crianças e sensíveis às especificidades do contexto, assegurando, ao mesmo tempo, a adesão da comunidade escolar e a legitimidade da participação infantil no processo.

- **Percurso Orientado** (Estudo do Meio): Caminhada mediada pela equipe do projeto e por professores(as) da escola no espaço da praça, estimulando a percepção sensorial do ambiente (sons, sombras, vegetação, brincadeiras, barreiras de circulação e tráfego).

- **Expressão Gráfica e Projeção do Espaço** (Desenho Científico-Lúdico): Realização de oficina de produção gráfica individual em sala de aula, na qual os(as) estudantes foram instigados a representar a praça sob duas perspectivas - a leitura do espaço atual (elementos positivos e problemas) e a projeção do espaço desejado (sugestões de transformação, inclusão e contato com a natureza).

4.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise do *corpus* empírico apoia-se na articulação de dados quantitativos e qualitativos mediante triangulação metodológica (Denzin, 1978) e na Investigação Temática de Paulo Freire (1987).

4.4.1. Análise estatística descritiva e categorização temática (Dados da comunidade)

Nesta etapa, os dados coletados junto à comunidade escolar foram organizados e analisados a partir de duas abordagens complementares, de modo a contemplar tanto a dimensão quantitativa quanto a qualitativa da pesquisa.

Os dados quantitativos, obtidos por meio dos questionários estruturados respondidos pelos(as) participantes, foram tratados por meio da análise estatística descritiva, procedimento que permitiu identificar frequências, percentuais e tendências nas percepções da comunidade em relação ao espaço público estudado, como as avaliações sobre segurança, conservação, acessibilidade e uso da praça, entre outros quesitos inicialmente não previstos.

Essa sistematização numérica possibilitou traçar um panorama geral das opiniões e necessidades manifestadas, servindo de base para a compreensão do contexto investigado.

Já os dados qualitativos, provenientes das respostas abertas e das oficinas participativas realizadas com as crianças, foram submetidos à categorização temática, fundamentada na Investigação Temática freireana.

- **Dados Quantitativos** (Questões Fechadas): Tratados por meio de estatística descritiva simples (frequência absoluta e relativa, médias e percentuais), tabulados para evidenciar os padrões de avaliação sobre infraestrutura, segurança, acessibilidade e ambiente.
- **Dados Qualitativos** (Questões Abertas): Submetidos à categorização temática por meio de análise de conteúdo, identificando núcleos de sentido e unidades de recorrência discursiva sobre os problemas e melhorias desejadas para a praça.

Este procedimento permitiu a sistematização e a organização dos temas geradores emergentes, os quais evidenciaram a leitura crítica que as crianças fazem do espaço urbano e orientaram tanto a discussão dos resultados quanto à elaboração das diretrizes socioambientais e urbanísticas para a requalificação da praça analisada neste estudo.

4.4.2. Análise da expressão gráfica infantil e investigação temática (Dados das crianças)

A interpretação dos desenhos infantis fundamenta-se na Investigação Temática (Freire, 1987), adaptada para linguagens não verbais e visuais. O processo analítico desenvolveu-se em duas etapas sistemáticas:

- **Decomposição Semiótica e Agrupamento Categorial**: Inventário e codificação de todos os elementos figurativos presentes nas produções gráficas (árvores, brinquedos, carros, pessoas, lixo, barreiras), agrupando-os em categorias analíticas.
- **Síntese por Temas Geradores e Inéditos-Viáveis**: Interpretação do significado pedagógico e socioespacial das categorias à luz dos conceitos freirianos, extraindo os "Temas Geradores" que expressam as contradições vivenciadas pelas crianças e suas proposições de transformação para o ambiente (inéditos-viáveis).

4.4.3. Triangulação metodológica de dados

A validação interna da pesquisa fundamenta-se no protocolo de triangulação de dados (Denzin, 1978). O método consiste em cruzar analiticamente três fontes distintas, onde a convergência e o contraste entre essas matrizes subsidiam a formulação final das diretrizes socioambientais e pedagógicas de requalificação para o entorno escolar:

- Os dados factuais e ecológicos do diagnóstico territorial.
- As percepções socioespaciais levantadas junto às pessoas adultas.
- As representações simbólicas e as demandas expressas pelas crianças.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão apresentados e discutidos a seguir, de forma articulada às etapas metodológicas que os originaram e ao referencial teórico que os fundamenta. Optou-se por apresentar, primeiramente, a caracterização física e ambiental da própria praça, de modo a oferecer ao(à) leitor(a) uma compreensão inicial do espaço analisado antes de se avançar para a análise das percepções da comunidade escolar; em seguida, essas percepções são discutidas de forma articulada entre si.

Inicialmente, são expostos os dados provenientes do diagnóstico socioespacial e ambiental da praça, que permitiram caracterizar as condições de infraestrutura, conservação e acessibilidade do espaço, bem como o seu potencial de uso pela comunidade. Em seguida, apresentam-se os resultados dos questionários aplicados à comunidade escolar, os quais revelaram as percepções e as necessidades dos(as) participantes em relação à segurança, à manutenção e à apropriação do espaço público.

Posteriormente, analisamos os desenhos produzidos pelas crianças nas oficinas educativas participativas, cujos temas geradores emergentes, “Brincar e Lazer”, “Infraestrutura e Conforto”, “Natureza e Ambiente”, “Segurança e Mobilidade”, “Comércio”, “Cultura e Serviços”, e “Convivência e Inclusão”, evidenciaram a leitura crítica que as crianças fazem do espaço urbano.

Por fim, os pontos de convergência entre as leituras de adultos(as) e crianças são discutidos de forma integrada, antes da apresentação das diretrizes. Esses resultados são discutidos à luz da perspectiva da Cidade das Crianças e da educação ambiental crítica, orientando a elaboração das diretrizes socioambientais e urbanísticas para a requalificação da praça.

5.1. PARÂMETRO DE REFERÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA “CIDADE DAS CRIANÇAS” (JUNDIAÍ, SP)

Com o objetivo de ampliar o referencial empírico da pesquisa e conhecer experiências consolidadas de planejamento urbano orientado à infância, realizamos

uma visita técnica a ações vinculadas Programa Cidade das Crianças, desenvolvido pelo município de Jundiaí (SP). Reconhecido pela implementação dos princípios propostos por Francesco Tonucci, o município constitui uma referência na elaboração de políticas públicas voltadas à promoção da autonomia infantil, da participação das crianças e da qualificação dos espaços públicos. A atividade teve como finalidade observar estratégias de planejamento urbano, gestão participativa e utilização dos espaços públicos como ambientes educativos, contando com o acompanhamento do Grupo de Trabalho Criança na Cidade.

5.1.1. Equipamentos públicos, memória e desemparedamento da infância

A primeira vivência deu-se na Fábrica das Infâncias Japy, equipamento público inaugurado em 2021 em um antigo edifício industrial. Observamos que o projeto arquitetônico preserva elementos da identidade histórica e ambiental do município, incorporando referências à Serra do Japi, à fauna, à flora e ao Rio Jundiaí, fortalecendo a relação entre educação, memória e território.

Outro aspecto central foi a atuação do Comitê das Crianças, instância de participação infantil responsável por propor melhorias urbanas diretas. Verificamos que diversas intervenções na cidade tiveram origem nas demandas manifestadas pelas próprias crianças, evidenciando a incorporação da escuta infantil nos processos decisórios (Tonucci, 2005; Shier, 2001).

Ademais, conhecemos as estratégias utilizadas em Parques Naturalizados, os quais utilizam elementos naturais (troncos, rochas, terra e vegetação) para o brincar livre e ações de Urbanismo Tático (pinturas viárias e sinalização), que reduzem a velocidade dos veículos e garantem segurança aos pedestres.

5.1.2. Conservação da biodiversidade, hortas urbano-escolares e espaços de convivência

No Bosque Hermindo Rossi, verificamos a utilização do espaço por unidades escolares próximas, favorecendo práticas pedagógicas de desemparedamento da infância e contato direto com a natureza.

Já no complexo urbano no Jardim Guanabara, integrado pelo Parque Naturalizado Teotônio da Silva Gomes e pela Horta Urbana do Jardim Guanabara (com cultivo de Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC, hortaliças convencionais e plantas medicinais e condimentares), notamos a articulação entre sustentabilidade, Educação Ambiental Crítica (Layrargues; Lima, 2014) e participação comunitária. Esse conjunto de experiências serviu como matriz comparativa para a avaliação do diagnóstico socioespacial da praça em Botucatu.

5.2. Diagnóstico socioespacial e físico-ambiental da praça

A praça situada na Rua Júlio Vaz de Carvalho (Figuras 3 a 6) constitui o principal espaço público de transição entre a escola e a comunidade, uma vez que a instituição está localizada no Jardim Continental, em transição com o Jardim Eldorado e a Vila Paulista.

O diagnóstico físico e ambiental revelou um espaço com expressivo potencial socioambiental, mas marcado por fragilidades de infraestrutura, conservação e acessibilidade.

Figura 3. Área da praça urbana com equipamentos de uso coletivo

Fonte: Elaborada pela autora Samara Leticia Amato da Rocha. Data: 7 jan. 2026.

A análise da Figura 3 evidencia que a praça dispõe de equipamentos de uso coletivo dispostos de forma a permitir a convivência comunitária. Contudo, observamos, inicialmente, a necessidade de adequação dos caminhos internos e de melhoria da cobertura vegetal para garantir conforto térmico.

Figura 4. Vista parcial da praça urbana com presença de crianças e adultos(as)

Fonte: Elaborada pela autora Samara Leticia Amato da Rocha. Data: 7 jan. 2026.

Como ilustrado na Figura 4, o espaço apresenta vocação intergeracional, sendo frequentado simultaneamente por crianças e adultos(as) nos períodos de saída escolar. Esse achado corrobora a tese de Tonucci (2005) de que o espaço adequado à infância atrai e acolhe as demais faixas etárias.

A figura 5 indica que os equipamentos infantis existentes atuam como polos de apropriação do local.

Entretanto, identificamos a escassez de brinquedos inclusivos ou naturalizados, limitando o repertório lúdico e a acessibilidade de crianças com deficiência ou mobilidade reduzida.

Figura 5. Espaço da praça urbana com mobiliário e brinquedos infantis

Fonte: Elaborada pela autora Samara Leticia Amato da Rocha. Data: 7 jan. 2026.

Figura 6. Entorno da praça urbana e interface com o sistema viário

Fonte: Elaborada pela autora Samara Leticia Amato da Rocha. Data: 07 jan. 2026.

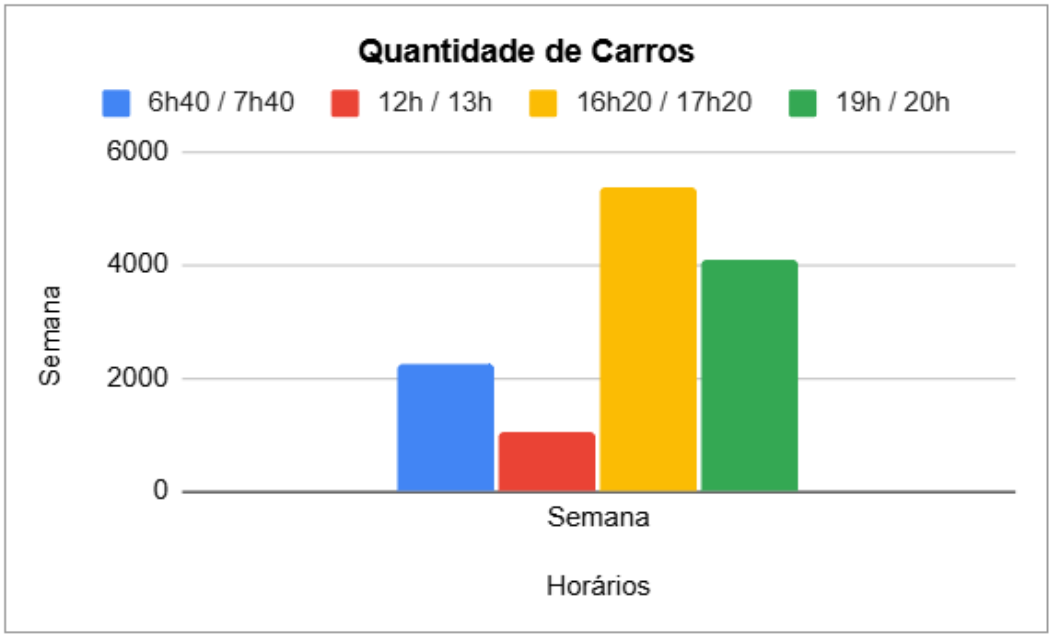
Por fim, o diagnóstico inicial do sistema viário (Figura 6) apontou barreiras críticas à autonomia infantil. A interface entre o passeio público e a via apresenta descontinuidades nas calçadas e ausência de elementos de acalmamento de tráfego

(*Traffic Calming*), criando pontos de conflito entre pedestres e veículos nos horários de pico escolar.

5.2.1. Fluxo de veículos e pedestres

O primeiro gráfico (Figura 7) apresenta a quantidade de carros que circulam nas proximidades da praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho, em diferentes períodos do dia. Na primeira parte, referente à semana, são comparados quatro intervalos de horário: (1) 6h40 às 7h40, (2) 12h às 13h, (3) 16h20 às 17h20 e (4) 19h às 20h, com valores que variam de 0 a 6.000 veículos. Observa-se que o período das 16h20 às 17h20 registra o maior fluxo de carros, superando os demais horários analisados.

Figura 7. Quantidade de carros em horários de pico durante a semana na Praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho (2026)

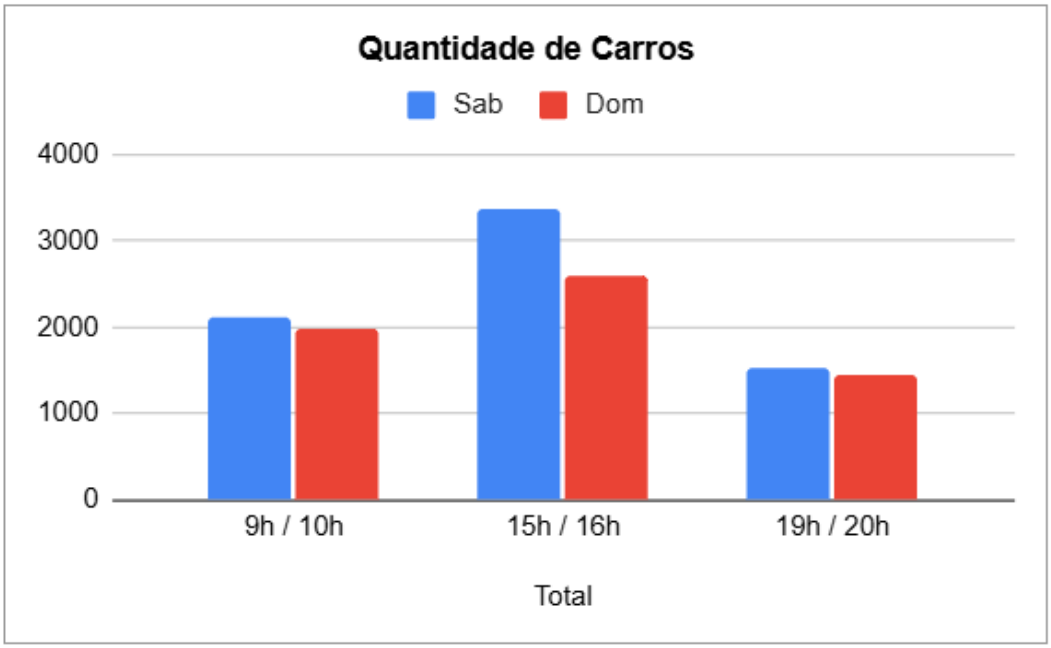


Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

No segundo gráfico (Figura 8), referente ao fim de semana, analisamos os sábados e domingos em três faixas de horário: (1) 9h às 10h, (2) 15h às 16h e (3) 19h às 20h, com valores que variam de 0 a 4.000 veículos.

Os dados indicam que o sábado apresenta fluxo de veículos consistentemente maior que o domingo em todos os horários analisados.

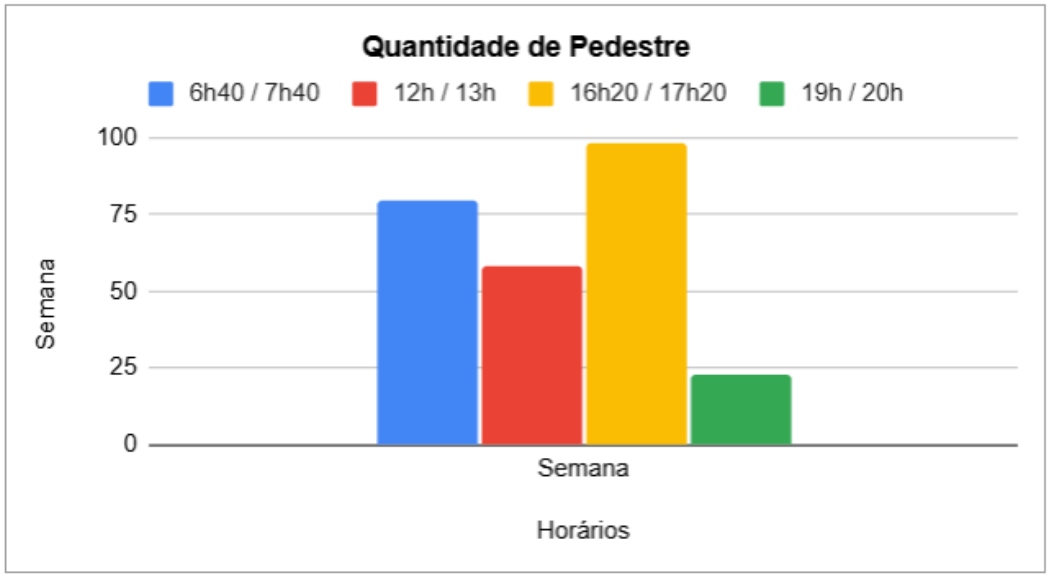
Figura 8. Quantidade de carros na Praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho (2026)



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

O gráfico um de fluxo de pedestres (Figura 9), apresenta a quantidade de pedestres que circulam nas proximidades da praça, em diferentes períodos do dia. Na primeira parte, referente à semana, são comparados quatro intervalos de horário, no mesmo padrão utilizado acima, com valores que variam de 0 a 100 pessoas.

Figura 9. Quantidade de pedestres em horários de pico durante a semana, na Praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho (2026)

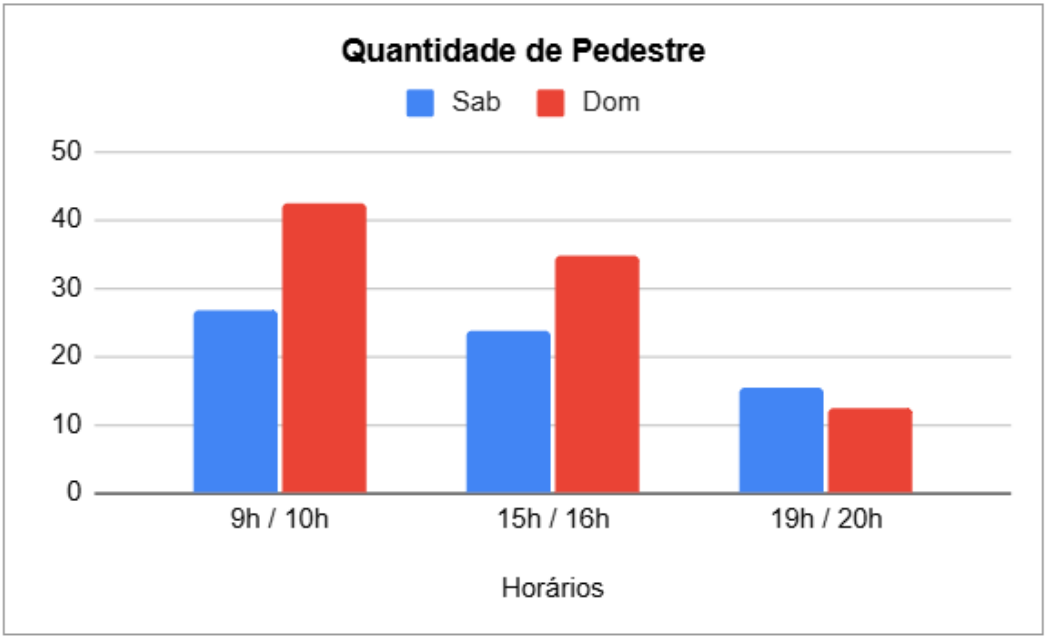


Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

Observa-se que o período das 16h20 às 17h20 registra o maior fluxo de pedestres, superando os demais horários analisados. No segundo gráfico de fluxo de pedestres (Figura 10), referente ao fim de semana, analisamos os sábados e domingos em três faixas de horário - (1) 9h às 10h, (2) 15h às 16h e (3) 19h às 20h - com valores que variam de 0 a 50 pessoas.

Os dados indicam que o sábado apresenta fluxo de pedestres maior que o domingo, com destaque para o período da manhã (9h/10h), que registra o maior movimento.

Figura 10. Quantidade de pedestres no fim de semana, por faixa de horário, na Praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho (2026)



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

5.3. PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR E DOS(AS) MORADORES(AS) SOBRE A PRAÇA

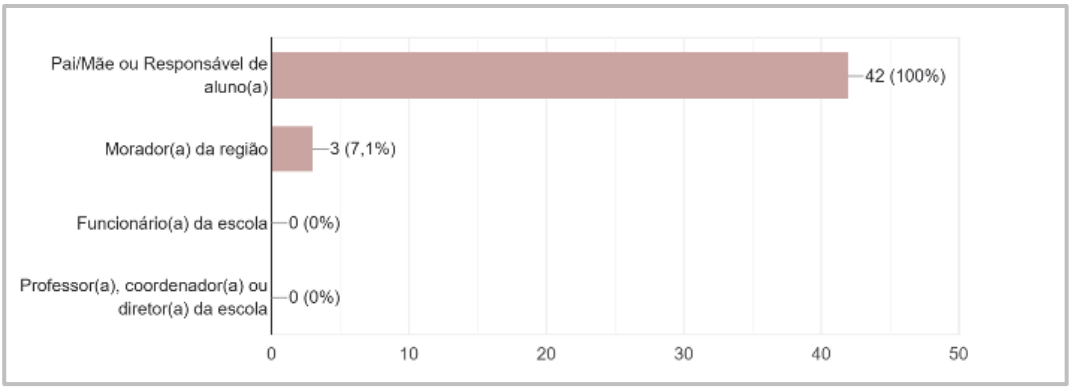
A investigação da percepção da comunidade escolar e dos(as) moradores(as) sobre a praça urbana baseou-se nas respostas obtidas por meio de um questionário estruturado, respondido por um total de 42 pessoas.

A análise busca compreender as dinâmicas de uso, a avaliação das condições físico-espaciais e os anseios coletivos quanto à requalificação do local.

5.3.1. Perfil dos(as) participantes e frequência de uso

O público respondente é composto em sua totalidade (100%, n = 42) por pais, mães ou responsáveis por alunos(as) da escola, dos quais uma parcela de 7,1% (n = 3) também se identifica como moradora da região (Figura 11). Esse perfil consolida a praça como um território diretamente vinculado à vida escolar e ao cotidiano das famílias que transitam pelo bairro.

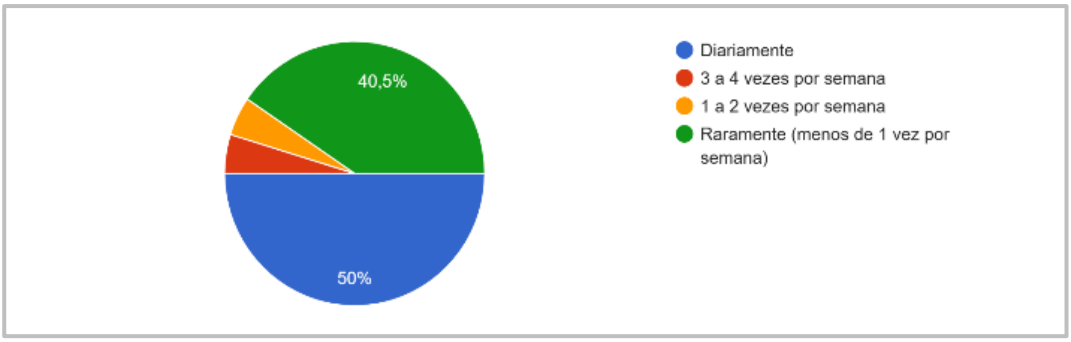
Figura 11. Perfil de relação dos respondentes do formulário com a unidade escolar



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

Em relação à frequência de visitas ou passagem pelo local, 50% dos(as) participantes afirmaram frequentar ou passar pela praça diariamente, enquanto 40,5% relataram fazer isso menos de uma vez por semana) (Figura 12). Os(as) demais dividem-se entre 1 e 2 vezes por semana (2,4%) e 3 e 4 vezes por semana (7,1%).

Figura 12. Frequência de visitas ou passagens pela praça (2026)

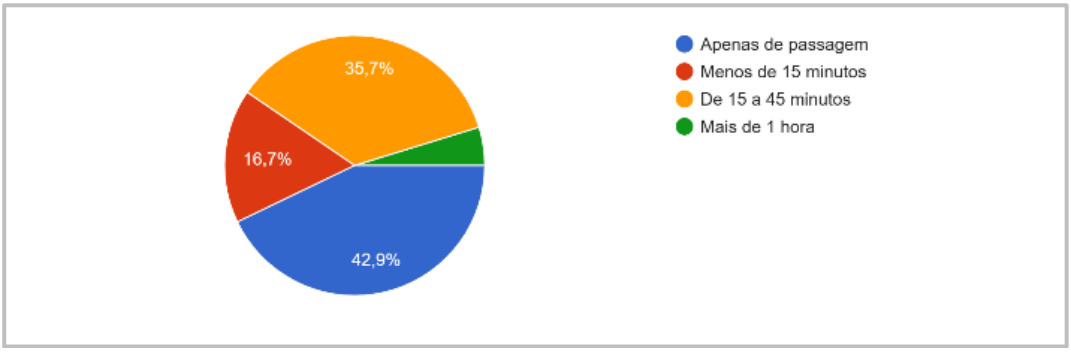


Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

Apesar do expressivo fluxo diário decorrente da rotina escolar, o tempo de permanência na praça reflete um espaço predominantemente de **trânsito** e não de **permanência contemplativa**: 42,9% declararam utilizar o espaço apenas de passagem, 35,7% permanecem de 15 a 45 minutos, 16,7% ficam menos de 15 minutos e apenas 4,8% usufruem do local por mais de 1 hora (Figura 13).

Esses dados demonstram que, embora o espaço possua grande potencial de apropriação por estar no percurso diário de metade das pessoas respondentes, as atuais condições físicas desestimulam a permanência prolongada das crianças e de seus responsáveis.

Figura 13. Tempo médio de permanência na praça por vez (2026)



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

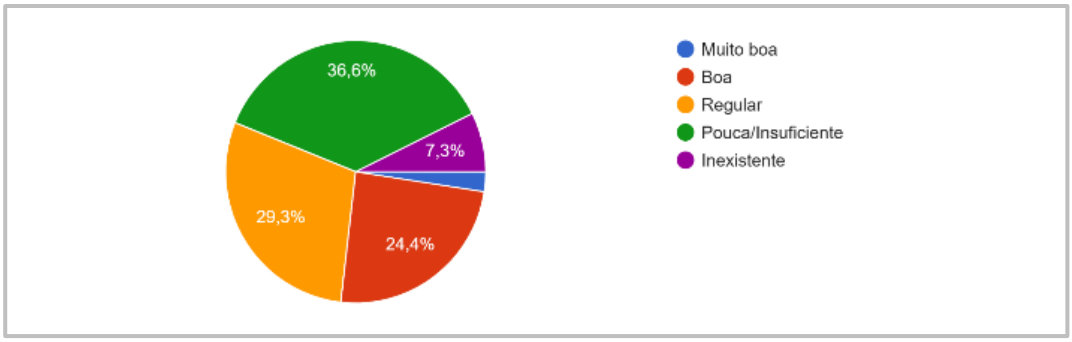
5.3.2. Avaliação da infraestrutura, acessibilidade e segurança

A avaliação qualitativa, a partir dos dados quantitativos, dos elementos físicos e ambientais da Praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho (2026) revelou diagnósticos críticos sobre a iluminação e a segurança:

1. **Iluminação Noturna**: 36,6% dos(as) respondentes consideram a iluminação pouca/insuficiente, 29,3% a avaliam como regular e 7,3% afirmam ser inexistente (Figura 14). Somente 24,4% consideram a iluminação "boa" e apenas 2,4% "muito boa".

   A escuridão do local atua como fator desestimulador do uso no período noturno, comprometendo a sensação de segurança pública.

Figura 14. Avaliação da iluminação da Praça da Rua Júlio Vaz de Carvalho (2026) no período da noite

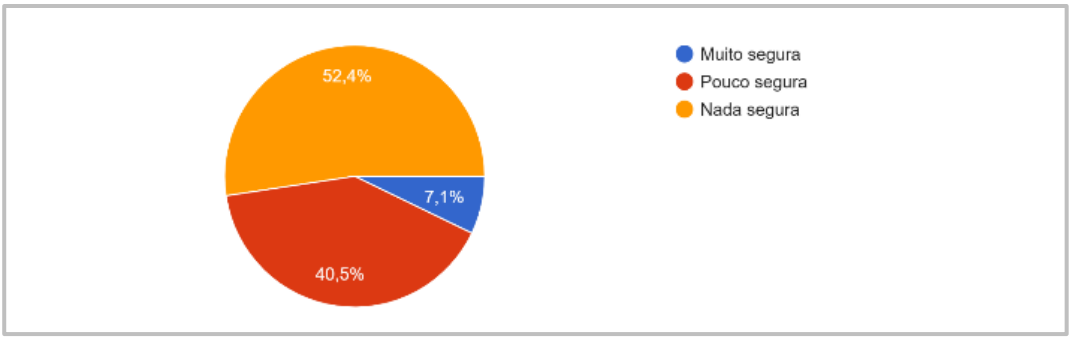


Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

2. **Segurança para Autonomia Infantil**: Quando questionados(as) se a praça é segura para uma criança brincar sem o acompanhamento de uma pessoa adulta, 52,4% dos(as) respondentes classificaram o espaço como nada seguro e 40,5% como pouco seguro (Figura 15). Apenas 7,1% a consideram muito segura.

   Este achado contrapõe-se aos princípios de Tonucci (2005) para a *Cidade das Crianças*, que defende a autonomia e a livre circulação infantil como indicadores de qualidade urbana.

Figura 15. Avaliação da segurança para o brincar autônomo infantil



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

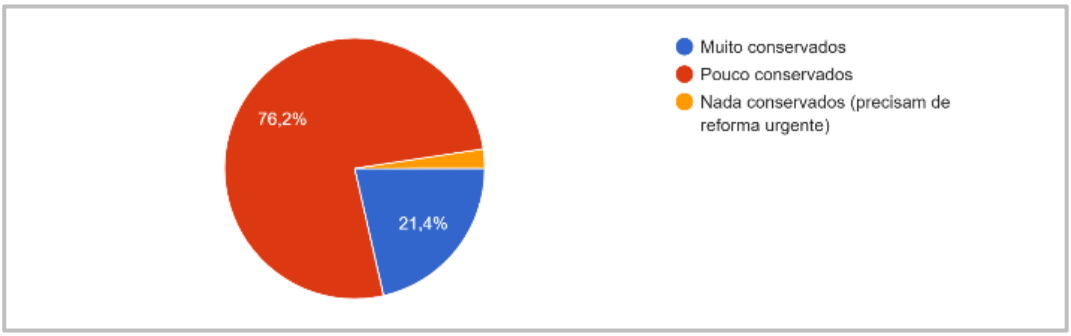
Da mesma forma, as condições de acessibilidade e o conforto acústico/viário apresentaram ressalvas significativas:

3. **Conservação de calçadas e bancos** (Acessibilidade): A maioria expressiva de 76,2% apontou que a infraestrutura está pouco conservada, enquanto

2,4% indicaram estar nada conservada (necessitando de reforma urgente) (Figura 16).

Apenas 21,4% consideraram os elementos "muito conservados". A precariedade dos caminhos e do mobiliário prejudica a caminhabilidade e a acessibilidade universal (ABNT NBR 9050).

Figura 16. Avaliação da conservação das calçadas e bancos (acessibilidade)

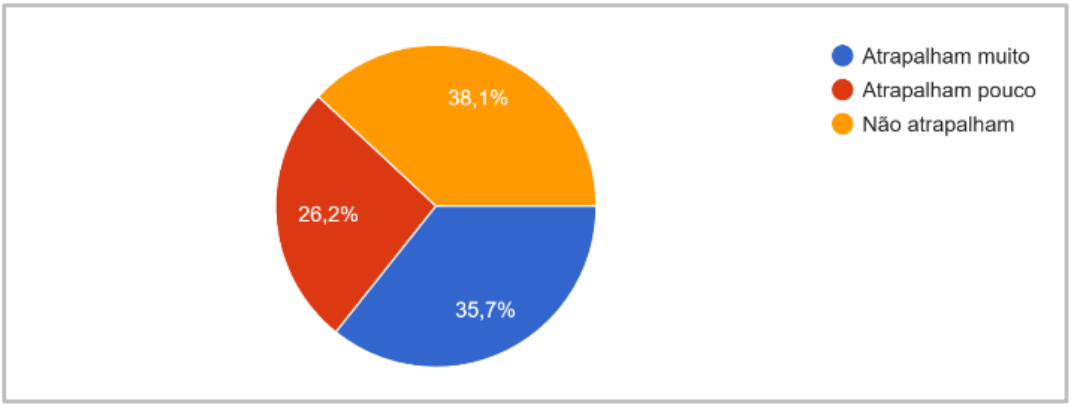


Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

4. **Impacto do Trânsito e Ruído Viário**: 35,7% afirmaram que o barulho e o fluxo de veículos atrapalham muito a permanência na praça, e 26,2% relataram que atrapalham pouco (somando 61,9% de percepção negativa) (Figura 17).

   O tráfego do entorno surge como uma barreira física e acústica que ameaça o bem-estar dos usuários.

Figura 17. Impacto do barulho e fluxo de carros na permanência



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

5.3.3. Demandas e sugestões da comunidade para o espaço público

Na avaliação dos elementos prioritários para o projeto de revitalização, a comunidade escolar demonstrou expressiva adesão a intervenções voltadas ao conforto humanizado, à acessibilidade e à qualificação dos brinquedos. A análise quantitativa da escala de intensidade revelou as seguintes preferências:

- **Pontos de água** (bebedouros): Destacou-se como a demanda mais expressiva, sendo considerado "Muito" necessário por 90,5% dos respondentes (n = 38), enquanto 7,1% (n = 3) consideraram "Pouco" e apenas 2,4% (n = 1) mostraram-se indiferentes.
- **Espaços para sentar-se e conversar** (mobiliário urbano): Indicados como "Muito" prioritários por 83,3% dos participantes (n = 35), com 14,3% (n = 6) considerando "Pouco" e 2,4% (n = 1) indiferentes.
- **Brinquedos modernos e adequados**: Classificados como "Muito" desejáveis por 78,6% dos respondentes (n = 33), ao passo que 19,0% (n = 8) indicaram "Pouco" e 2,4% (n = 1) responderam como indiferentes.
- **Mais árvores e sombras** (conforto térmico e vegetação): Apontado como "Muito" relevante por 73,8% dos participantes (n = 31), enquanto 23,8% (n = 10) consideraram "Pouco" e 2,4% (n = 1) manifestaram indiferença.
- **Rampas e pisos acessíveis**: Indicados como "Muito" necessários por 73,8% dos respondentes (n = 31), com 26,2% (n = 11) indicando "Pouco".

A análise qualitativa das respostas abertas e do campo destinado a comentários livres permitiu aprofundar os anseios expressos pelos(as) participantes, agrupando as sugestões em eixos temáticos centrais:

- **Segurança Viária e Acalmamento de Tráfego** (*Traffic Calming*): Emergiram preocupações recorrentes quanto à velocidade excessiva dos veículos na Rua Júlio Vaz de Carvalho e no entorno da rotatória. Os(as) participantes sugeriram a implementação de dispositivos de redução de velocidade, como radares, semáforos e lombadas elevadas, apontando a urgência de conter o

fluxo viário nos horários de entrada e saída escolares para mitigar o risco de atropelamentos.

- **Manutenção, Higiene e Convivência**: Os relatos indicaram forte demanda pela substituição ou reforma dos brinquedos danificados, além de aspectos relacionados à zeladoria do espaço. Dentre as contribuições, destacou-se a necessidade de campanhas educativas e sinalização por meio de placas orientativas para que tutores recolham os dejetos de animais de estimação, preservando a higiene das áreas frequentadas por crianças.
- **Infraestrutura Básica e Hidratação**: A disponibilização de água potável gratuita (bebedouros públicos) foi reafirmada nas respostas descritivas como um item essencial para a permanência confortável e prolongada das famílias no local.
- **Cultura, Lazer e Uso Multifuncional**: A comunidade sugeriu a promoção de atividades culturais permanentes na praça, como oficinas de arte e dança, salientando que a oferta de programação contínua atua na promoção do pertencimento, no fortalecimento da identidade comunitária e na animação cultural do bairro.

5.4. A LEITURA INFANTIL DO TERRITÓRIO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS

Para além da escuta das pessoas adultas, o projeto orientou-se centralmente pelos princípios da Cidade das Crianças (Tonucci, 2005), buscando compreender o território da praça a partir do olhar, dos anseios e das vivências dos(as) próprios(as) estudantes. A coleta de dados com as crianças ocorreu por meio de oficinas pedagógicas de representação gráfica (desenhos), realizadas com alunos(as) das turmas de 3º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais da escola.

5.4.1. Categorização e análise dos desenhos

Ao todo, analisamos 43 desenhos (Apêndice 5) produzidos por alunos(as) divididos nos dois turnos escolares: 26 estudantes do período da manhã (distribuídos

em 27 registros/participações) e 17 estudantes do período da tarde (distribuídos em 16 registros/participações). Cada criança expressou graficamente como percebe a praça atual ou como gostaria que o espaço fosse projetado. O processo de levantamento e tratamento dos dados seguiu as seguintes etapas metodológicas:

- **Inventário Numérico Bruto** (Mapeamento de Elementos): Cada desenho foi analisado minuciosamente para a contagem e identificação de todas as figuras, objetos e estruturas nele contidos. Um mesmo desenho pôde apresentar múltiplos elementos associados (por exemplo: árvores, balanços, lixeiras e semáforos), resultando em um total acumulado de 197 ocorrências elementares distribuídas em mais de 70 tipos de representações distintas.
- **Tabulação de Frequência e Recorte Visual**: Diante do número expressivo de itens citados de forma isolada (com apenas 1 ou 2 ocorrências), adotamos o critério metodológico de recortar, para a representação gráfica em figura, apenas os elementos de maior recorrência (frequência igual ou superior a 3 ocorrências). Esta estratégia foi deliberadamente adotada para evitar a poluição visual do gráfico e garantir a clareza analítica das preferências dominantes do público infantil
- **Agrupamento em Temas Geradores**: Com base nos princípios da Pedagogia Crítica de Paulo Freire e na interpretação socioespacial urbana, as 197 ocorrências foram agrupadas em temas geradores (categorias analíticas que sintetizam as necessidades biológicas, sociais, afetivas e lúdicas das crianças). Essa categorização servirá como fio condutor para as discussões aprofundadas no subcapítulo seguinte (Seção 5.5).

5.4.2. Distribuição dos dados e frequência dos elementos

A análise da Figura 18 e da Tabela 1 evidencia a clara liderança dos brinquedos tradicionais e de movimento, com destaque absoluto para o Balanço (17 ocorrências), o Escorregador (12 ocorrências) e o Pula-pula (8 ocorrências).

Paralelamente, observa-se uma presença marcante de elementos de infraestrutura básica e de conforto, como o bebedouro (12 ocorrências) e o banco

colorido (6 ocorrências), além de forte apego aos componentes vegetais, representados por flores (10 ocorrências), árvores (8 ocorrências) e árvores frutíferas (6 ocorrências).

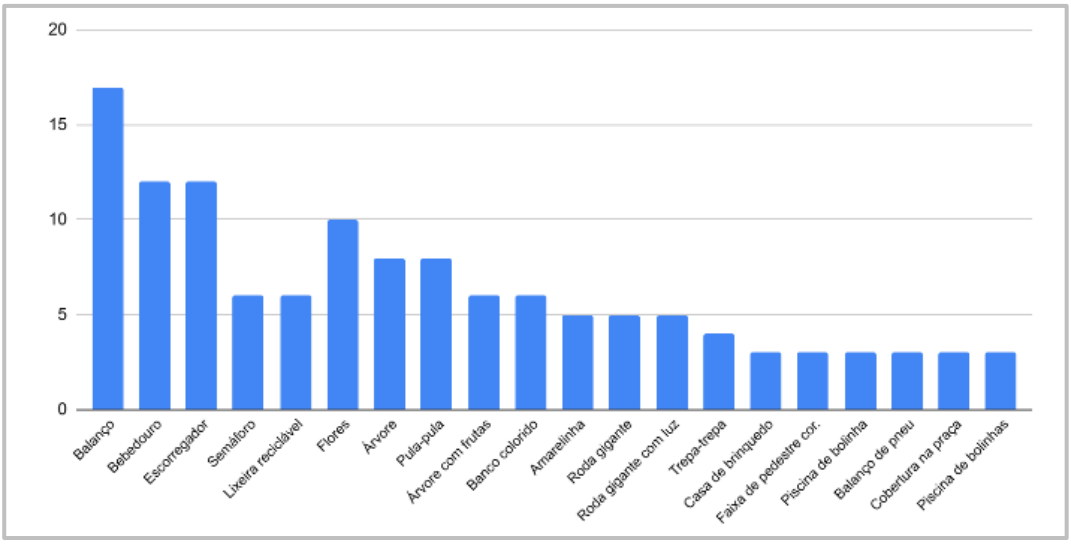
Tabela 1. Frequência bruta total dos elementos gráficos identificados nos desenhos das crianças (n = 197 ocorrências)

Elemento Representado	Frequência
Balanço	17
Bebedouro	12
Escorregador	12
Flores	10
Árvore	8
Pula-pula	8
Semáforo	6
Lixeira reciclável	6
Árvore com frutas	6
Banco colorido	6
Amarelinha	5
Roda gigante	5
Roda gigante com luz	5
Trepa-trepa	4
Casa de brinquedo	3
Faixa de pedestre colorida	3
Piscina de bolinha	3
Balanço de pneu	3
Cobertura na praça	3
Casa de boneca	2
Gangorra	2
Lanchonete	2

Elemento Representado	Frequência
Luzes / Coloridas	2
Casa da árvore	2
Grama / Grama sintética	2
Jogo da velha	2
Lixeira comum	2
Loja de água / sem gás	2
Placa de proibição / aviso	2
Gira-gira	2
Carro	2
Carrossel	2
Casa	2
Demais elementos com 1 ocorrência cada	53
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	**197**

Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

Figura 18. Elementos de maior ocorrência nos desenhos infantis



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

Por fim, o surgimento expressivo de itens relacionados à organização e à segurança do espaço viário, tais como semáforo (6 ocorrências), lixeira para materiais

recicláveis (6 ocorrências) e faixa de pedestre colorida (3 ocorrências), demonstra que as crianças possuem uma percepção apurada sobre a mobilidade, a higiene e o cuidado com o ambiente urbano em que estão inseridas.

5.5. TEMAS GERADORES DA INFÂNCIA NA PRAÇA URBANA

5.5.1. Percurso metodológico da investigação temática

A opção teórico-metodológica por trabalhar com o conceito de Temas Geradores, formulado por Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido, 1987), fundamenta-se na necessidade de ir além de uma simples catalogação quantitativa de objetos desenhados. Na perspectiva freiriana, o Tema Gerador não é um tópico abstrato escolhido previamente pelo(a) pesquisador(a), mas sim o produto da leitura crítica da realidade realizada pelos próprios sujeitos, neste caso, as crianças, em sua relação socioespacial com a praça. O caminho percorrido para a consolidação dos temas seguiu três etapas consecutivas:

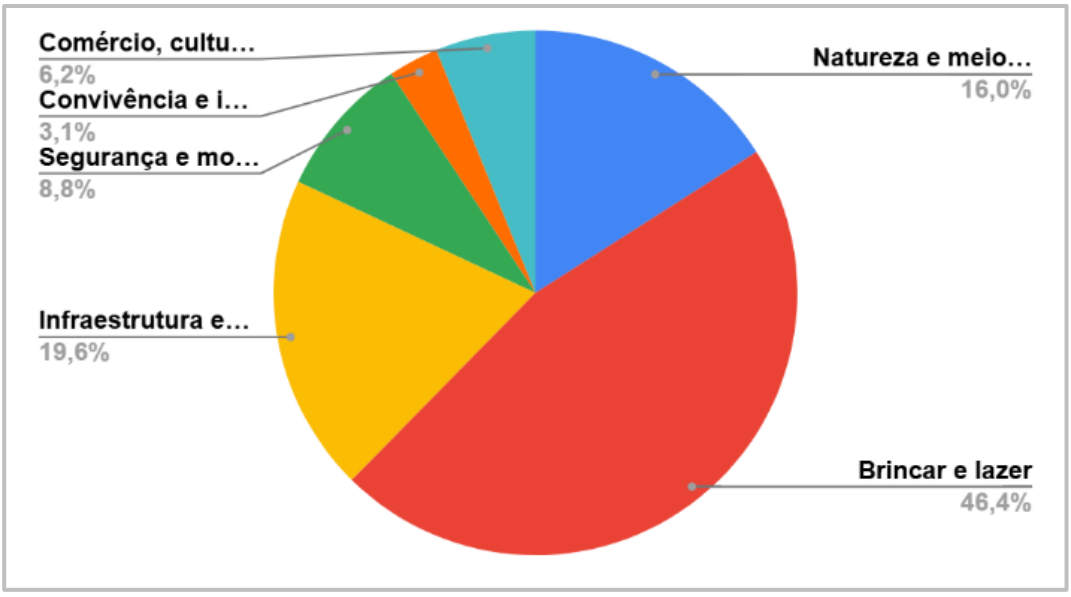
- **Levantamento e Decodificação do Universo Vocacional** (Gráfico e Verbal): A partir da análise dos 43 desenhos (n = 197 ocorrências de elementos), mapeamos os desejos, angústias, carências e representações simbólicas do cotidiano infantil.
- **Redução Temática e Agrupamento Categorial**: As ocorrências individuais foram submetidas a um processo de síntese analítica, no qual itens com significados convergentes foram agrupados em categorias amplas. Por exemplo, representações de bebedouros e bancos foram unificadas pela dimensão funcional do acolhimento físico, originando o tema “Infraestrutura e Conforto”.
- **Sintetização dos Temas Geradores do Projeto**: A sistematização resultou em 6 Temas Geradores estruturantes que traduzem as necessidades biológicas, sociais, lúdicas e afetivas da infância, servindo como diretrizes projetuais para a requalificação urbana da praça.

Tabela 2. Agrupamento dos 197 elementos identificados nos desenhos em Temas Geradores

Tema Gerador	Elementos Representados (Exemplos)	Frequência Total	Porcentagem
Brincar e Lazer	Balanço, escorregador, pula-pula, amarelinha, roda-gigante, trepa-trepa, casa de brinquedo etc.	90	46,4%
Infraestrutura e Conforto	Bebedouro, Bancos/cadeiras, Lixeiras, Cobertura, Bebedouro animal, Iluminação etc.	38	19,6%
Natureza e Ambiente	Flores, Árvore, Árvore frutífera, Grama sintética, Fonte de água, Horta, Nuvens, Sol, Sombra etc.	31	16,0%
Segurança e Mobilidade	Semáforo, Faixa de pedestre colorida, Placa de aviso/PARE, Câmera, Polícia, Carro, Rua etc.	17	8,8%
Comércio, Cultura e Serviços	Lanchonete, Loja de água, Banca de refrigerante, Sorvete, Doceria, Escola de artes, Banco de dinheiro etc.	12	6,2%
Convivência e Inclusão	Amor, Coração, Pessoas, Espaço para menino e menina, Lugar para meninas, Doar camisetas.	6	3,1%

Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

Figura 19. Distribuição percentual dos temas geradores



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

5.5.2. Análise dos temas geradores

5.5.2.1. Brincar e lazer

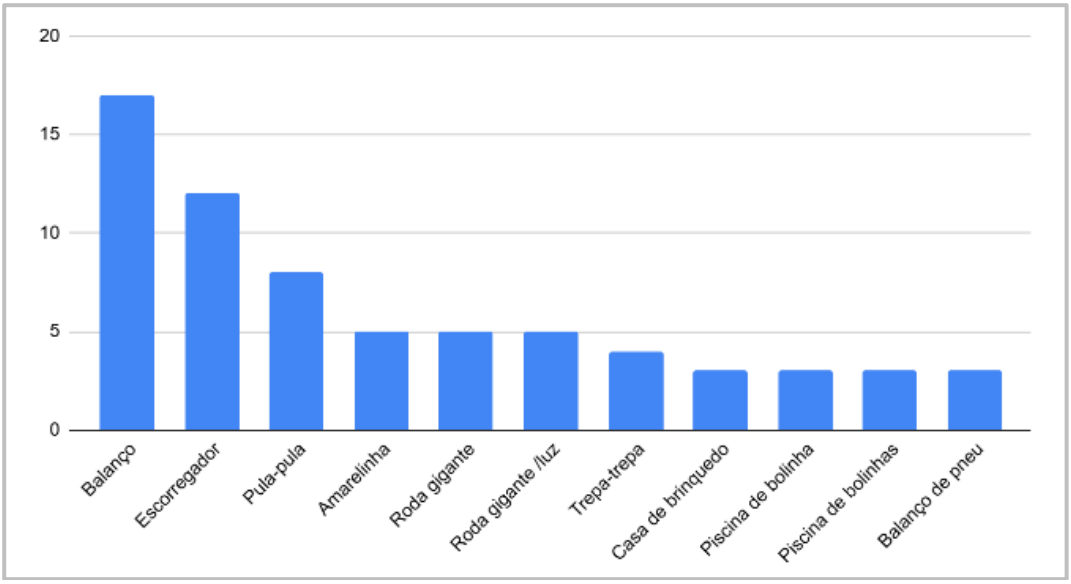
Na perspectiva da pedagogia e da psicologia do desenvolvimento, o brincar ao ar livre constitui a linguagem fundamental pela qual a criança investiga o mundo, testa limites físicos e constrói esquemas corporais e espaciais (Piaget, 1975; Brougère, 2002). O lúdico manifesta-se como a função primordial da praça sob a ótica infantil.

A liderança do Balanço (17), Escorregador (12) e pula-pula (8), acompanhada pela Amarelinha (5) e Roda gigante (5) (Figura 20), evidencia que o brincar infantil demanda dinamismo, movimento corporal e desafio físico.

A presença de brinquedos inclusivos, coletivos e imagéticos (como piscina de bolinhas, tirolesa e casa da árvore) demonstra que a criança deseja um espaço multifuncional que supere a monotonia dos equipamentos urbanos convencionais.

Como aponta Brougère (2002), o brincar no espaço público não é mero entretenimento, mas a linguagem pela qual a criança aprende e ressignifica o mundo. A hegemonia absoluta de equipamentos de movimento corporal contrasta com a precariedade da infraestrutura atual.

Figura 20. Frequência de elementos no tema Brincar e Lazer



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

A demanda por brinquedos mais complexos e inclusivos, como rodas-gigantes, tirolesas e brinquedos adaptados, ratifica a crítica de Gehl (2013) ao "urbanismo monofuncional". Para o autor, espaços públicos de qualidade devem oferecer estímulos sensoriais diversificados e gradações de desafios adequadas às diferentes idades e capacidades motoras, promovendo a autonomia e a sociabilidade infantil. Inspirando-se na Teoria das Peças Soltas (*Theory of Loose Parts*) de Simon Nicholson (1971), o projeto de requalificação deve ir além dos brinquedos fixos, incorporando topografia modelada (morrotes de grama, troncos, cordas e áreas de areia) e arranjos espaciais flexíveis.

A oferta de estímulos sensoriais variáveis e desafios graduados estimula a autonomia, a resiliência e a capacidade de tomada de decisão da criança, transformando a praça em um laboratório de aprendizagem ao ar livre (Tonucci, 2005).

5.5.2.2. Infraestrutura e conforto

Conforme aponta Whyte (1980) em seus estudos clássicos sobre a vida urbana, a quantidade e a qualidade dos assentos (bancos e cadeiras) e a presença de sombra e água potável são os fatores determinantes para o tempo de permanência das pessoas em locais públicos.

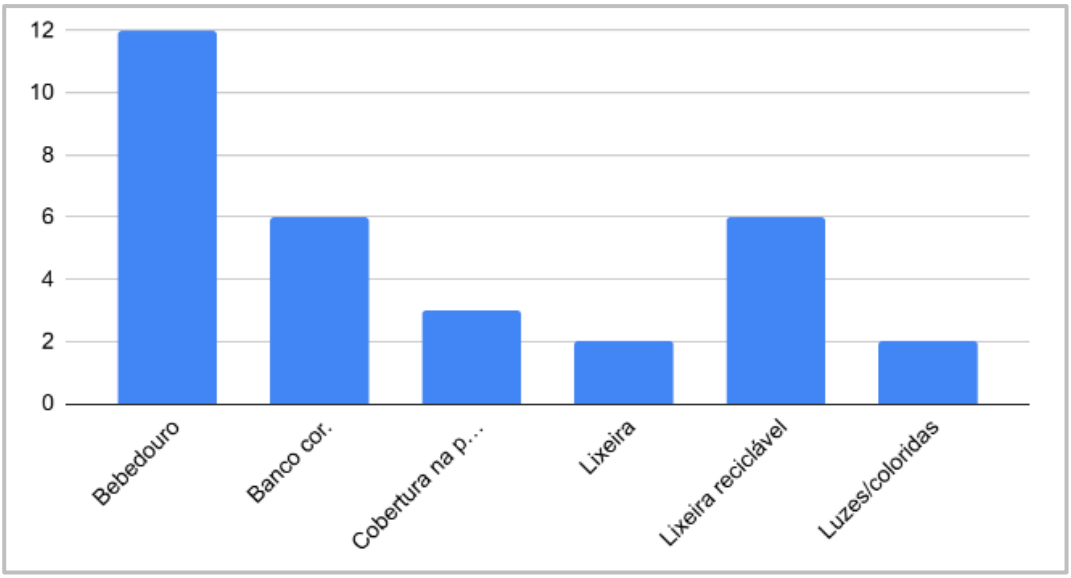
O destaque para o Bebedouro (12), Bancos coloridos/com encosto (6), Lixeiras recicláveis e comuns (8 no total) e Coberturas contra intempéries (3) (Figura 21) revela que a consciência ecológica e o senso de cuidado com o patrimônio público (zeladoria urbana) estão fortemente consolidadas no repertório infantil. Quando as crianças desenham lixeiras seletivas, elas estão cobrando do poder público o suporte físico necessário para exercer a cidadania e a manutenção da higiene no local frequentado por elas.

A necessidade de hidratação e descanso manifesta-se como pré-requisito biológico para o próprio brincar prolongado, enquanto a presença de lixeiras reflete a consciência de zeladoria e higiene espacial. Sob a perspectiva do Design Biofílico (Kellert; Wilson, 1995), o contato direto com elementos vegetais, sombras e água potável é elemento indispensável para o bem-estar psicológico e para o alívio do estresse térmico em microclimas urbanos. A presença marcante do bebedouro nos

desenhos infantis e na priorização dos adultos (90,5%) revela que a água é percebida como um bem básico de cidadania e acolhimento humano.

Por fim, a consonância entre a exigência dos(as) adultos(as) por rampas e pisos acessíveis (73,8% de prioridade alta) e os desenhos infantis reforça a aplicação dos parâmetros da Acessibilidade Universal (ABNT NBR 9050) e do Desenho Universal. Uma praça dotada de caminhos contínuos, sem obstáculos ou desníveis abruptos, com iluminação adequada e suporte hídrico e sanitário, deixa de ser um espaço de exclusão e se consolida como um equipamento público genuinamente democrático e acolhedor para a infância e para toda a comunidade do entorno.

Figura 21. Frequência dos principais elementos pertencentes ao Tema Gerador "Infraestrutura e Conforto"



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

5.5.2.3. Natureza e ambiente

A presença expressiva de flores (10), árvores (8) e árvores frutíferas (6) (Figura 22), somada a menções como horta, sombra e fonte de água, demonstra a busca pelo biofilismo[1] e pelo conforto ambiental.

[1] Biofilismo é a tendência ou inclinação natural dos seres humanos de se conectarem com outros seres vivos e com a natureza, conceito popularizado pelo biólogo Edward O. Wilson e que também é usado em psicologia, filosofia, ecologia e design para promover bem-estar humano

As crianças reconhecem a vegetação não apenas como adorno estético, mas como elemento gerador de microclima agradável (sombra), estímulo sensorial (estética floral e frutos) e reconexão com o meio natural dentro do tecido urbano.

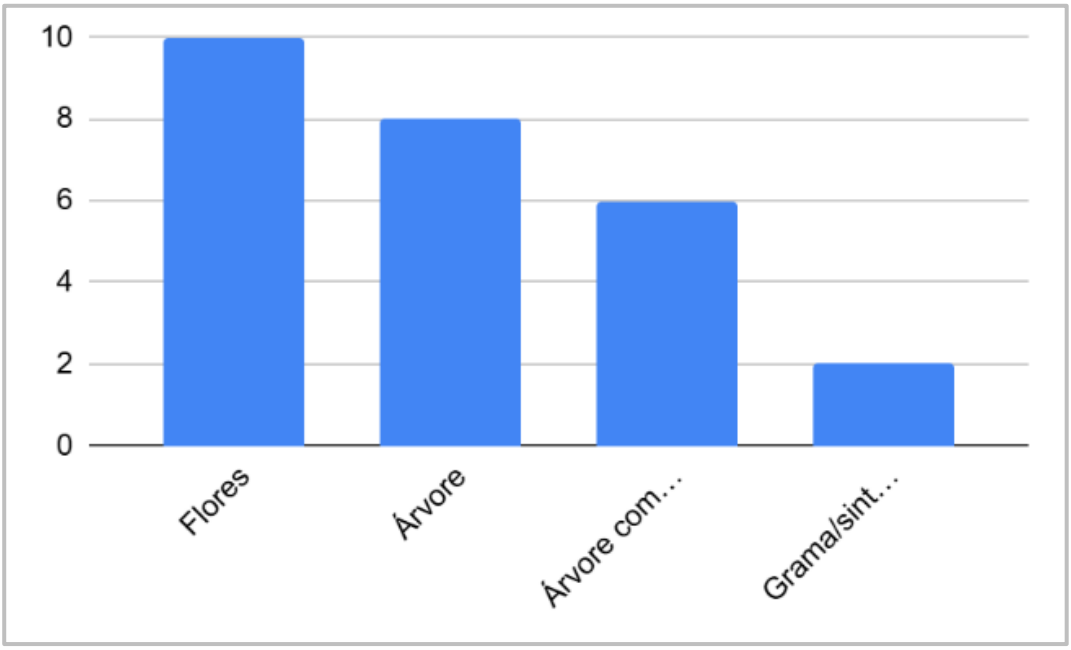
A busca por árvores e sombras reflete a necessidade biológica de regulação microclimática em áreas urbanas consolidadas.

A vegetação densa e o sombreamento natural atuam diretamente na atenuação do efeito de ilha de calor urbana, na redução da radiação solar direta sobre os usuários e no amortecimento da temperatura de superfícies e equipamentos (Hough, 1998; Mascaró; Mascaró, 2009).

Além disso, a presença de vegetação e frutíferas dialoga com a Ecologia Urbana (Hough, 1998), ao proporcionar abrigo à fauna local e oportunidades de educação ambiental no percurso escolar.

Sob a ótica do planejamento de cidades resilientes, o adensamento arbóreo e o uso de pisos permeáveis/gramados enquadram-se no conceito de Soluções Baseadas na Natureza (SbN), promovendo a drenagem natural das águas pluviais, a infiltração no solo e a melhoria do conforto bioclimático para as crianças e seus cuidadores durante os períodos de maior insolação.

Figura 22. Frequência dos principais elementos pertencentes ao Tema Gerador "Natureza e Ambiente"



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

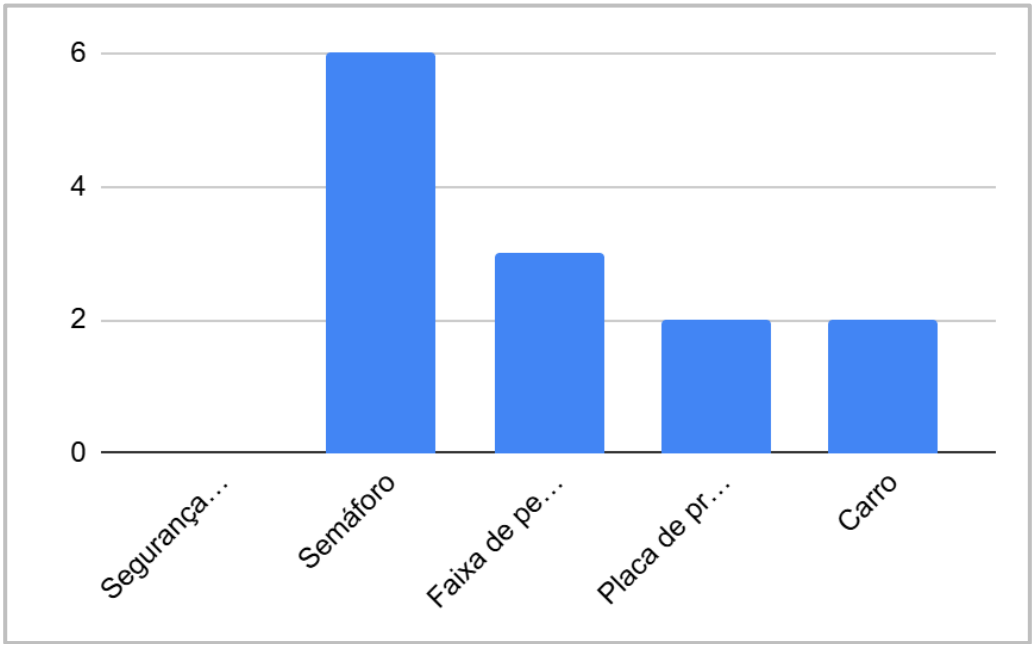
5.5.2.4. Segurança e mobilidade

Este tema explicita o olhar atento das crianças sobre o entorno viário imediato da escola. Elementos como semáforo (6), faixas de pedestre coloridas (3), placas de sinalização/PARE (2), câmeras (1) e polícia (1) (Figura 23) indicam que o medo do tráfego veloz e a sensação de vulnerabilidade fazem parte do cotidiano infantil. A proposta de faixas coloridas traduz o desejo de ludicizar a segurança viária, tornando a travessia um momento protegido e estimulante.

Esse resultado corrobora a tese de Tonucci (2005) de que uma cidade segura para as crianças é uma cidade segura para toda a comunidade. A representação infantil de faixas de pedestres "coloridas" demonstra o desejo de apropriação lúdica dos dispositivos de segurança viária.

As demandas da comunidade por radares e fiscalização justificam a aplicação de diretrizes de *Traffic Calming* (Acalmamento de Tráfego) e *Street Design* humanizado (Gehl, 2013), tais como travessias elevadas, afunilamento de caixa de via nas esquinas e redução da velocidade no entorno imediato das escolas.

Figura 23. Frequência dos principais elementos pertencentes ao Tema Gerador "Segurança e Mobilidade"



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

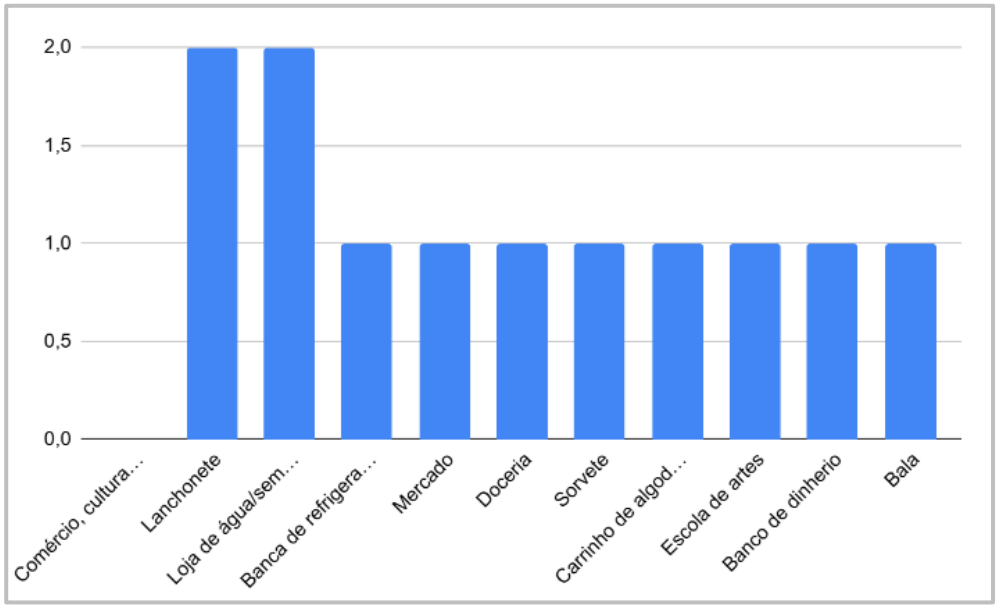
5.5.2.5. Comércio, Cultura e serviços

As representações de Lanchonete (2), Loja de água/sem gás (2), Banca de refrigerante (1), Mercado (1), Doceria (1), Sorvete (1), Carrinho de algodão-doce (1), Escola de artes (1), Banco de dinheiro (1) e Bala (1) (Figura 24) demonstram uma percepção apurada da criança sobre a praça como um espaço vivo de serviços e centralidade comunitária. Para o público infantil, a praça ideal não é um espaço isolado da dinâmica urbana, mas sim um local atrativo que oferece suporte lúdico e equipamentos voltados à fruição artística e cultural contínua.

Essa leitura conecta-se ao conceito de vitalidade urbana de Jane Jacobs (2011), segundo o qual os espaços públicos bem-sucedidos dependem da diversidade de usos, da atração de diferentes fluxos e da presença de pequeno comércio de apoio para manter o local ativo ao longo do dia. A presença de pontos de venda de alimentos e bebidas, somada a espaços voltados para a cultura e oficinas artísticas, cria o que a literatura urbanística chama de "usos âncora" de escala local (Gehl, 2013).

Para as crianças e (os)as adultos(as), a oferta de serviços básicos e de apoio lúdico funciona como um incentivo direto para aumentar o tempo de permanência no local, transformando o espaço público em um ponto central de encontro do bairro.

Figura 24. Elementos pertencentes ao Tema Gerador "Comércio, Cultura e Serviços"



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

5.5.2.6. Convivência e inclusão

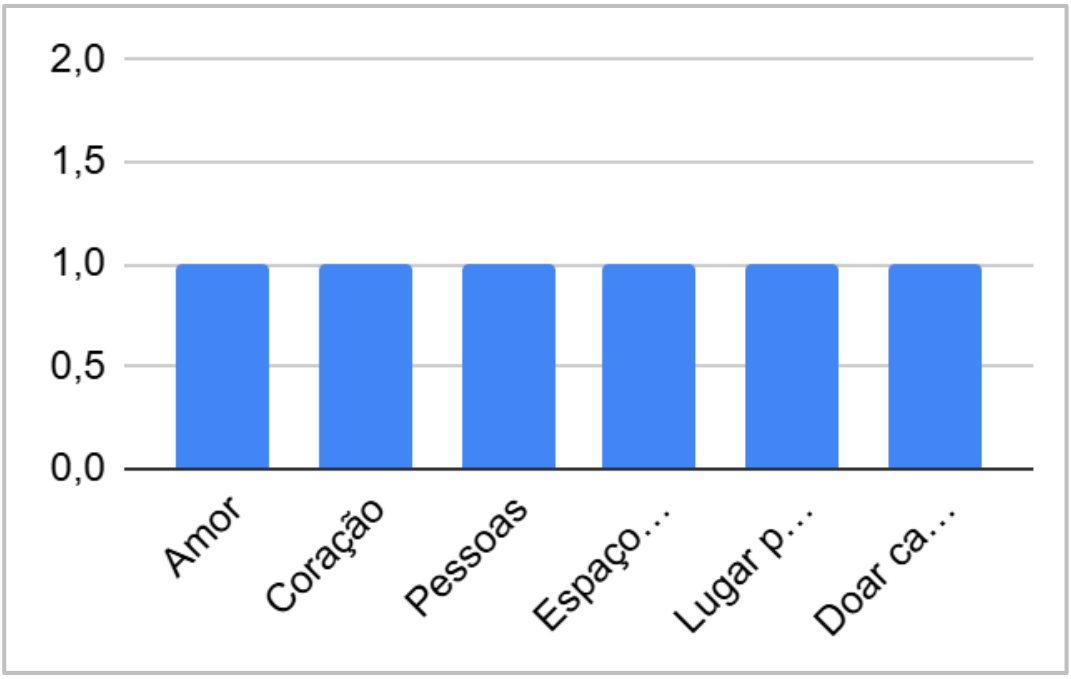
Apesar do menor percentual, este tema carrega elevada densidade simbólica. Representações gráficas diretas de “Amor”, “Coração”, “Pessoas reunidas”, “Espaços para meninos e meninas” e “Ações de doação” (Figura 25) revelam a afetividade como dimensão estruturante do espaço público. As crianças desenham a praça ideal como um território de acolhimento, equidade de gênero e sociabilidade pacífica.

Essa dimensão dialoga com o pensamento de Lefebvre (2001) e com as teorias da justiça espacial e do direito à cidade, ao reforçar que o espaço público não é apenas uma estrutura física de concreto e equipamentos, mas uma construção social tecida pelas relações de afeto, alteridade e pertencimento.

A preocupação explícita das crianças em desenhar espaços democráticos que contemplem "meninos e meninas" de forma equitativa contrapõe-se às históricas exclusões de gênero e idade nos espaços de lazer urbano.

Este achado ratifica a necessidade imperativa de o projeto arquitetônico prever zonas de convivência intergeracional, mobiliários inclusivos e arranjos espaciais que estimulem a empatia, a cooperação comunitária e o acolhimento da diversidade social.

Figura 25. Elementos pertencentes ao Tema Gerador "Convivência e Inclusão"



Fonte: Elaborada pelos(as) autores(as) (2026).

5.5.3. Complementaridade entre as percepções de adultos(as) e crianças

Embora apresentada em seções distintas em razão dos instrumentos metodológicos utilizados (questionário estruturado para as pessoas adultas da comunidade escolar e do entorno e representações gráficas com as crianças), os resultados obtidos junto a esses dois grupos não devem ser interpretados de forma segregada.

Ao contrário, observamos uma expressiva convergência entre as demandas manifestadas pelas pessoas adultas e a leitura simbólica produzida pelas crianças por meio dos desenhos, o que reforça a legitimidade de ambas as percepções como fontes complementares para a requalificação do espaço.

Os pontos de água foram considerados muito necessários por 90,5% dos(as) respondentes adultos(as); nos desenhos infantis, esse mesmo anseio manifestou-se pela recorrência de bebedouros (12 ocorrências). Os espaços destinados a sentar e conversar foram apontados por 83,3% dos(as) adultos(as), convergindo com a presença de bancos coloridos (6 ocorrências) nas representações gráficas. Os brinquedos adequados foram indicados por 78,6% da comunidade, o que dialoga diretamente com a liderança de balanços (17), escorregadores (12) e pula-pulas (8) entre os elementos mais desenhados pelas crianças. Por fim, a ampliação da arborização, das sombras, das rampas e dos pisos acessíveis, citada por 73,8% dos(as) respondentes, corresponde à presença marcante de árvores, árvores frutíferas e flores nos desenhos infantis.

Essa complementaridade indica que, apesar das diferenças etárias e dos distintos repertórios de expressão, adultos(as) e crianças compartilham parte de uma leitura convergente sobre as principais fragilidades e potencialidades da praça, sobretudo no que se refere à infraestrutura básica, ao conforto e às oportunidades de convivência e de brincar.

Essa convergência fundamenta e legitima as diretrizes apresentadas a seguir, as quais buscam integrar as duas perspectivas em uma proposta única de requalificação.

5.6. DIRETRIZES SOCIOAMBIENTAIS E URBANÍSTICAS PARA A REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA

As diretrizes socioambientais e urbanísticas apresentadas nesta seção resultam da síntese e da triangulação dos dados produzidos ao longo da pesquisa. A sua elaboração articula o diagnóstico socioespacial e físico-ambiental da praça, as respostas obtidas por meio dos questionários aplicados à comunidade escolar, as representações gráficas produzidas pelas crianças e os seis temas geradores identificados durante o processo de investigação temática. Além disso, as proposições dialogam com o referencial teórico adotado e com as experiências observadas no Programa Cidade das Crianças, no município de Jundiaí (SP).

Desse modo, as diretrizes não correspondem a uma proposta definida exclusivamente pelos(as) pesquisadores(as), mas constituem uma síntese analítica das condições existentes, das necessidades manifestadas pela comunidade e dos desejos expressos pelas crianças.

Essa construção está fundamentada na perspectiva da Cidade das Crianças, segundo a qual a escuta infantil deve integrar os processos de planejamento e transformação dos espaços urbanos (Tonucci, 2005), e na Educação Ambiental Crítica, que compreende o ambiente como espaço de vida, pertencimento, participação e responsabilidade coletiva (Layrargues; Lima, 2014; Sauvé, 2005).

O diagnóstico indicou que a praça apresenta potencial para o **lazer**, a **convivência intergeracional** e o **desenvolvimento de atividades educativas**, sobretudo em razão de sua localização em frente à EMEF Prof. José Antônio Sartori e de sua inserção no percurso cotidiano da comunidade escolar. Entretanto, também foram identificadas fragilidades relacionadas à c**onservação dos caminhos e mobiliários**, à **acessibilidade**, ao **conforto térmico**, à **segurança viária**, à **iluminação** e **à variedade dos equipamentos destinados ao brincar**.

As percepções da comunidade escolar reforçaram esse diagnóstico. Embora 50% dos(as) participantes tenham declarado frequentar ou passar pelo local diariamente, 42,9% utilizam a praça apenas como espaço de passagem. Esse resultado sugere que a centralidade territorial da praça ainda não se converte plenamente em permanência, convivência e apropriação social. Também foram

observadas avaliações críticas quanto à segurança para o brincar autônomo, considerada inexistente ou insuficiente pela maioria das pessoas respondentes, e quanto à conservação das calçadas e dos bancos.

As demandas apresentadas pelas pessoas adultas convergiram com a leitura das crianças, conforme detalhado na seção 5.5.3.

A análise das 197 ocorrências identificadas nos 43 desenhos resultou em seis temas geradores: Brincar e Lazer; Infraestrutura e Conforto; Natureza e Ambiente; Segurança e Mobilidade; Comércio, Cultura e Serviços; e Convivência e Inclusão. Esses temas foram considerados eixos orientadores das diretrizes, pois representam necessidades lúdicas, físicas, ambientais, sociais e afetivas manifestadas pelas próprias crianças.

As experiências observadas no Programa Cidade das Crianças, em Jundiaí, oferecem um parâmetro comparativo para a transformação dessas demandas em proposições espaciais. Os parques naturalizados, a incorporação de elementos como vegetação, troncos, terra e rochas, as estratégias de urbanismo tático, as hortas urbanas e os processos institucionais de participação infantil demonstram que a qualificação de um espaço destinado à infância não depende apenas da instalação de equipamentos. Ela requer a integração entre segurança, autonomia, contato com a natureza, diversidade de usos, acessibilidade e participação social.

Nesse sentido, as representações gráficas apresentadas a seguir cumprem uma dupla função. A primeira consiste em sistematizar visualmente a configuração atual da praça, evidenciando seus elementos, sua organização espacial e as limitações identificadas no diagnóstico. A segunda consiste em apresentar uma proposição de ocupação e requalificação fundamentada nos resultados da pesquisa. A proposta deve ser compreendida como uma diretriz conceitual e participativa, passível de detalhamento técnico posterior por profissionais habilitados e de discussão com a comunidade escolar, os(as) moradores(as) e o poder público.

5.6.1. Desenho holográfico do local

A Figura 26 apresenta uma representação gráfica esquemática da configuração atual da praça, elaborada a partir das observações realizadas durante as atividades de campo, dos registros fotográficos e da leitura espacial desenvolvida pelo grupo.

A ilustração não corresponde a uma planta técnica, não substitui levantamento topográfico ou arquitetônico e não possui caráter executivo. A sua finalidade é sistematizar visualmente os principais elementos existentes e sua distribuição aproximada no espaço analisado, permitindo relacioná-los às potencialidades e limitações identificadas ao longo da pesquisa.

Figura 26. Representação gráfica esquemática da configuração atual da praça urbana localizada em frente à EMEF Prof. José Antônio Sartori, Botucatu (SP)

Fonte: Elaborado pelo autor Herick Henrique da Silva. Data: 8 jul. 2026.

A área representada possui geometria irregular, com seus limites definidos pelo contorno da praça e pelas áreas de circulação do entorno. Na porção superior esquerda, observa-se um prolongamento estreito e alongado do terreno, no qual se encontra uma estrutura retangular coberta. A disposição relativamente isolada desse equipamento e a reduzida presença de mobiliários nesse setor evidenciam uma área com menor diversidade de usos em comparação aos demais espaços da praça.

Na porção inferior esquerda, encontra-se um setor circular destinado aos equipamentos de atividade física ao ar livre. Esse setor possui pavimentação diferenciada e reúne aparelhos distribuídos ao redor de uma área central. Em seu entorno, estão representados canteiros vegetados, pontos de iluminação, lixeiras e bancos. Embora a existência desses equipamentos amplie as possibilidades de uso da praça por jovens, pessoas adultas e idosas, sua concentração em um único núcleo evidencia a necessidade de analisar a articulação desse setor com os demais espaços, especialmente quanto às condições de circulação, conservação e acessibilidade.

Na área central e na porção direita da ilustração estão localizados os equipamentos destinados ao brincar infantil. São representados brinquedos de diferentes formatos e dimensões, incluindo estruturas destinadas a balançar, escalar, girar e realizar diferentes atividades motoras. Os equipamentos encontram-se distribuídos sobre uma extensa superfície pavimentada, intercalada por áreas vegetadas. Essa configuração confirma a vocação recreativa da praça, mas também evidencia a predominância de equipamentos convencionais, aspecto que deve ser considerado diante das demandas identificadas nas representações infantis por maior diversidade de possibilidades de brincar e por espaços que contemplem diferentes idades e capacidades motoras.

Os caminhos internos aparecem revestidos por pavimentação rígida e estabelecem conexões entre os diferentes setores da praça. A leitura realizada durante o diagnóstico, entretanto, identificou limitações relacionadas à conservação das áreas de circulação e à acessibilidade dos percursos. Essa condição dialoga com os resultados do questionário, no qual 76,2% dos(as) respondentes classificaram as calçadas e os bancos como pouco conservados. Também reforça a demanda por

rampas e pisos acessíveis, considerados muito necessários por 73,8% das pessoas participantes.

A cobertura vegetal é representada por canteiros gramados, arbustos e árvores de diferentes portes, com maior concentração de arborização na região central e nas extremidades inferior e direita do terreno. As árvores existentes contribuem para a presença de vegetação e para a formação de áreas sombreadas; entretanto, sua distribuição não assegura cobertura contínua sobre todos os percursos, bancos e setores destinados ao brincar. Essa condição converge com a demanda da comunidade pela ampliação de árvores e sombras e com as representações de flores, árvores e árvores frutíferas identificadas nos desenhos infantis.

Os bancos aparecem distribuídos principalmente junto aos canteiros e aos caminhos, oferecendo pontos de repouso, observação e acompanhamento das atividades. Entretanto, parte dos espaços de permanência não apresenta cobertura vegetal suficiente para proporcionar sombra durante todo o período de uso. Essa condição contribui para compreender a elevada prioridade atribuída pela comunidade aos espaços para sentar-se e conversar, considerados muito prioritários por 83,3% dos(as) respondentes, além da presença de bancos e coberturas nas representações produzidas pelas crianças.

A figura também registra pontos de iluminação distribuídos ao longo dos caminhos, próximos aos canteiros e às áreas de equipamentos. Apesar da presença dessas estruturas, a avaliação da comunidade indicou insuficiência da iluminação, especialmente no período noturno. Esse resultado demonstra que a presença física dos postes não garante, isoladamente, condições adequadas de iluminação, sendo necessário considerar sua localização, alcance, manutenção e capacidade de iluminar os acessos, percursos e áreas de permanência.

As lixeiras aparecem distribuídas em pontos específicos da praça, especialmente nas proximidades dos setores de atividade física e de circulação. Sua presença demonstra a existência de infraestrutura básica destinada ao descarte de resíduos, mas os resultados da pesquisa indicam a necessidade de ampliar as condições de higiene e conservação do espaço. A presença recorrente de lixeiras comuns e destinadas a materiais recicláveis nas representações infantis demonstra,

ainda, que as crianças associam a qualidade da praça ao cuidado coletivo e à responsabilidade socioambiental.

Não se identifica, na representação, a presença de bebedouro público, equipamento identificado em 12 ocorrências nas representações infantis e considerado muito necessário por 90,5% das pessoas adultas participantes. A ausência desse equipamento constitui uma limitação relevante para o conforto e a permanência prolongada, especialmente considerando o uso da praça para atividades recreativas e físicas e sua proximidade com a unidade escolar.

A configuração atual também não evidencia uma delimitação específica para atividades culturais, educativas ou comunitárias. Embora existam áreas livres que possam comportar usos temporários, sua organização não apresenta infraestrutura específica destinada a oficinas, apresentações, encontros comunitários ou práticas de Educação Ambiental. Essa lacuna contrasta com as sugestões apresentadas pela comunidade para a realização de atividades culturais e com as representações infantis relacionadas aos temas Comércio, Cultura e Serviços e Convivência e Inclusão.

Por fim, a representação deve ser interpretada em conjunto com a relação da praça com o sistema viário do entorno. Embora a Figura 26 esteja concentrada nos elementos internos da praça, o diagnóstico identificou descontinuidades nas calçadas e limitações relacionadas à segurança dos deslocamentos e ao controle do tráfego. Essas condições ajudam a compreender os resultados do questionário, segundo os quais 52,4% dos(as) respondentes consideraram a praça nada segura para uma criança brincar sem acompanhamento adulto e 40,5% a classificaram como pouco segura. A percepção infantil também ultrapassou os limites internos da praça, como demonstram as representações de semáforos, faixas de pedestres coloridas e placas de sinalização.

Em síntese, a Figura 26 representa uma praça que já dispõe de arborização, caminhos, iluminação, bancos, lixeiras e equipamentos voltados ao lazer infantil e à atividade física. Entretanto, a organização e as condições desses elementos ainda não respondem integralmente às demandas de acessibilidade, conforto, segurança, diversidade de possibilidades de brincar, hidratação, convivência e uso pedagógico identificadas durante a pesquisa.

A leitura da configuração existente estabelece, assim, a base analítica para a proposição de uma ocupação requalificada. A etapa seguinte parte das potencialidades e limitações identificadas nesta representação e articula os resultados do diagnóstico, as demandas expressas pela comunidade e pelas crianças, as experiências observadas em Jundiaí e as referências teóricas e normativas discutidas ao longo do trabalho. Dessa forma, cada intervenção proposta deverá apresentar relação direta com as evidências produzidas nas etapas anteriores da pesquisa.

5.6.2. Proposição de requalificação da praça

Figura 27. Proposta de requalificação da praça urbana localizada em frente à EMEF Prof. José Antônio Sartori, Botucatu (SP)

Fonte: Elaborada pelo autor Herick Henrique da Silva. Data: 8 ago. 2026.

A partir da análise da configuração atual da praça, apresentada na Figura 26, foi elaborada uma proposta de requalificação que busca traduzir espacialmente os resultados obtidos nas diferentes etapas da pesquisa. A configuração apresentada na Figura 27 resulta da articulação entre as demandas identificadas no questionário, as manifestações das crianças nas oficinas e nas representações gráficas, as observações realizadas durante as atividades de campo, os seis temas geradores identificados na investigação e os referenciais teóricos e experiências analisados ao longo do trabalho.

A proposta não busca reproduzir integralmente modelos de outras localidades, mas utilizar as experiências analisadas como referências para refletir sobre possibilidades aplicáveis ao contexto da praça estudada. Nesse sentido, a publicação Habitação Social e Primeira Infância: orientações para desenho urbano destaca a importância de espaços urbanos que favoreçam a convivência, a segurança, a acessibilidade, o contato com a natureza e as oportunidades de brincar, aspectos que dialogam diretamente com os resultados identificados no diagnóstico da praça (Fundação Van Leer; Estúdio+1, 2024).

A organização espacial proposta parte, portanto, da criação de ambientes com funções distintas, mas não isoladas entre si. Os diferentes setores são conectados por caminhos pavimentados e por um percurso de madeira que funciona como uma espécie de “ponte” entre os ambientes. A vegetação participa dessa organização como elemento de transição e delimitação, sem estabelecer barreiras rígidas entre os espaços. Dessa maneira, árvores, arbustos e demais espécies vegetais ajudam a caracterizar cada ambiente, mas permitem a continuidade visual e física entre eles.

Essa estratégia busca evitar a fragmentação da praça em setores independentes e criar uma sequência de experiências ao longo do percurso. A integração entre espaços de brincar, circulação e permanência também se aproximam das discussões apresentadas por Meyer e Zimmermann (2020), que destacam a importância de articular o brincar e o sentar na construção de espaços públicos capazes de atender diferentes usuários.

Na porção superior esquerda da proposta, é mantido o setor destinado à atividade física, reorganizado em uma área circundada por vegetação. Os equipamentos permanecem distribuídos em torno do espaço central, acompanhados

por bancos, iluminação e áreas verdes. A arborização proposta nesse setor contribui para ampliar as áreas de sombra e permanência, respondendo à demanda identificada na pesquisa por maior presença de árvores e espaços protegidos da insolação.

Entre o setor de atividade física e a área naturalizada foi criado um ambiente intermediário destinado ao movimento e à exploração corporal, composto por pula-pulas e elementos de relevo, representados por pequenos morrotes. A concepção desse espaço teve como referência soluções presentes no complexo Mundo das Crianças, em Jundiaí (SP), particularmente na atração conhecida como Foguete, que reúne camas elásticas e morrotes como elementos destinados às atividades de movimento e exploração corporal (Jundiaí, 2026). Como essa referência foi conhecida por meio de materiais publicados, e não de observação direta durante a visita técnica, seus elementos foram utilizados como referência projetual e reinterpretados de acordo com as características e necessidades identificadas na praça estudada.

Na região central e direita da proposta, foram organizados diferentes ambientes destinados ao brincar. A intenção foi ampliar a diversidade de experiências oferecidas às crianças, combinando equipamentos convencionais com espaços de exploração corporal e áreas naturalizadas. Essa organização responde às demandas identificadas nas representações infantis e no questionário, nas quais apareceram diferentes interesses relacionados ao brincar, à exploração e à necessidade de ampliação dos equipamentos disponíveis.

O setor destinado aos brinquedos tradicionais reúne equipamentos como balanços, escorregadores e estruturas de escalada, organizados em uma área própria e acompanhados por vegetações e infraestruturas de apoio. A disposição dos equipamentos permite que diferentes atividades ocorram simultaneamente, enquanto os espaços de permanência próximos possibilitam o acompanhamento das crianças pelos adultos.

Os bebedouros foram distribuídos em diferentes pontos da proposta, considerando os ambientes com maior intensidade de uso. Há equipamentos próximos à área de convivência e junto aos espaços destinados ao brincar, incluindo o setor de brinquedos tradicionais e a área de escalada e exploração. Essa distribuição responde diretamente à elevada prioridade atribuída à disponibilidade de

água pelos(as) participantes da pesquisa e busca evitar que o acesso ao equipamento fique concentrado em apenas uma região da praça.

A área naturalizada constitui outro elemento central da proposta. Nela foram utilizados elementos como madeira, troncos e estruturas destinadas à escalada, ao equilíbrio e à exploração corporal. A intenção é oferecer uma experiência de brincar menos dependente de equipamentos convencionais e ampliar o contato das crianças com elementos associados à natureza.

Essa concepção dialoga com Barros (2018), que destaca a importância da aproximação entre infância e natureza e da criação de ambientes que favoreçam experiências ao ar livre, exploração e aprendizagem. Também se relaciona às propostas do programa Criança e Natureza, que defende a ampliação das oportunidades de contato cotidiano das crianças com ambientes naturais (Instituto Alana, 2026).

Uma adaptação específica foi realizada em relação às superfícies utilizadas nas áreas naturalizadas. Embora a areia seja uma solução recorrente em espaços destinados ao brincar e tenha sido identificada nas referências analisadas durante o desenvolvimento do projeto, optou-se por não a utilizar na proposta para Botucatu. Essa decisão considera, entre outros aspectos, a necessidade de atenção às condições sanitárias desse tipo de superfície no contexto local. Estudos realizados em parques e praças de recreação tem investigado a presença de indicadores de contaminação microbiológica e de agentes relacionados a animais domésticos no solo e na areia desses espaços, evidenciando a pertinência de considerar aspectos sanitários na escolha dos materiais destinados às áreas de recreação infantil (Dums *et al.*, 2024).

Como alternativa, foram propostas placas emborrachadas com textura e coloração semelhantes à areia. A solução procura preservar visualmente a aproximação com os ambientes naturalizados e, simultaneamente, utilizar uma superfície com maior controle em relação às condições de uso e manutenção. Dessa forma, a proposta não reproduz diretamente a solução observada em outras experiências, mas adapta o princípio de criação de ambientes de brincar associados à natureza às condições específicas do local estudado. A escolha também reforça o caráter crítico da utilização das referências externas. As experiências analisadas ao

longo da pesquisa serviram como repertório para o desenvolvimento da proposta, mas foram confrontadas com as características, demandas e limitações identificadas em Botucatu. Dessa forma, os elementos incorporados ao projeto foram selecionados e modificados de acordo com os resultados obtidos no próprio estudo.

Na porção inferior esquerda, foi organizado um espaço destinado à convivência e permanência, com maior concentração de bancos, vegetação e áreas livres. A criação desse ambiente responde à elevada prioridade atribuída pelos(as) participantes aos espaços para sentar-se e conversar. A sua localização também permite que os usuários permaneçam próximos aos demais setores da praça, acompanhando as atividades realizadas nos espaços de brincar.

A distribuição dos bancos ao longo da proposta não se restringe, portanto, a um único ambiente. Eles também aparecem próximos aos equipamentos infantis, aos caminhos e às áreas vegetadas, permitindo diferentes formas de permanência. Essa organização considera a necessidade de que os espaços destinados às crianças também sejam confortáveis para os adultos, acompanhantes e demais usuários da praça, conforme discutido por Meyer e Zimmermann (2020).

A vegetação constitui um elemento estruturador da proposta, sendo utilizada tanto para qualificar ambientalmente os espaços quanto para estabelecer transições entre os diferentes ambientes. As árvores e demais espécies vegetais foram distribuídas de maneira a ampliar as áreas sombreadas, qualificar os espaços de permanência e criar maior continuidade entre os setores.

A vegetação também foi incorporada aos espaços de brincar, evitando que as áreas naturalizadas sejam compreendidas apenas como áreas verdes separadas dos equipamentos. Essa integração permite aproximar o brincar da natureza e criar oportunidades para observação, exploração e atividades educativas. Tal abordagem dialoga com o conceito de “desemparedamento da infância”, apresentado por Barros (2018), ao valorizar o uso de espaços externos como ambientes de aprendizagem e experiência.

Os caminhos pavimentados permanecem como principais elementos de circulação e conectam os diferentes setores da praça. A eles se soma o percurso de madeira, que estabelece uma segunda possibilidade de deslocamento e reforça a integração entre os ambientes. A intenção é que a circulação não seja apenas um

meio de chegar a um determinado equipamento, mas também parte da experiência de utilização da praça.

A distribuição de iluminação, lixeiras e mobiliários acompanha os principais caminhos e setores de permanência e uso. Esses elementos foram posicionados de modo a apoiar as atividades previstas e responder às demandas identificadas durante o diagnóstico. Da mesma forma, a infraestrutura de apoio não foi concentrada em um único ponto, buscando atender aos diferentes ambientes e favorecer a permanência dos usuários.

A proposta também incorpora espaços com possibilidade de usos flexíveis, especialmente nas áreas de convivência e nos espaços livres entre os diferentes setores. Esses ambientes podem receber atividades educativas, culturais e comunitárias, permitindo que a praça seja utilizada para além do brincar e da atividade física. Essa flexibilidade é particularmente relevante considerando a proximidade com a unidade escolar e a possibilidade de integração entre o espaço público e atividades educativas ao ar livre, conforme discutido por Barros (2018).

A organização final procura estabelecer correspondência entre os elementos propostos e os seis temas geradores identificados na pesquisa. O brincar e o lazer são contemplados pelos diferentes ambientes recreativos; a infraestrutura e o conforto, pela presença de bancos, bebedouros, iluminação e lixeiras; a natureza e o ambiente, pela arborização e pelas áreas naturalizadas; a segurança e a mobilidade, pela organização dos percursos e pela iluminação; o comércio, a cultura e os serviços, pela possibilidade de usos flexíveis; e a convivência e inclusão, pela criação de espaços de permanência e pela integração entre os diferentes setores.

Esses temas, entretanto, não foram tratados como setores independentes. A proposta procura justamente estabelecer relações entre eles. A vegetação, por exemplo, atua simultaneamente no conforto térmico, na qualificação paisagística, na experiência de brincar e no contato com a natureza. Os bancos contribuem para a permanência, a convivência e o acompanhamento das crianças. Os bebedouros atendem à infraestrutura e ao conforto, mas também favorecem a permanência nos espaços de brincar e atividade física. Os caminhos, por sua vez, articulam todos esses usos.

Dessa forma, a Figura 27 representa mais do que uma nova organização física da praça. Ela constitui a síntese espacial das demandas, percepções e referências mobilizadas ao longo da pesquisa, transformando os resultados obtidos em uma possibilidade concreta de requalificação. Cada ambiente e elemento inserido na proposta está relacionado a uma necessidade identificada no diagnóstico ou a um princípio discutido na literatura e nas experiências analisadas.

Neste sentido, a importância deste trabalho vai além da requalificação física de uma praça: ele demonstra como o entorno escolar pode se tornar um território educativo, inclusivo e ambientalmente qualificado, articulando educação, planejamento urbano e participação social.

A proposta desenvolvida não se limita a responder às demandas pontuais identificadas no diagnóstico, mas evidencia o potencial da praça como espaço de aprendizagem cotidiana, de convivência intergeracional e de exercício da cidadania, no qual crianças, famílias e comunidade escolar se tornam protagonistas na construção do espaço público que ocupam.

6. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo desenvolver um projeto de revitalização de uma praça pública localizada em frente a uma escola pública de Botucatu (SP), fundamentado nas opiniões e necessidades da comunidade escolar, visando à melhoria da qualidade de uso, da inclusão e da apropriação social do espaço. Ao longo do trabalho, buscou-se compreender de que maneira a perspectiva da "Cidade das Crianças", articulada à educação ambiental crítica e à pedagogia crítica do lugar, poderia orientar a (re)ocupação desse espaço urbano, tendo as crianças como protagonistas desse processo.

A metodologia adotada, de caráter misto, mostrou-se adequada aos objetivos propostos, ao combinar diferentes instrumentos de coleta e análise de dados. A visita técnica ao Programa Cidade das Crianças de Jundiaí ofereceu subsídios para a compreensão de experiências concretas de participação infantil na gestão do espaço urbano. O diagnóstico socioespacial e ambiental da praça permitiu caracterizar as condições de infraestrutura, conservação e acessibilidade do local, bem como o seu potencial de uso. Os questionários estruturados aplicados à comunidade escolar e as oficinas participativas realizadas com as crianças, cujos desenhos foram analisados por meio da Investigação Temática freireana, possibilitaram a escuta efetiva das percepções, necessidades e anseios dos diferentes atores envolvidos.

Os resultados evidenciaram que a praça apresenta expressivo potencial socioambiental, mas encontra-se marcada por fragilidades de infraestrutura, conservação e acessibilidade. As percepções da comunidade revelaram preocupações significativas quanto à segurança do espaço para a brincadeira autônoma das crianças e à má conservação de calçadas e bancos, indicando a necessidade premente de intervenções que garantam a segurança e a acessibilidade universal, em conformidade com a ABNT NBR 9050 e a Lei Brasileira de Inclusão. A análise dos desenhos infantis, por sua vez, revelou seis temas geradores que evidenciaram a leitura crítica e sensível que as crianças fazem do espaço urbano, indo além de uma visão meramente recreativa para abranger dimensões de infraestrutura, ambiental, de segurança e de convivência social.

A discussão dos resultados, articulada ao referencial teórico, permitiu confirmar a relevância da perspectiva da Cidade das Crianças e da educação ambiental crítica como fundamentos para a requalificação de espaços públicos escolares. As crianças demonstraram capacidade de identificar problemas, propor soluções e expressar desejos em relação ao espaço, o que reforça a importância de sua participação efetiva nos processos de planejamento urbano. A praça, nesse sentido, configura-se não apenas como um espaço de lazer, mas como um território educativo, capaz de promover o desenvolvimento integral das crianças, a convivência comunitária e a formação para a cidadania e para a sustentabilidade.

Como produto concreto da pesquisa, foram elaboradas diretrizes socioambientais e urbanísticas para a requalificação da praça, contemplando adequações de acessibilidade, melhorias de infraestrutura e conservação, criação de espaços que favoreçam o brincar, o convívio e a inclusão, bem como o fortalecimento da relação entre a escola, a comunidade e o espaço público. Tais diretrizes configuram um ponto de partida para futuras intervenções, que deverão ser desenvolvidas de forma participativa, envolvendo a comunidade escolar e o poder público.

Cabe ressaltar as limitações desta pesquisa, que se constitui como um estudo de caso único, o que restringe a generalização dos resultados para outros contextos. Recomenda-se, portanto, a realização de estudos futuros que ampliem a investigação para outras praças e escolas, bem como o acompanhamento da implementação das diretrizes propostas, a fim de avaliar seus impactos ao longo do tempo. Ademais, sugere-se a continuidade da escuta das crianças e da comunidade em processos permanentes de planejamento participativo.

Em síntese, a pesquisa reafirma o papel das praças urbanas como espaços educativos e de sociabilidade fundamentais para a vida em comunidade. Quando as crianças e a comunidade escolar são ouvidas e colocadas no centro do processo, torna-se possível construir projetos de requalificação mais justos, inclusivos e alinhados às reais necessidades de quem vivencia o espaço cotidianamente, transformando a praça em um território verdadeiramente público, acessível, inclusivo e apropriado por todos(as).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **ABNT NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). **Desemparedamento da infância:** A escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em: 29 ago. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CONCEIÇÃO, Aline Novaes; SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva; CHAHINI, Thelma Helena Costa. Aspectos éticos para a escuta de crianças nas pesquisas educacionais. **Revista Brasileira de Educação do Campo,** v. 10, e19513, p. 1-20. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/download/19513/22653/86816. Acesso em: 29 ago. 2026.

DENZIN, Norman K. **The research act**: a theoretical introduction to sociological methods. 2. ed. Nova Iorque (EUA): Mc Graw-Hill, 1978.

DEWEY, John. **Democracy and Education**: an introduction to the philosophy of education. New York: Macmillan, 1916.

DEWEY, John. **Experience and Education**. Nova Iorque (EUA): Kappa Delta Pi, 1938.

DUMS, Marcos *et al*. Análise de parasitas na área de recreação infantil de parques municipais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Journal of Education Science and Health**, v. 4, n. 4, p. 1-11, 2024. Disponível em: https://bio10publicacao.com.br/jesh/es/article/view/472/268. Acesso em: 29 ago. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO VAN LEER; ESTÚDIO+1 (São Paulo). **Habitação Social e Primeira Infância**: orientações para desenho urbano. São Paulo: Fundação Van Leer, 2024.

39 p. Disponível em: https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/habitacao-social-e-primeira-infancia-orientacoes-para-desenho-urbano. Acesso em: 29 ago. 2026.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GRUENEWALD, David A. The best of both worlds: a critical pedagogy of place. **Educational Researcher**, v. 32, n. 4, p. 3-12, 2003. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.3102/0013189x032004003. Acesso em: 29 ago. 2026.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologia Qualitativa na Sociologia**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y Ciudad**: planificación urbana y procesos ecológicos. Barcelona (Espanha): Gustavo Gili, 1998.

INSTITUTO ALANA. **Criança e natureza**. 2026. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/pt. Acesso em: 29 ago. 2026.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JUNDIAÍ. PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. **Mundo das Crianças**. 2026. Disponível em: https://mundodascriancasjundiai.com.br. Acesso em: 29 ago. 2026.

KELLERT, Stephen R.; WILSON, Edward O. (ed.). **The Biophilia Hypothesis**. Washington, DC (EUA): Island Press, 1995.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23-40, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt&ilang=en. Acesso em: 29 ago. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARANDINO, Martha. Educação em museus e divulgação científica. **ComCiência**, n. 100, 2008. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 ago. 2026.

MARANDINO, Martha *et al.* **A Educação em museus e os materiais educativos**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2016. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/233. Acesso em: 29 ago. 2026.

MASCARÓ, Lúcia; MASCARÓ, Juan José. **Ambiência Urbana**. 3. ed. Porto Alegre: Masquatro, 2009.

MEYER, Bernhard; ZIMMERMANN, Stefanie. **Cidades para brincar e sentar:** Uma mudança de perspectiva para o espaço público. 1. ed. São Paulo: Instituto Alana, 2020. Disponível em: https://cidadeativa.org/wp-content/uploads/2023/12/Livro-Cidade-para-Brincar-e-Sentar.pdf. Acesso em: 29 ago. 2026.

NICHOLSON, Simon. How NOT to cheat children: the theory of loose parts. **Landscape Architecture**, v. 62, n. 1, p. 30-34, 1971.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educación Química**, v. 16, n. 2, p. 231-238, 2005.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público:** As tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

SHIER, Harry. Pathways to participation: openings, opportunities and obligations. **Children & Society***,* v. 15, n. 2, p. 107-117, 2001. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/chi.617. Acesso em: 29 ago. 2026.

TONUCCI, Francesco. **Quando as Crianças Dizem:** Chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

TONUCCI, Francesco. **La Ciudad de los Niños**: un nuevo modo de pensar la ciudad. Madrid (Espanha): Los Libros de la Catarata, 2019.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Mind in Society**: the development of higher psychological processes. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 1978.

WHYTE, William H. **The Social Life of Small Urban Spaces**. Washington, DC (EUA): The Conservation Foundation, 1980.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** Planejamento e Métodos. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2015.

APÊNDICE 1 - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RCLE)

RESOLUÇÃO 510/2016

CONVIDO, o(a) Senhor(a) para participar do Projeto de Pesquisa intitulado "**Análise da aplicação da perspectiva "Cidade das Crianças" na (re)ocupação de praças urbanas: estudo de caso com foco na acessibilidade e no engajamento da comunidade escolar**", que será desenvolvido pelos(as) estudantes de graduação Bruno dos Santos Ricardi, Herick Henrique da Silva, Julia Claudinéia Santos Candiotta, Júlia Vitória Francisco de Aquino e Samara Leticia Amato da Rocha, sob orientação do Prof. Dr. André Santachiara Fossaluza, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências de Botucatu (IBB), Botucatu.

Esta pesquisa tem como objetivo **elaborar um projeto de revitalização para a praça em frente à escola pública, fundamentado nas necessidades da comunidade escolar, visando ampliar a inclusão e a apropriação social.** Para isso, os objetivos específicos consistem em: investigar as percepções dos usuários sobre segurança, conforto e convivência; diagnosticar as condições físicas e sociais do entorno, mapeando fluxos e barreiras; e desenvolver diretrizes projetuais que qualificam o espaço público.

Os benefícios da participação dessa pesquisa são a proposição de intervenções que visam à melhoria de um espaço público no entorno de uma Unidade Escolar e a construção de subsídios para a formulação de políticas públicas municipais.

Os potenciais riscos de participar dessa pesquisa são considerados mínimos, como atrapalhar e/ou tomar o seu tempo e/ou sensação de invasão de privacidade. É possível, porém, a identificação indireta das pessoas participantes da pesquisa. Para minimizar esse risco, todos os dados coletados não incluirão quais informações pessoais, como nome, curso, idade, gênero, raça/etnia, endereço ou qualquer outro dado de forma individualizada. Além disso, não serão publicadas fotos e/ou imagens das pessoas participantes que permitam a sua identificação.

É importante destacar que, sendo identificados quaisquer riscos relacionados à sua saúde mental ou física, será fornecida assistência imediata, integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, sem ônus ao SUS e com ônus aos pesquisadores.

Esta pesquisa será realizada por meio de um questionário estruturado online (Google Forms) para professores(as) e funcionários(as) da escola, pais e moradores(as) da região, maiores de 18 anos, visando mensurar percepções sobre segurança e uso do espaço, com duração estimada de **10 minutos.**

Fique ciente de que sua participação neste estudo é voluntária. O questionário foi formulado para evitar causar qualquer tipo de desconforto ou risco aos(às) participantes da pesquisa. Contudo, caso você apresente qualquer incômodo ao respondê-lo, você tem total liberdade para se recusar a continuar o preenchimento ou retirar seu consentimento, em qualquer momento.

Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará nenhum prejuízo.

Esclarecemos também que nenhum participante ou local será identificado na realização desta pesquisa, **EXCETO** se for da sua vontade expressa, como prevê a Resolução 510/2016. Dessa forma, você:

( ) Gostaria de permanecer anônimo(a) nesta pesquisa, como os(as) pesquisadores(as) garantiram.

( ) Gostaria de ter minha identidade divulgada, como prevê a referida resolução.

Ainda assim, você também tem o direito de buscar indenização diante de eventuais danos que julgar decorrentes da pesquisa. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados

com o(s) pesquisador(es). Além disso, é garantido a você o direito a ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo, como, por exemplo, o transporte e a alimentação, mas não se restringindo a eles. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com os pesquisadores(as) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Após o término do período de coleta de dados por meio dos questionários, as respostas serão transcritas para documentos virtuais em um dispositivo eletrônico local nas dependências do Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação (DCHCNA), IBB, UNESP, salvas em um disco rígido, protegidas por senha, excluídas de qualquer armazenamento em "nuvem".

Para a composição do banco de dados e armazenamento, os nomes serão excluídos e os indivíduos codificados em sequência numérica, o que permitirá a exclusão, caso venha a desistir de participar e solicitar exclusão dos dados. Garantimos o anonimato dos(as) participantes e a confidencialidade das informações obtidas, uma vez que os resultados não serão divulgados em nível individual, quando da publicação deles em revistas científicas e que os dados não serão divulgados a terceiros.

Não haverá qualquer divulgação de imagem ou voz.

DESTACA-SE A IMPORTÂNCIA DE GUARDAR EM SEUS ARQUIVOS UMA CÓPIA DESTE DOCUMENTO disponível neste endereço. Caso seja de seu interesse, você poderá solicitar aos pesquisadores uma via deste documento devidamente assinado, ou seja, você terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. (Resolução 510/2016, art. 17, item X).

Recomenda-se, ainda, que a participação na pesquisa se dê por meio de um dispositivo eletrônico de uso pessoal e redes seguras de conexão à internet, visando garantir uma maior segurança ao processo de pesquisa e diminuir potenciais riscos de violação (Carta Circular n. 1/2021 - CONEP/SECNS/MS, item 1.2.1).

Os dados coletados respeitarão as disposições da LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados, garantindo o tratamento adequado de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural.

Caso você venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você tem direito à assistência integral (inclusive psicológica), imediata e gratuita, com ônus aos pesquisadores por qualquer intercorrência decorrente da aplicação desta pesquisa. É garantido, também, o direito de solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS no 510 de 2016, Artigo 9o, Inciso VI).

O formulário virtual para a participação da pesquisa pode ser acessado por meio do endereço https://forms.gle/WDs2XJTxWA4fDNGA9.

Pesquisadores(as) responsáveis:

- **Prof. Dr. André Santachiara Fossaluza** / Endereço: Profa. Dra. Cecilia Magaldi, S/N; Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação IBB-UNESP. Botucatu-SP. CEP: 18618-697 / Telefone: (14) 3880 0172 / andre.fossaluza@unesp.br. **- Bruno dos Santos Ricardi, Herick Henrique da Silva, Julia Claudineia Santos Candiotta, Júlia Vitória Francisco de Aquino e Samara Leticia Amato da Rocha -** Endereço: Profa. Dra. Cecilia Magaldi, S/N; Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação IBB-UNESP. Botucatu-SP. CEP: 18618-697 / Telefone: (14) 3880 0172.

Ao clicar em "Próximo", atesto que li este RCLE e concordo em participar da pesquisa.

APÊNDICE 2 - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ RESPONSÁVEIS

O(a) menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **"Análise da aplicação da perspectiva "Cidade das Crianças" na (re)ocupação de praças urbanas: estudo de caso com foco na acessibilidade e no engajamento da comunidade escolar".** O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é **proposição de intervenções que visam à melhoria das condições da praça pública localizada em frente à escola**. Nesta pesquisa pretendemos **elaborar um projeto de revitalização para a praça em frente à escola pública, fundamentado nas necessidades da comunidade escolar, visando ampliar a inclusão e a apropriação social.**

Caso você concorde na participação do menor vamos fazer as seguintes atividades com ele **(1) Visita orientada à praça, com observação guiada do espaço, com perguntas simples sobre usos, sentimentos e dificuldades. (2) Produção de desenhos a partir do comando "desenhe a praça como ela é", "o que você gosta", "o que você não gosta", "o que deveria ter" e (3) Acompanhamento do cotidiano escolar, com a observação do uso do entorno em horários de entrada e saída para registrar práticas recorrentes e interações com o espaço**. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são **considerados mínimos, como atrapalhar e/ou tomar o seu tempo e/ou sensação de invasão de privacidade. É possível, porém, a identificação indireta das pessoas participantes da pesquisa.** Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **todos os dados coletados não incluirão quais informações pessoais, como nome, curso, idade, gênero, raça/etnia, endereço ou qualquer outro dado de forma individualizada. Além disso, não serão publicadas fotos e/ou imagens das crianças participantes que permitam a sua identificação. É importante destacar que, sendo identificados quaisquer riscos relacionados à sua saúde mental ou física, será fornecida assistência imediata, integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, sem ônus ao SUS e com ônus aos pesquisadores.** A pesquisa pode ajudar n**a proposição de intervenções que visam à melhoria de um espaço público no entorno de uma Unidade Escolar e a construção de subsídios para a formulação de políticas públicas municipais**.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade e vocês não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele nesta pesquisa, ele tem direito de solicitar indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o fato de não o(a) deixar participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores trataram a sua

identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Botucatu, ____ de _____ de 2026.

Assinatura da testemunha Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Pesquisador Responsável: André Santachiara Fossaluza
Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências (IBB), Botucatu
Contato: (14) 3880-0172 | andre.fossaluza@unesp.br

APÊNDICE 3 - REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Para as crianças:
Olá, pequeno(a) voluntário(a), meu nome é _____, estou aqui porque tenho interesse em saber mais **como você gostaria que fosse a praça em frente à escola**. Gostaria de saber se poderia me ajudar, você se importa de responder algumas perguntinhas que eu vou fazer? Se caso não quiser, não tem problema nenhum, eu não ficarei chateado(a), mas se quiser ficarei muito feliz, porque vai me ajudar muito, sua ajuda é muito importante para mim. Você aceitando participar pedirei a _____ para que assine confirmando que deseja me ajudar.

2. Para a testemunha:
As crianças listadas a seguir, sob seu testemunho, estão sendo convidadas como voluntárias a participar da pesquisa **"Análise da aplicação da perspectiva "Cidade das Crianças" na (re)ocupação de praças urbanas: estudo de caso com foco na acessibilidade e no engajamento da comunidade escolar"**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a **proposição de intervenções que visam à melhoria das condições da praça pública localizada em frente à escola.** Nesta pesquisa pretendemos **elaborar um projeto de revitalização para a praça em frente à escola pública, fundamentado nas necessidades da comunidade escolar, visando ampliar a inclusão e a apropriação social.**

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

- _____
- _____

Caso você concorde em ser testemunha da participação das crianças, vamos fazer as seguintes atividades com elas: (1) Visita orientada à praça, com observação guiada do espaço, com perguntas simples sobre usos, sentimentos e dificuldades. (2) Produção de desenhos a partir do comando “desenhe a praça como ela é”, “o que você gosta”, “o que você não gosta”, “o que deveria ter” e (3) Acompanhamento do cotidiano escolar, com a observação do uso do entorno em horários de entrada e saída para registrar práticas recorrentes e interações com o espaço. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são considerados mínimos, como atrapalhar e/ou tomar o seu tempo e/ou sensação de invasão de privacidade. É possível, porém, a identificação indireta das pessoas participantes da pesquisa. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, todos os dados coletados não incluirão quais informações pessoais, como nome, curso, idade, gênero, raça/etnia, endereço ou qualquer outro dado de forma individualizada. Além disso, não serão publicadas fotos e/ou imagens das crianças participantes que permitam a sua identificação. É importante destacar que, sendo identificados quaisquer riscos relacionados à sua saúde mental ou física, será fornecida assistência imediata, integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, sem ônus ao SUS e com ônus aos pesquisadores. A pesquisa pode ajudar na proposição de intervenções que visam à melhoria de um espaço público no entorno de uma Unidade Escolar e a construção de subsídios para a formulação de políticas públicas municipais.

Para participar desta pesquisa, as crianças não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se as crianças tiverem algum dano por causa das atividades que fizermos com elas nesta pesquisa, elas têm direito de solicitar indenização.

Elas terão todas as informações que quiserem sobre esta pesquisa e estarão livres para participar ou recusar-se a participar. A participação delas é voluntária e o fato em não participarem não vai trazer qualquer penalidade para elas. Os resultados da pesquisa estarão à disposição dos responsáveis por elas quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação das crianças não será liberado sem a permissão dos responsáveis por elas. As crianças não serão identificadas em nenhuma publicação.

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar como testemunha assentimento das crianças participantes da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Botucatu, ____ de _____ de 2026

Assinatura do(a) responsável

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Pesquisador Responsável: André Santachiara Fossaluza
Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências (IBB), Botucatu
Contato: (14) 3880-0172 | andre.fossaluza@unesp.br

APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO PARA COLETA DE DADOS

1. Qual sua relação com a escola? *

- [ ] Pai/Mãe ou Responsável de aluno(a)
- [ ] Morador(a) da região
- [ ] Funcionário(a) da escola
- [ ] Professor(a), coordenador(a) ou diretor(a) da escola

2. Com qual frequência você visita ou passa pela praça? *

- ( ) Diariamente
- ( ) 3 a 4 vezes por semana
- ( ) 1 a 2 vezes por semana
- ( ) Raramente (menos de 1 vez por semana)

3. Quanto tempo você costuma permanecer na praça por vez? *

- ( ) Apenas de passagem
- ( ) Menos de 15 minutos
- ( ) De 15 a 45 minutos
- ( ) Mais de 1 hora

4. Em relação à iluminação da praça no período da noite, você considera:

- ◯ Muito boa
- ◯ Boa
- ◯ Regular
- ◯ Pouca/Insuficiente
- ◯ Inexistente

5. Quanto você considera que a praça é segura para uma criança brincar sem o acompanhamento de uma pessoa adulta?

- ◯ Muito segura
- ◯ Pouco segura
- ◯ Nada segura

6. Como você avalia a conservação das calçadas e bancos (acessibilidade)?

- ◯ Muito conservados
- ◯ Pouco conservados
- ◯ Nada conservados (precisam de reforma urgente)

7. Quanto o barulho e o fluxo de carros atrapalham a permanência na praça?

- ◯ Atrapalham muito
- ◯ Atrapalham pouco
- ◯ Não atrapalham

O quanto você gostaria de ver os seguintes elementos em uma nova praça? *

	Muito	Pouco	Indiferente
Brinquedos modernos	○	○	○
Mais árvores e sombras	○	○	○
Rampas e pisos acessí…	○	○	○
Espaços para sentar e …	○	○	○
Pontos de água	○	○	○

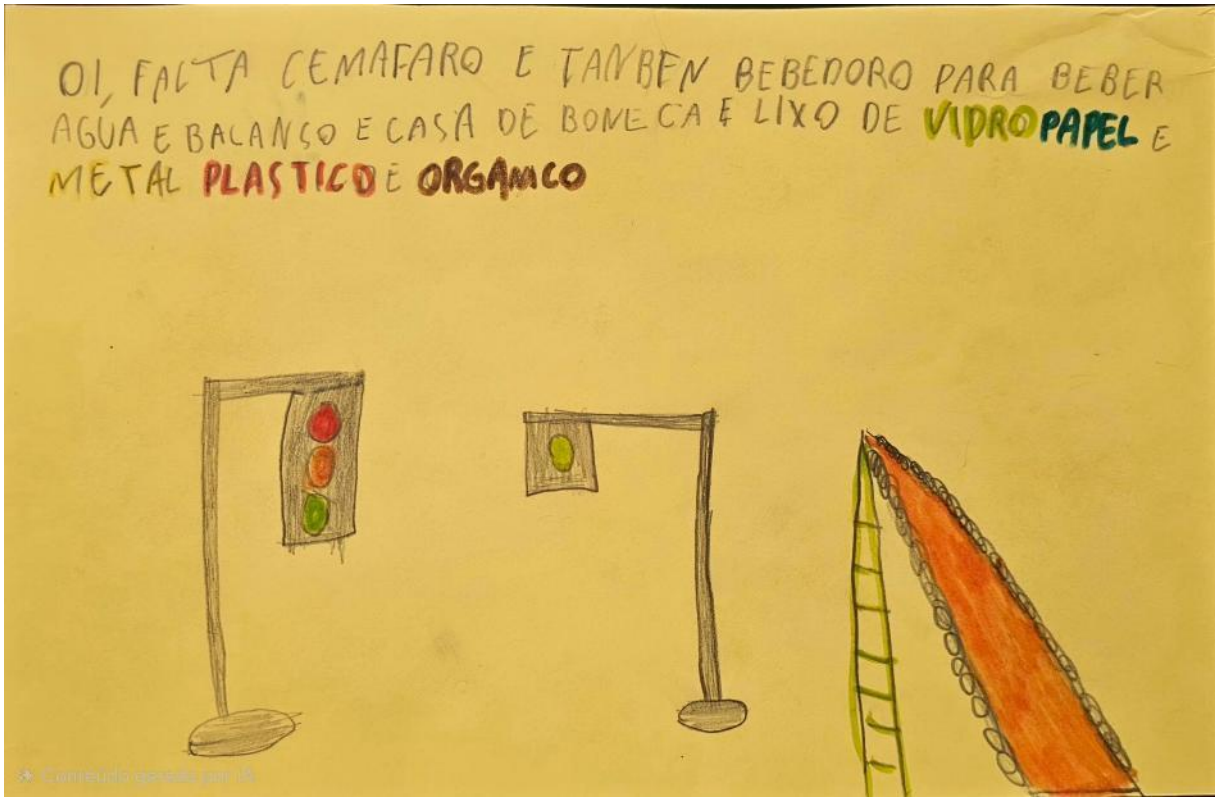
Se você pudesse mudar alguma coisa hoje na praça, o que seria? *

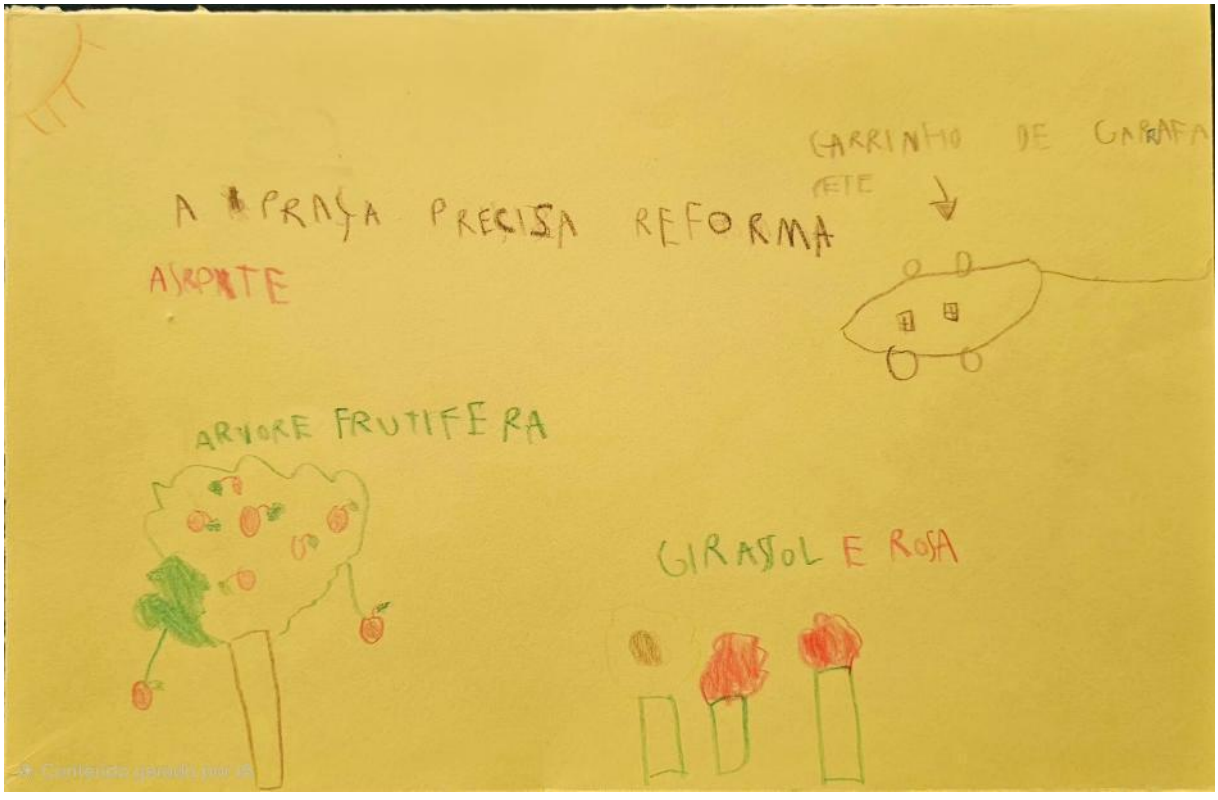
Texto de resposta curta

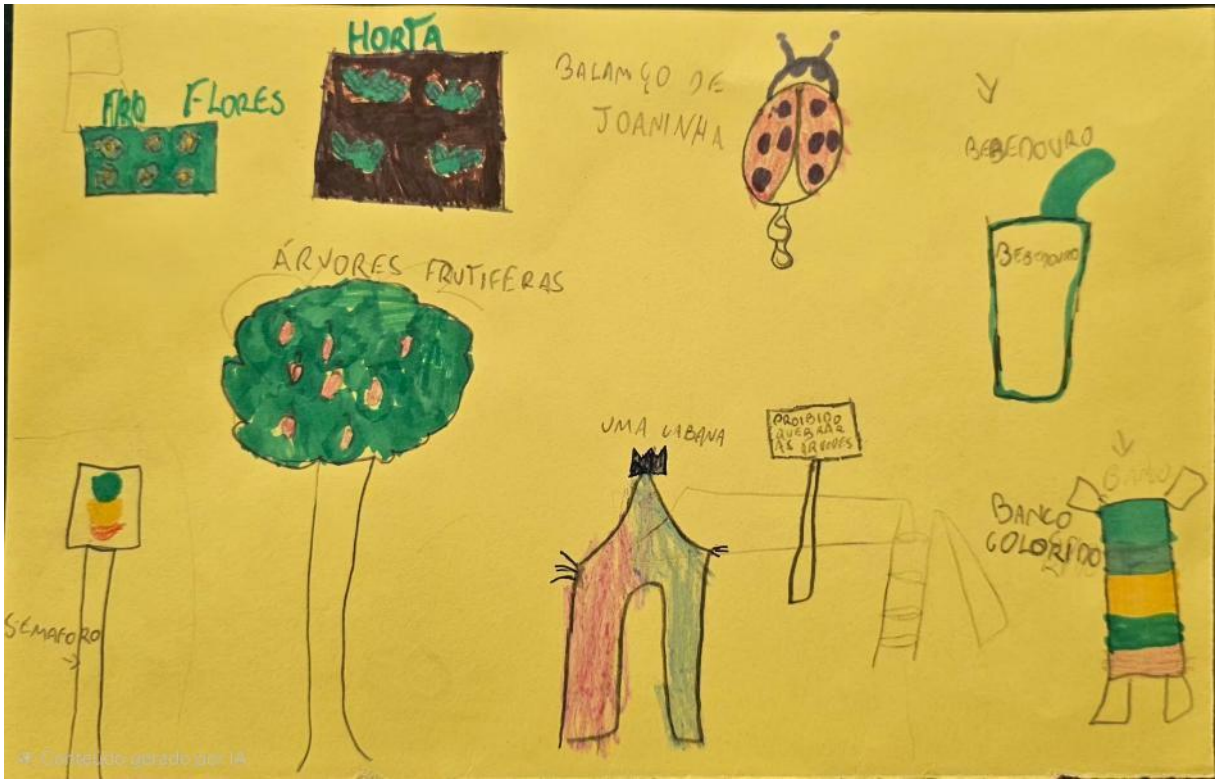
Caso queira trazer outra sugestão, comentário ou crítica, utilize este espaço livremente

Texto de resposta longa

APÊNDICE 5 - DESENHOS ELABORADOS PELAS CRIANÇAS DURANTE AS OFICINAS PARTICIPATIVAS

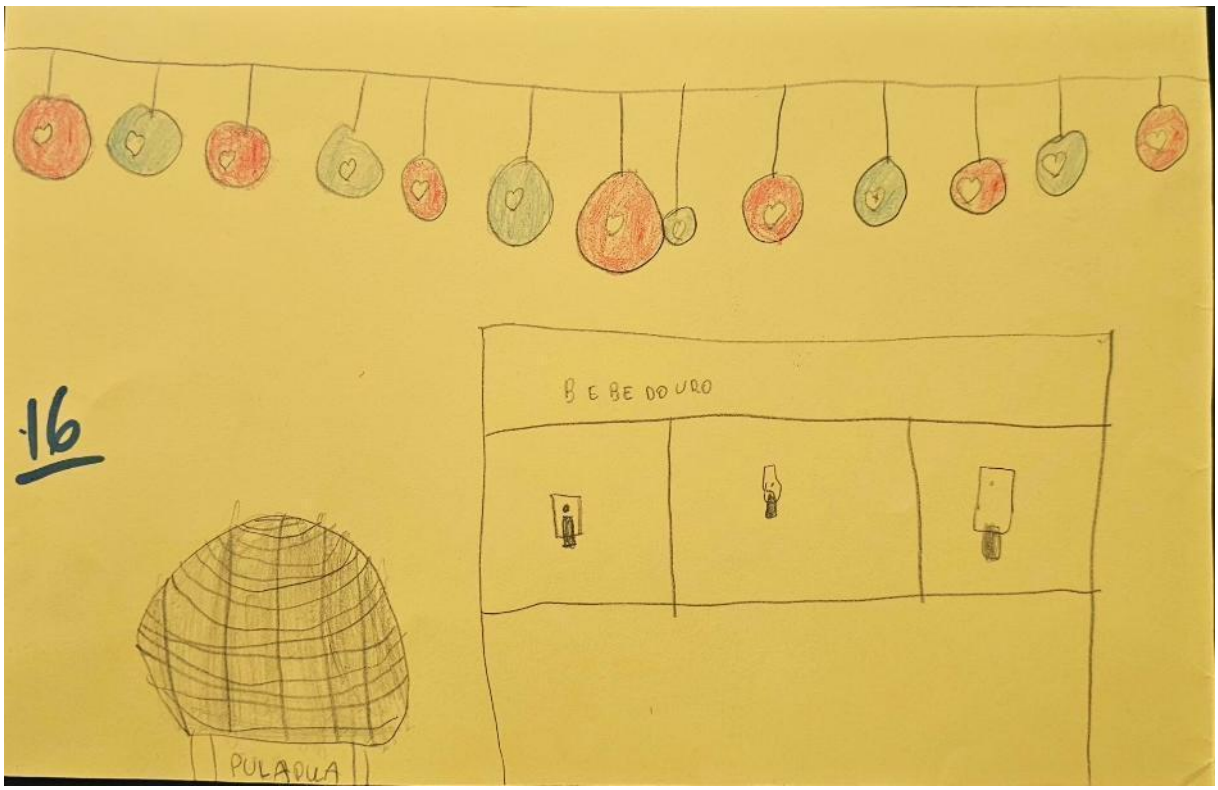

OI, FALTA CEMAFARO E TAMBEN BEBEDORO PARA BEBER
AGUA E BALANÇO E CASA DE BONECA E LIXO DE VIDRO PAPEL E
METAL PLASTICO E ORGAMCO


A PRAÇA PRECISA REFORMA
ASFALTE
CARRINHO DE GARRAFA
PETE
ARVORE FRUTIFERA
GIRASOL E ROSA


HORTA
FLORES
BALANÇO DE JOANINHA
ÁRVORES FRUTÍFERAS
UMA LIXEIRA
SEMÁFORO
BANCO COLORIDO

500
AGUAS SEM GÁS

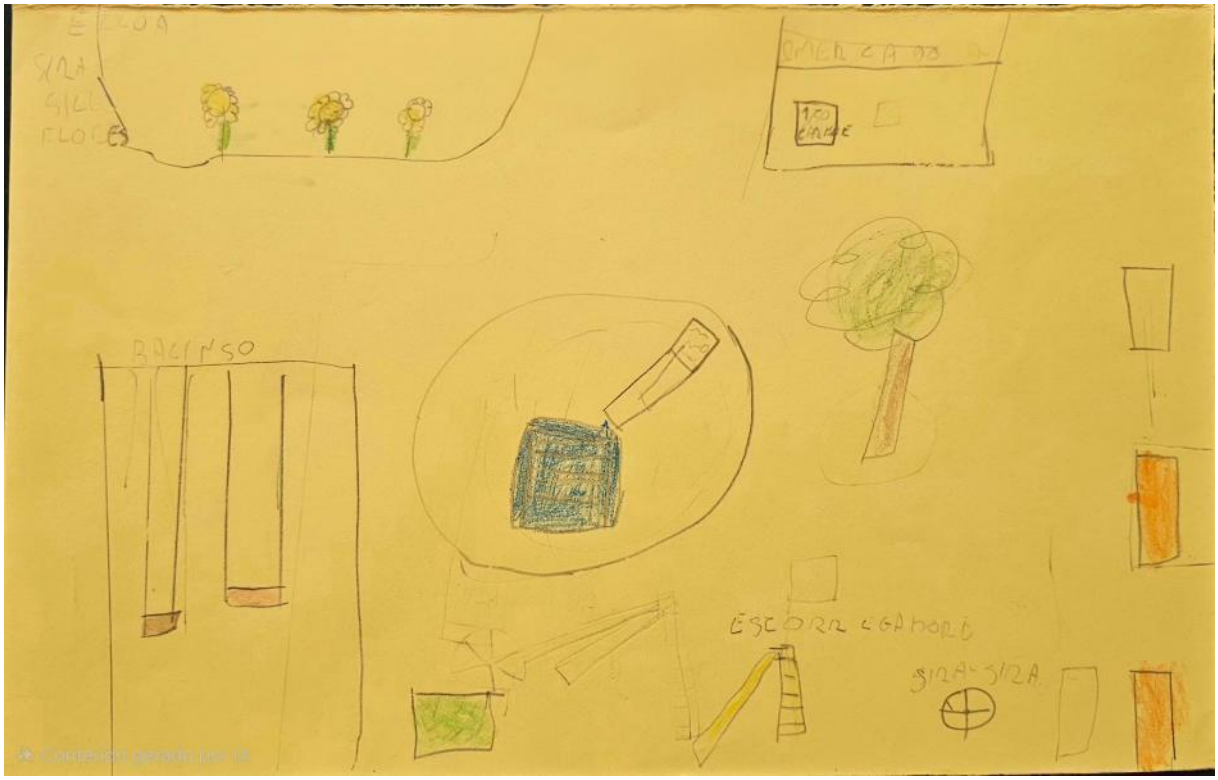
Amarelinha
10
8
9
7
5
6
4
3
2
1
Amarelinha
3ºA

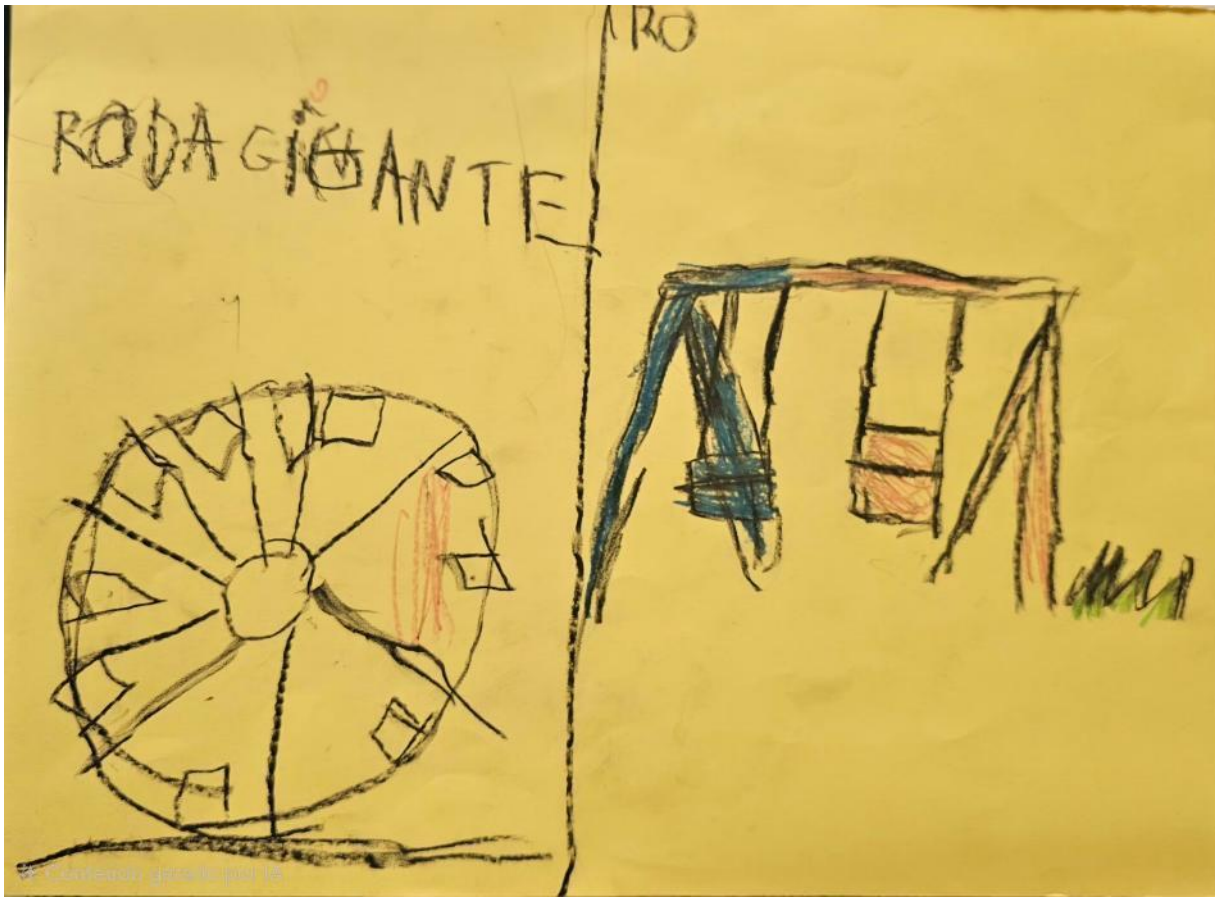

16
BEBEDOURO
PULADOA

FLORES

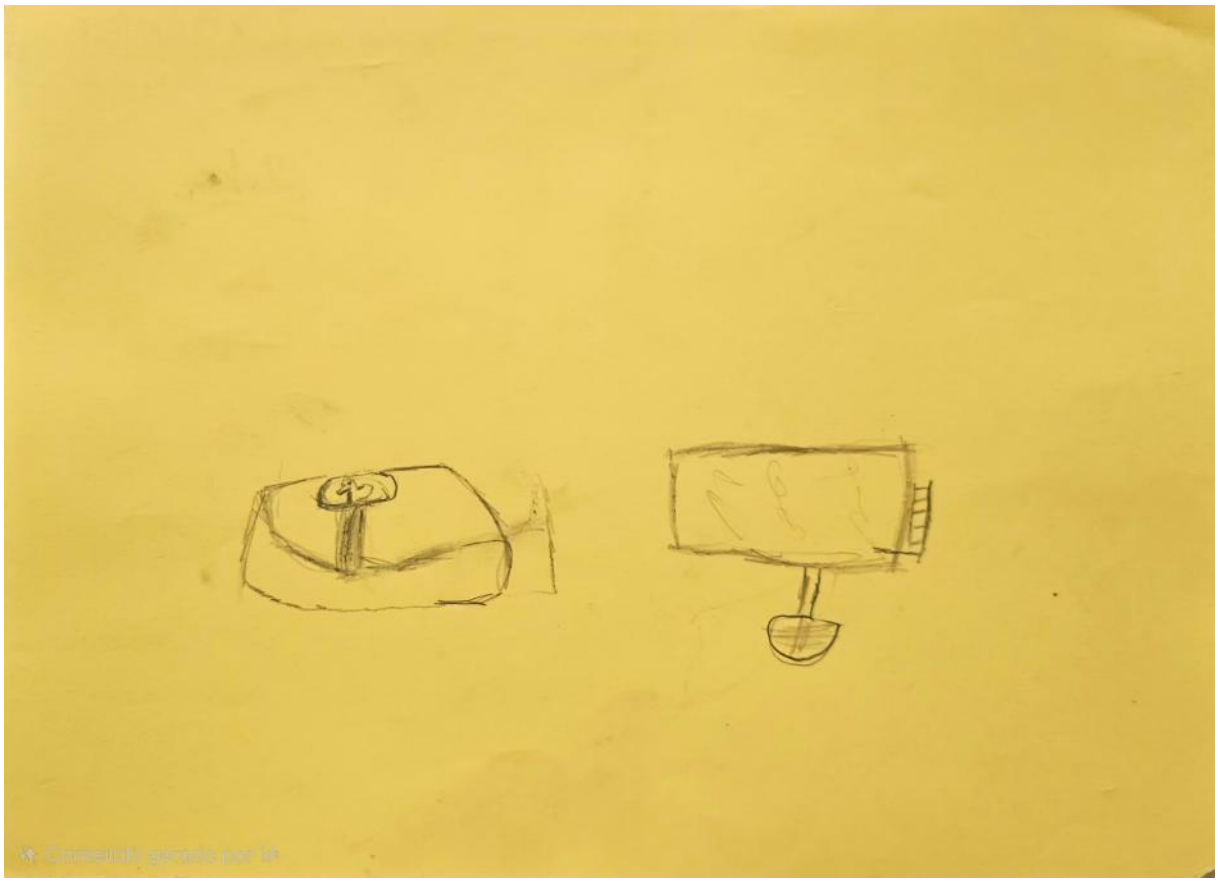
PISINA DE BOLINHA
CADEIRA

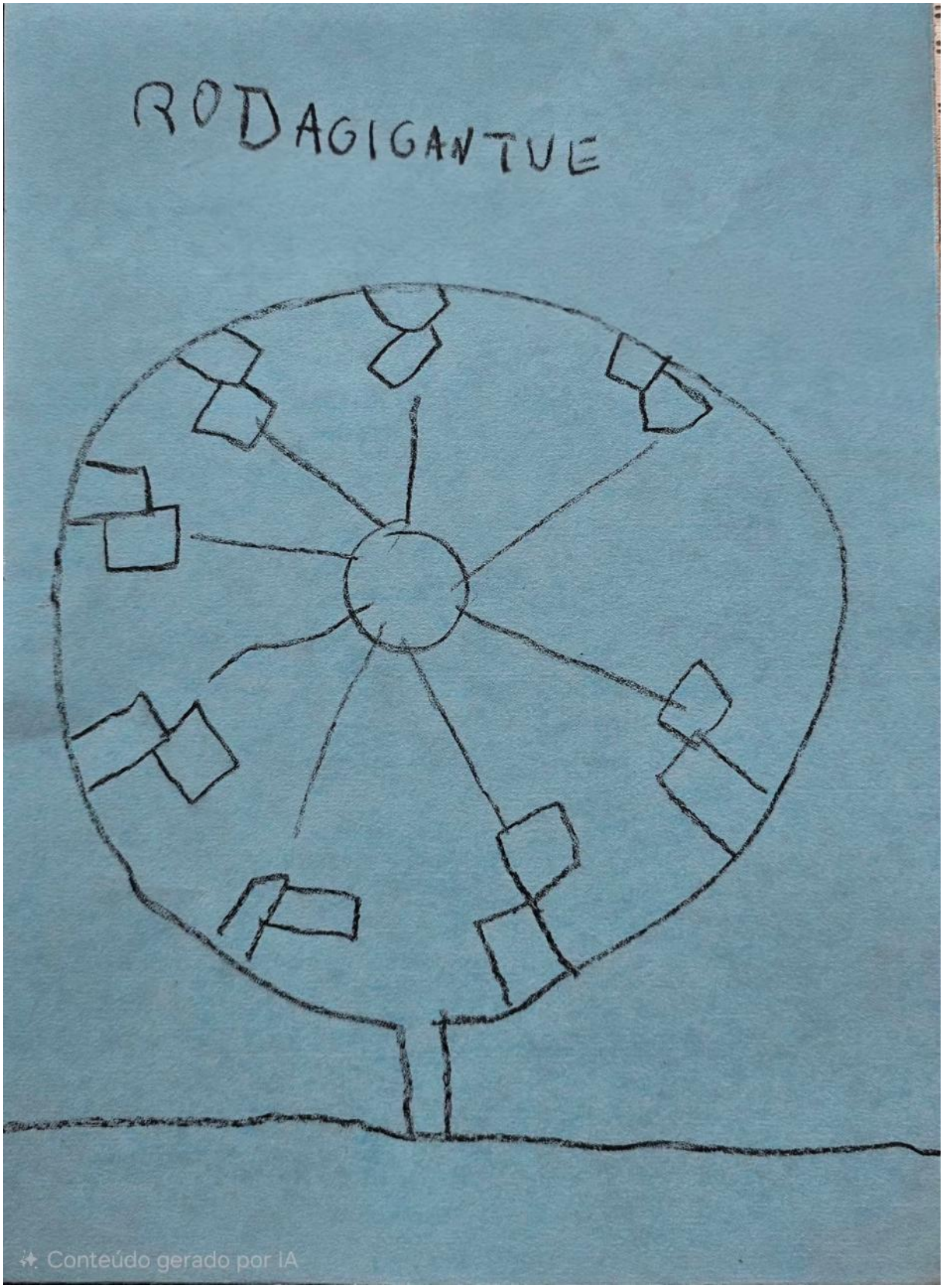
UM ESPASO PARA MENINA E MENINO BRINCAR
UM PULA PULA EM FORMATO DE CASTELO MEDIO
CAMERA
BEBEDOURO
CAMERA
FACHA DE PE DESTRO
FACHA
POLICIA

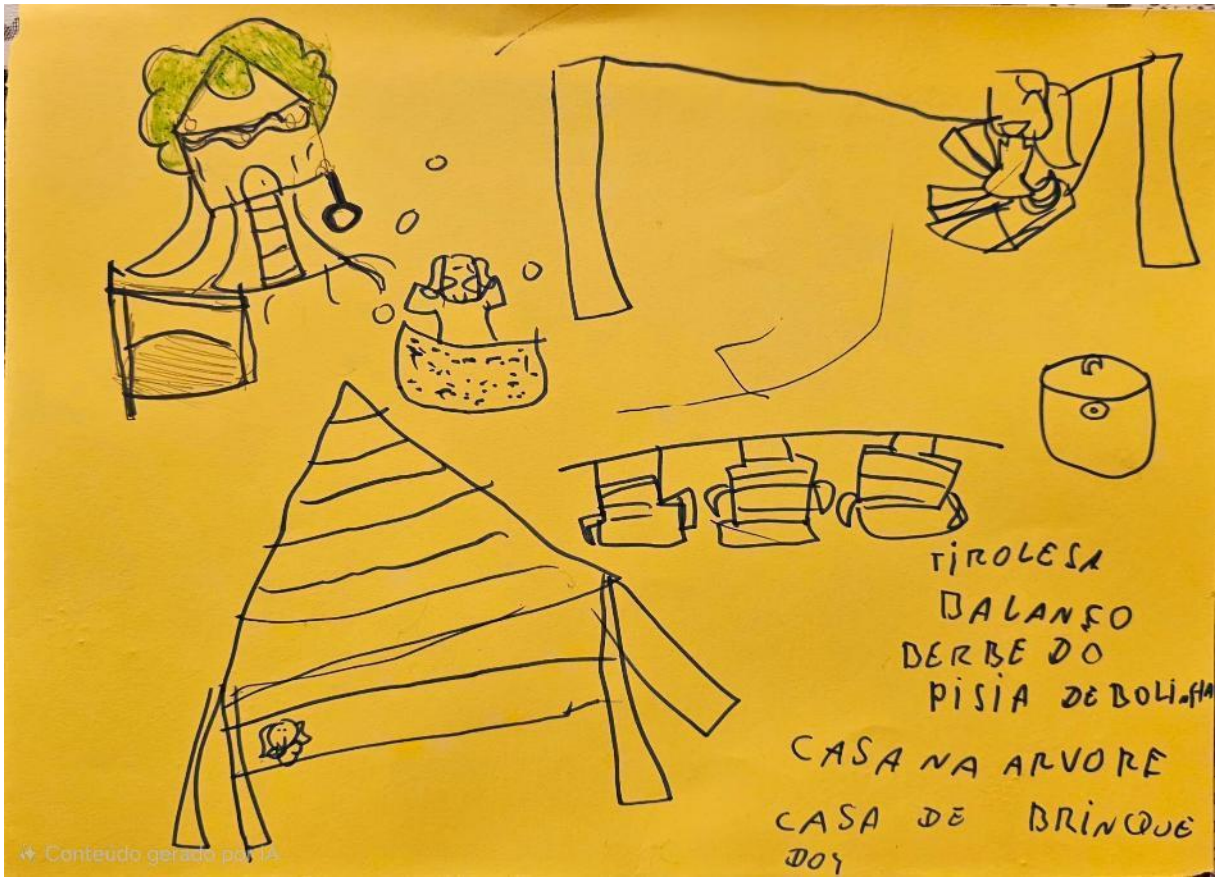

BALANÇO
ESCORREGADOR
SIZA-SIZA

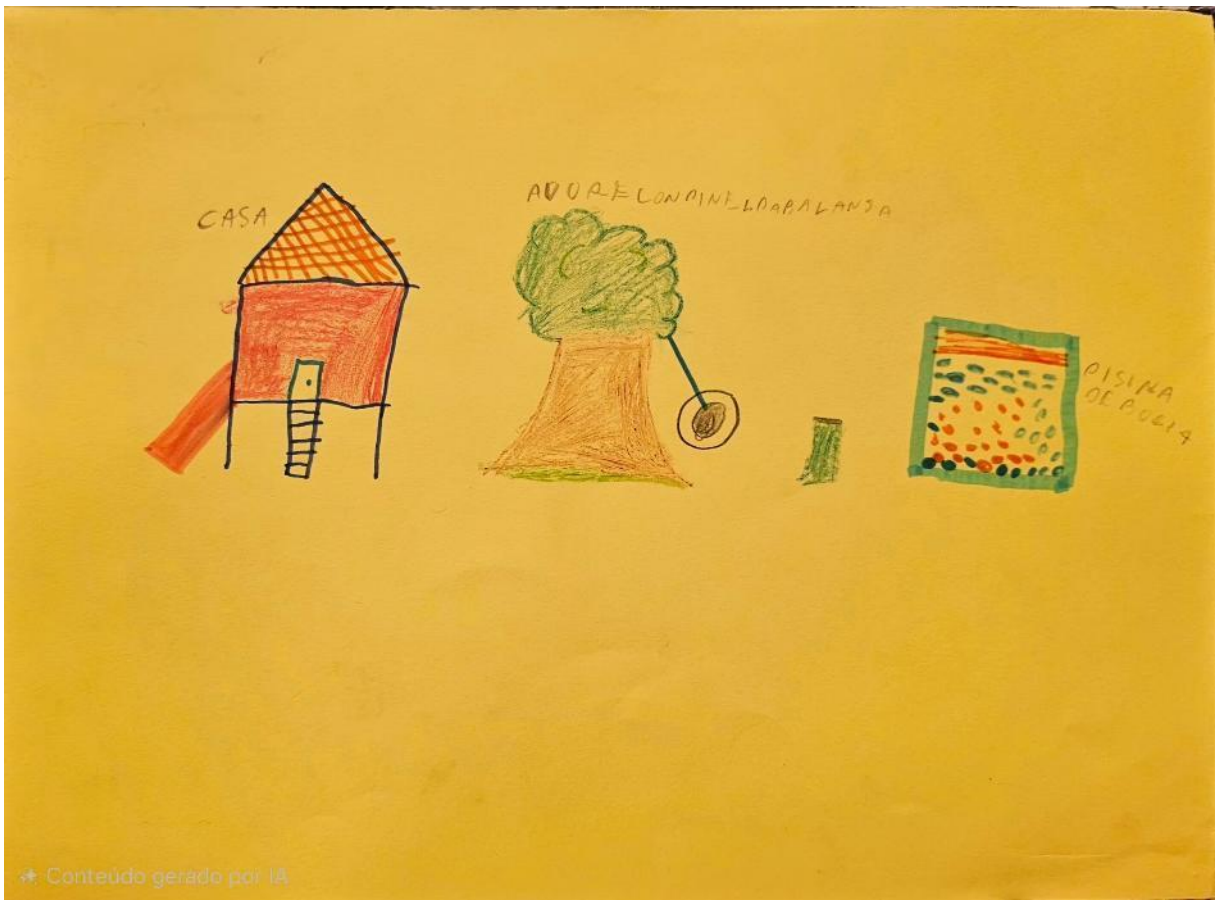

RODA GIGANTE

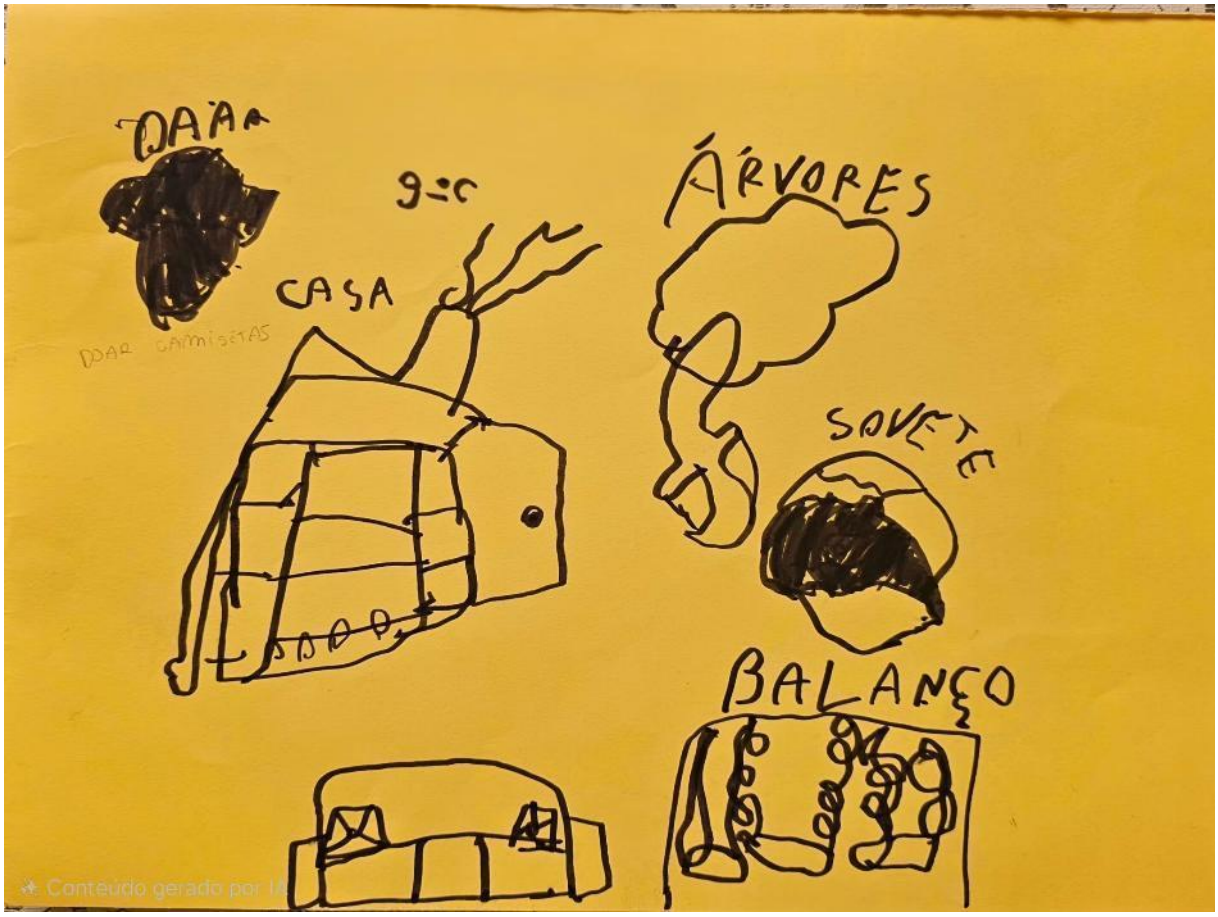
TO
MORAN
AMORA

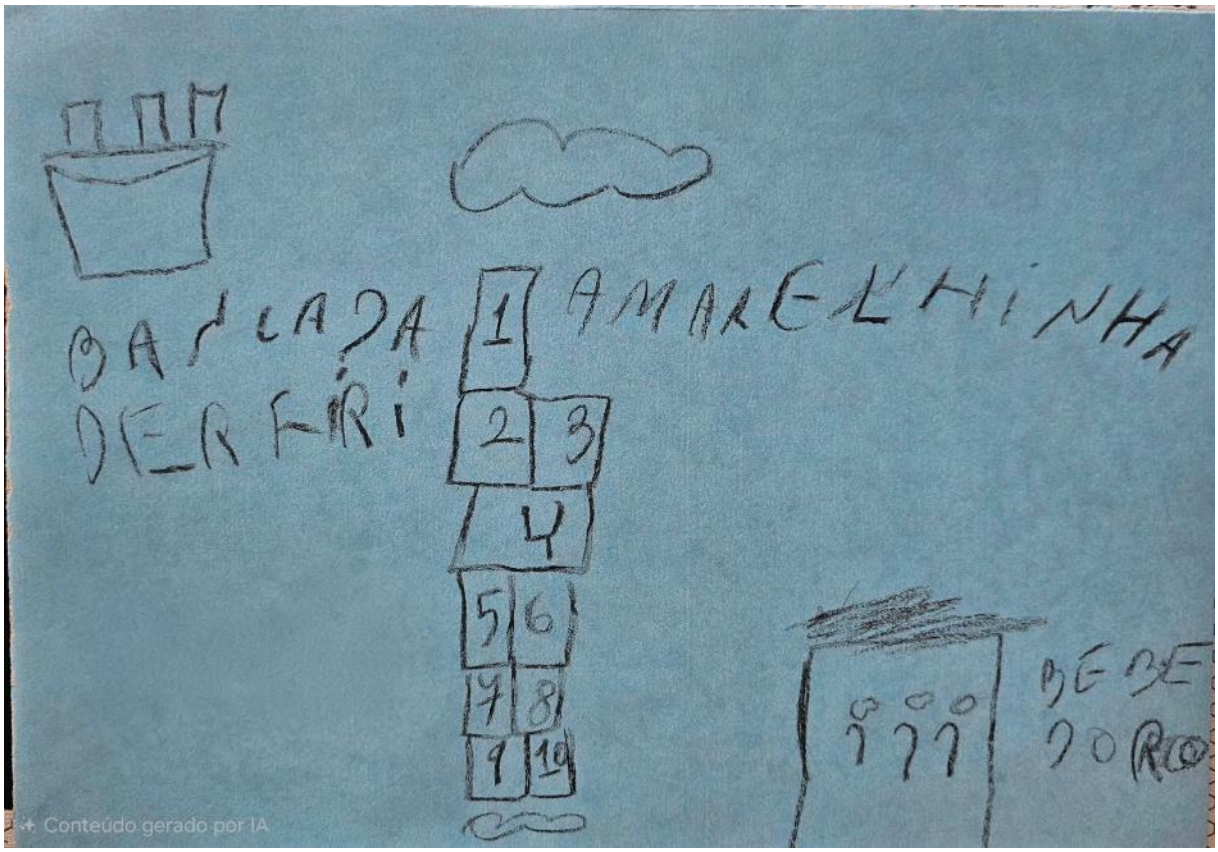


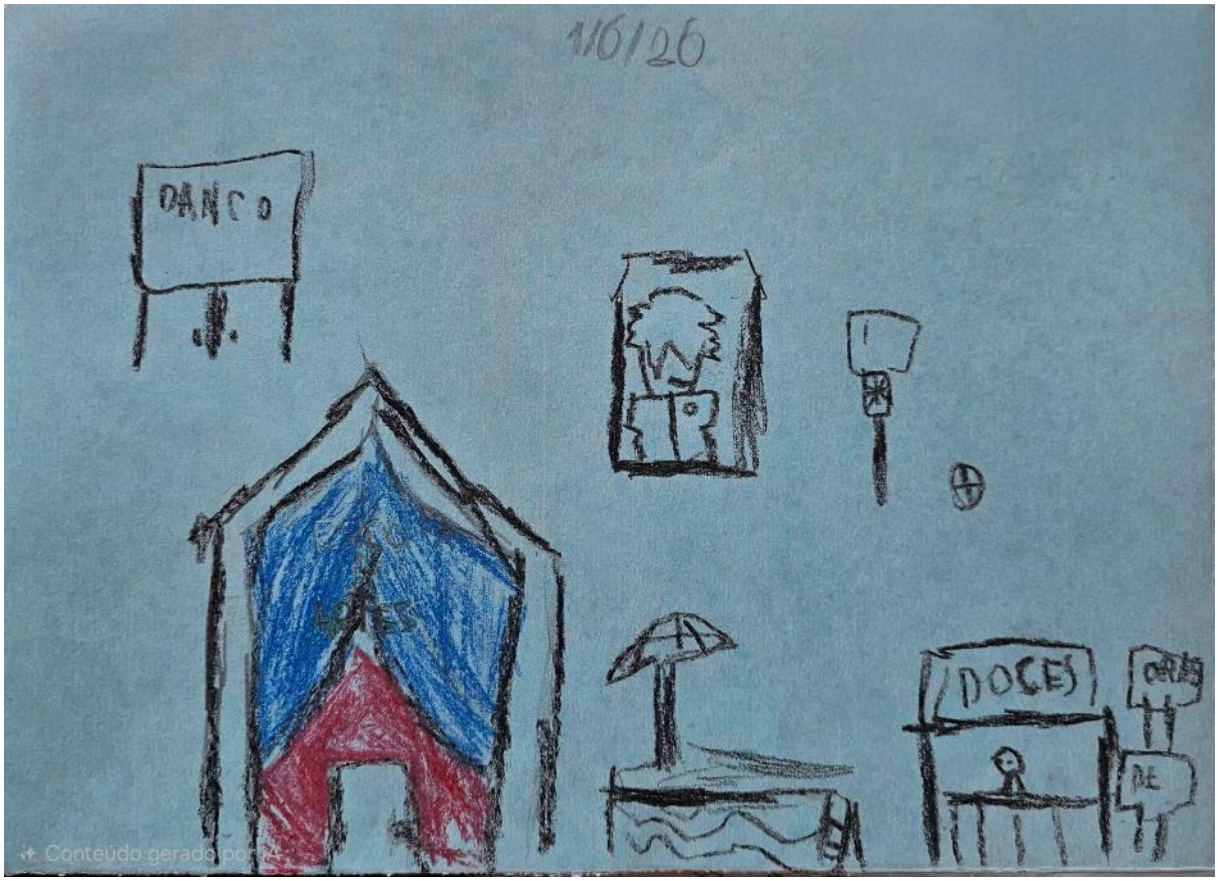

RODA GIGANTE
✨ Conteúdo gerado por IA

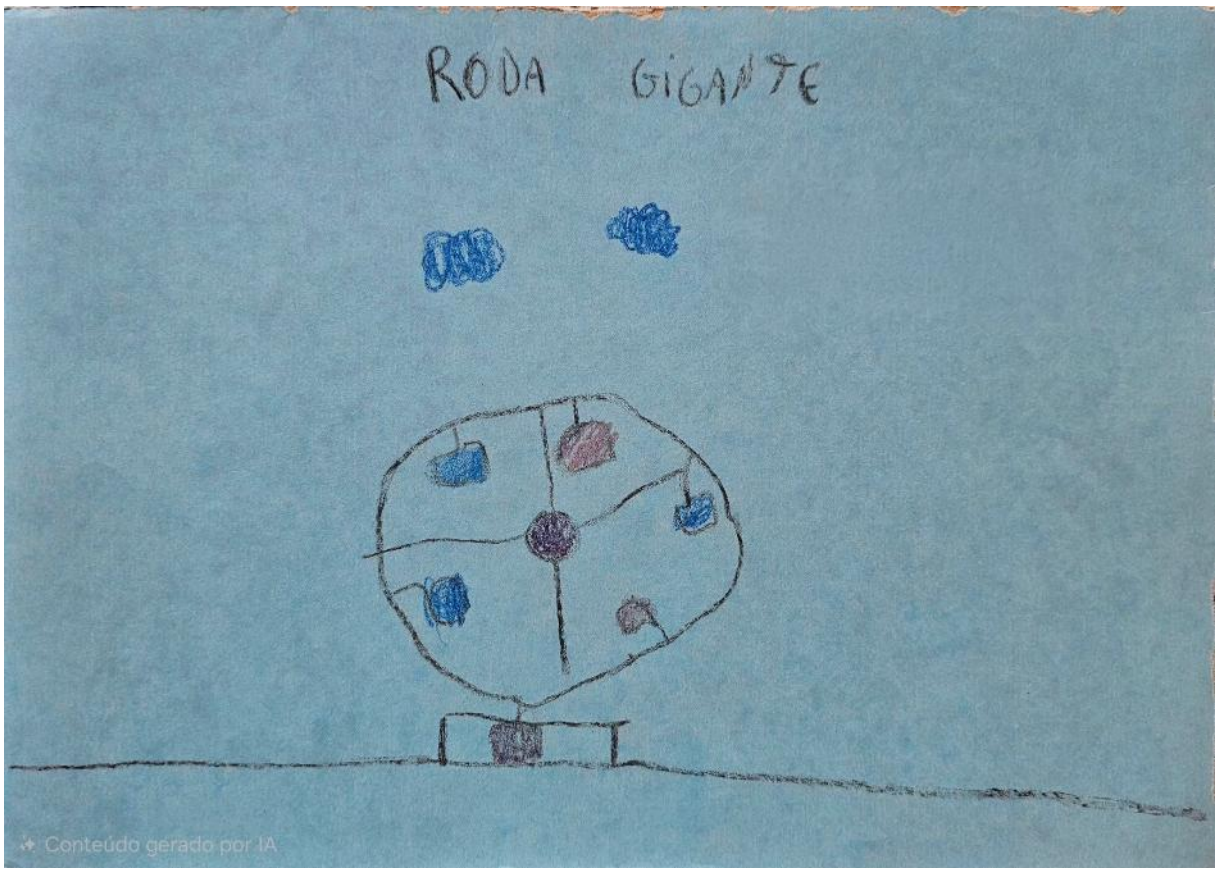

TIROLESA
BALANÇO
DERBE DO
PISIA DE BOLINHA
CASA NA ARVORE
CASA DE BRINQUE
DOS


CASA
ARVORE COM PINTURA BALANÇA
PISINA DE BOLINHA


CASA
ÁRVORES
SOVETE
BALANÇO
Conteúdo gerado por IA

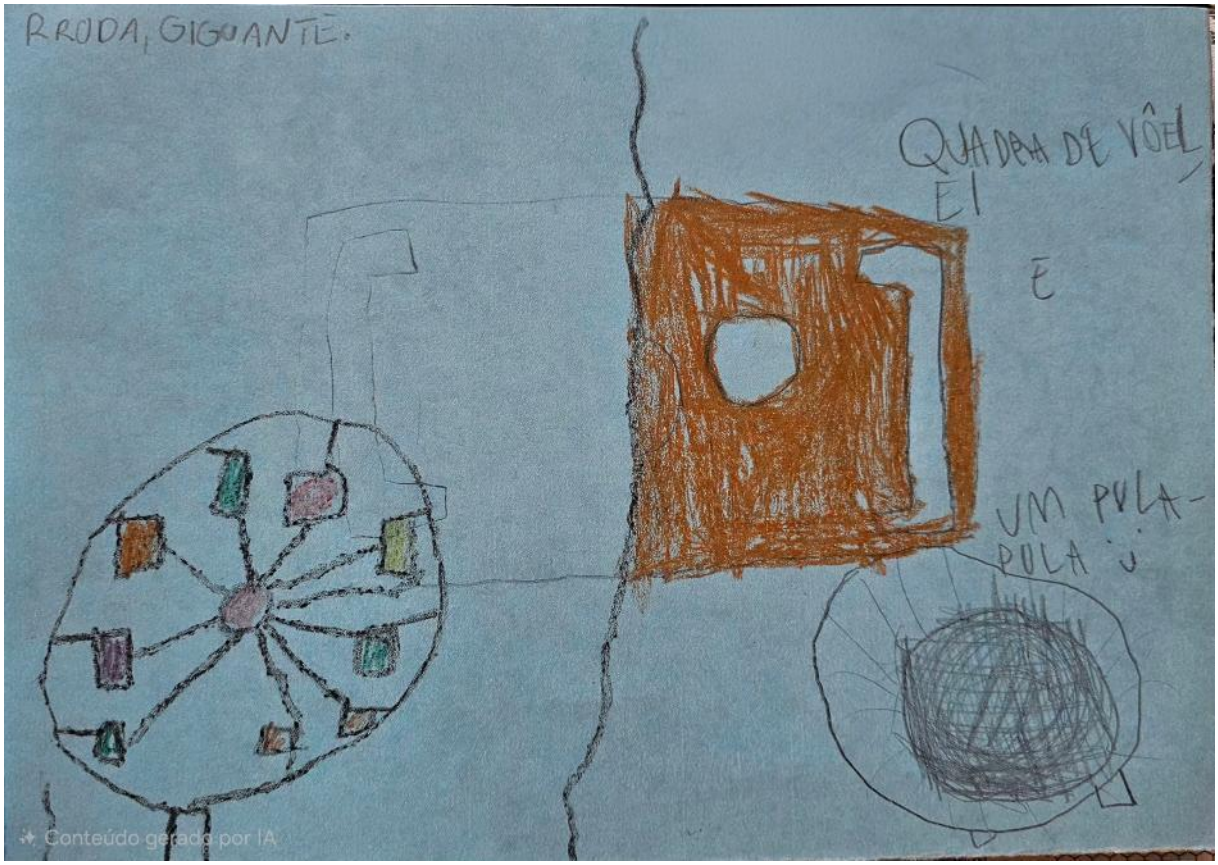

AMARELINHA
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Conteúdo gerado por IA

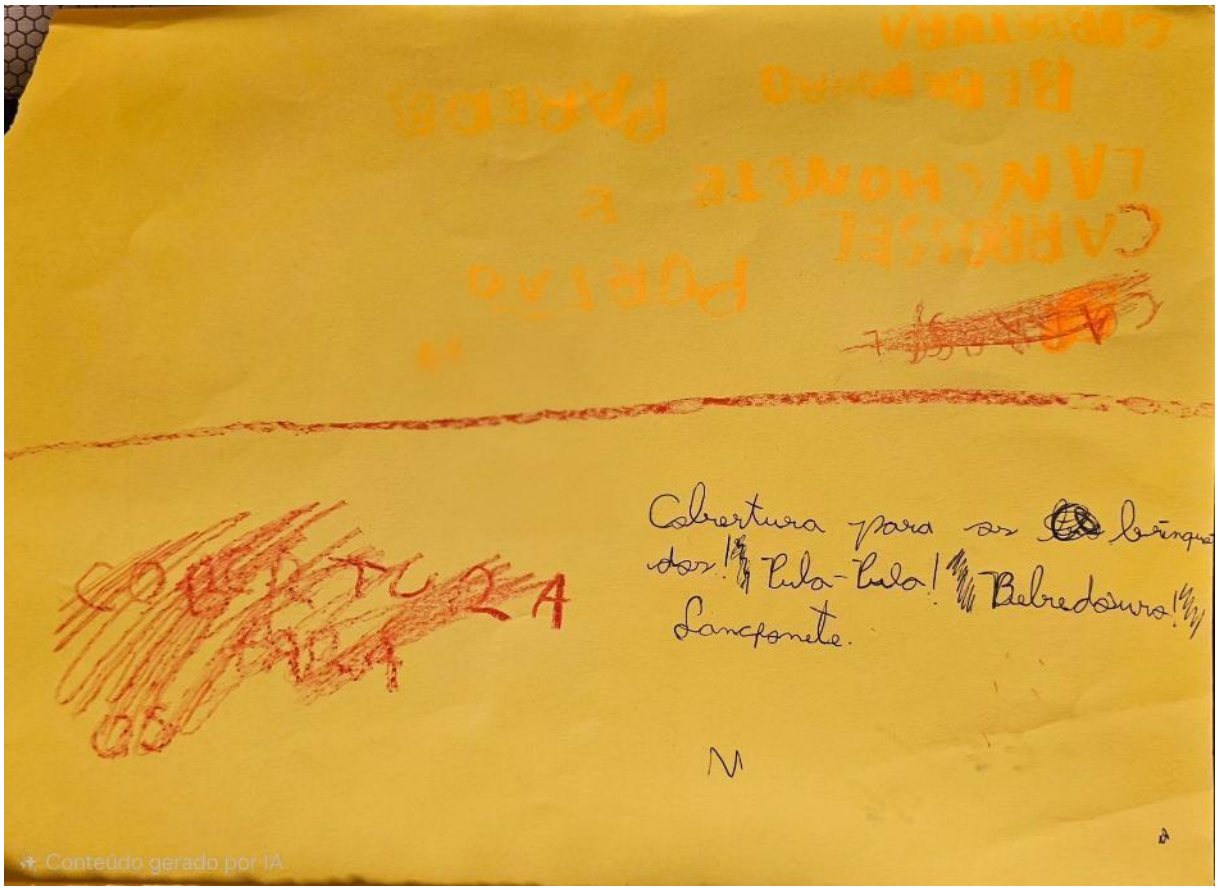

1/6/26
BANCO
DOCES


RODA GIGANTE

Roda Gigante com Luz
Conteúdo gerado por IA

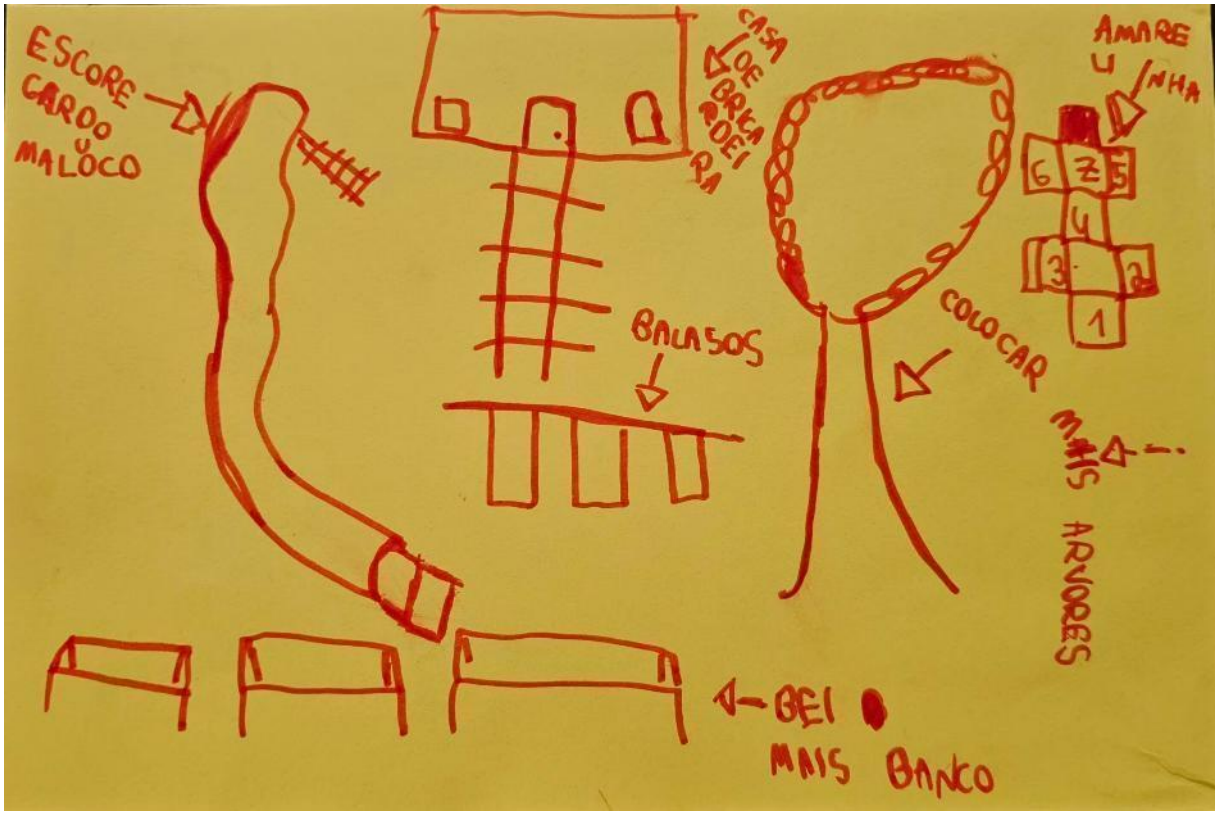
CAMPO DE FUTBOL
Conteúdo gerado por IA


RRODA, GIGUANTE.
QUADRA DE VÔEL
É!
É
UM PULA-PULA :)
✨ Conteúdo gerado por IA

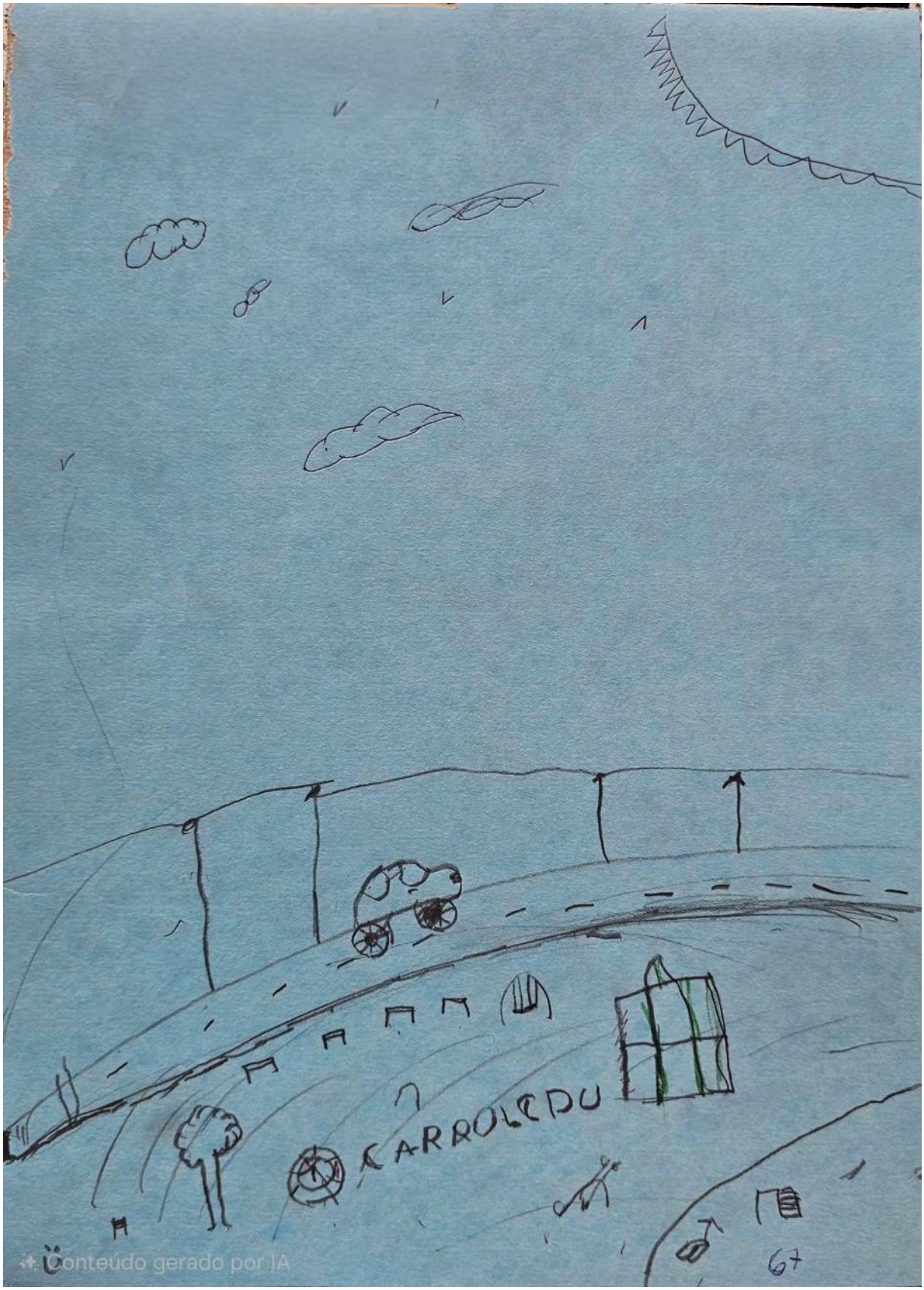

Cobertura para as brincadeiras! Pula-pula! Bebredouro!
Lanchonete.
✨ Conteúdo gerado por IA

CASA PARA AS BONECAS
O BRINQUEDO
DE ESCALAR
E MUITO PERI
OLHAR ELE,
POR FAVOR
UM LUGAR
PARA MENI
NAS

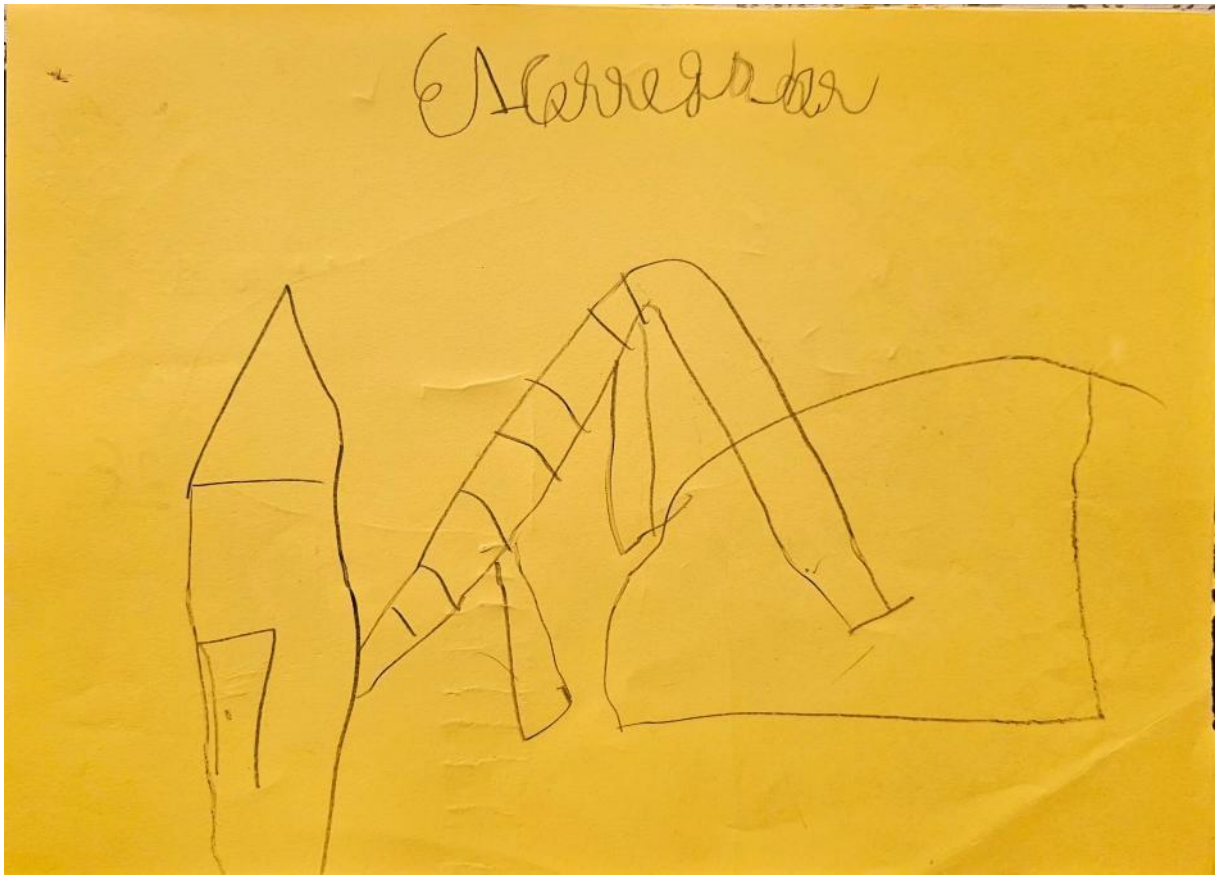
COR
AULA
PULA
RIRA SOL

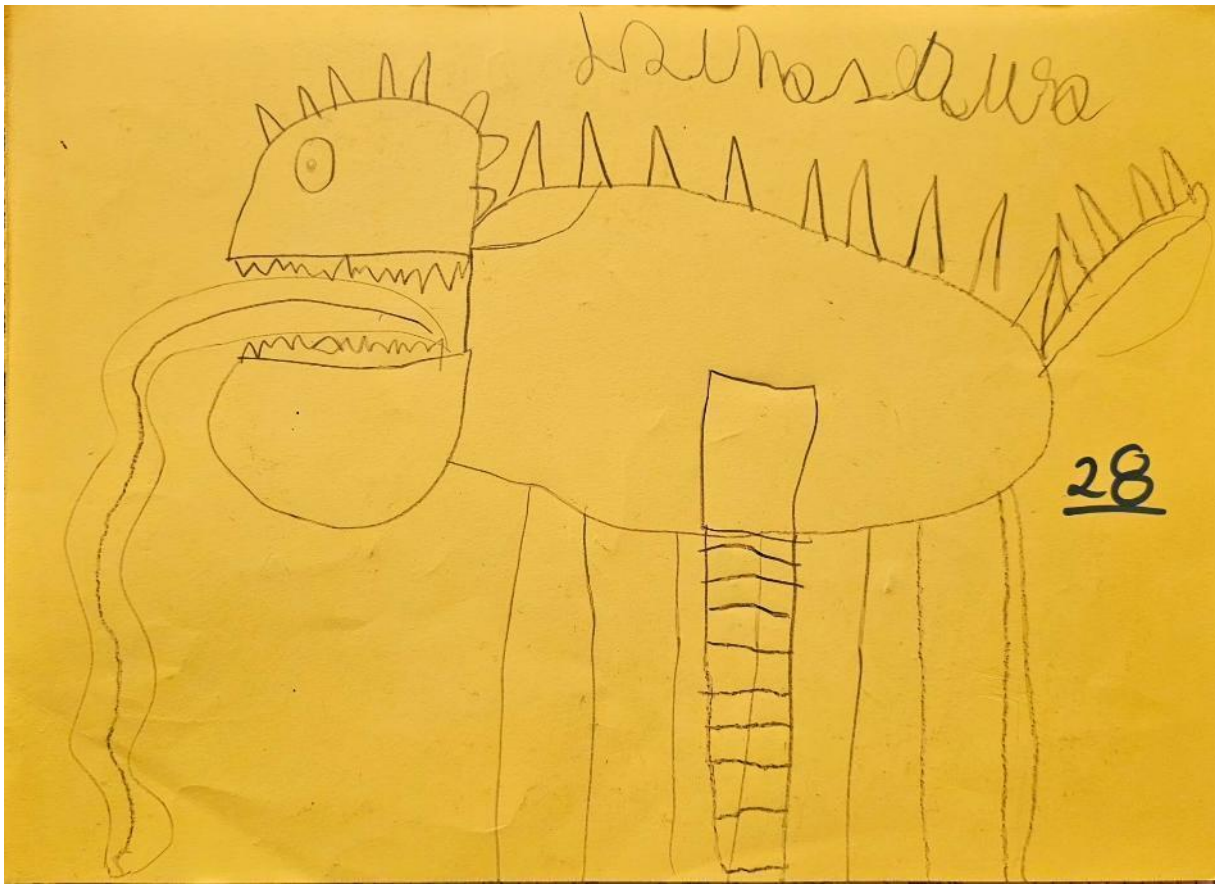

ESCORE
CARRO
MALOCO
CASA DE BRINCAR DE I RUA
AMARE U INHA
BALANSOS
COLOCAR
MAIS ARVORES
MAIS BANCO

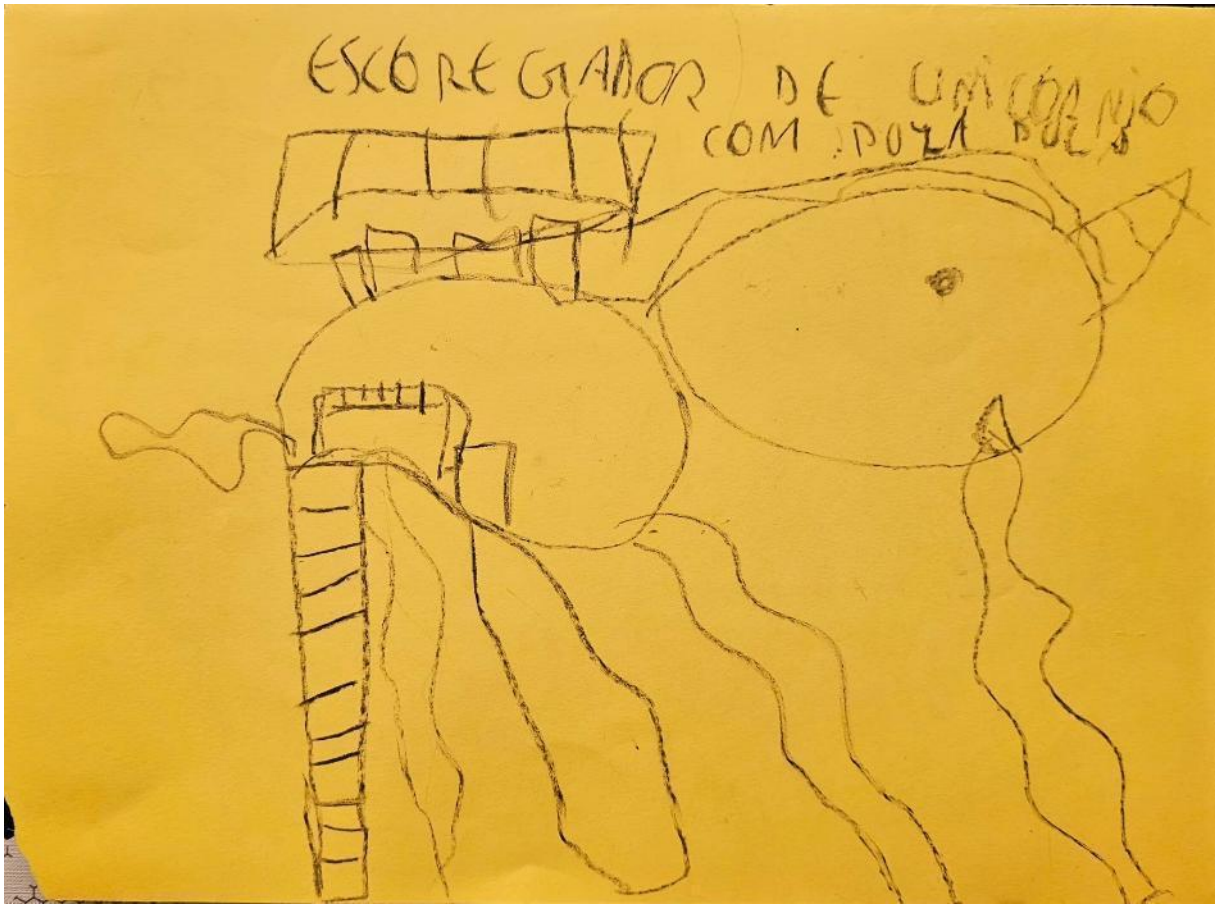
Conteúdo gerado por IA



✨ Conteúdo gerado por IA




28


ESCOREGADOR DE UM CORPO
COM POUCA BOCA